

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Campus Baixada Santista

BRUNA MAZZINI DA SILVA

O ESPETÁCULO DAS DANÇAS URBANAS

Um estudo sobre as batalhas

Santos

2011

BRUNA MAZZINI DA SILVA

O ESPETÁCULO DAS DANÇAS URBANAS:

Um estudo sobre as batalhas

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como parte dos requisitos
curriculares para obtenção do título de
bacharel em Educação Física – Modalidade
Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra

Santos

2011

BRUNA MAZZINI DA SILVA

O ESPETÁCULO DAS DANÇAS URBANAS:

Um estudo sobre as batalhas

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso defendido por Bruna Mazzini da Silva e aprovado pela Banca Examinadora em 06/12/2011.

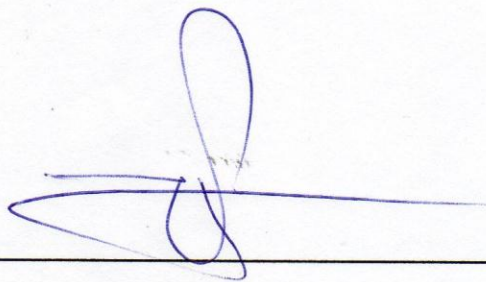
Prof. Dr. Vinicius Demarchi Silva Terra

Orientador

Santos

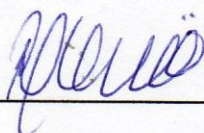
2011

BANCA EXAMINADORA

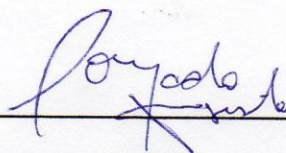


Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra

Orientador



Prof. Dr. Rogério Cruz de Oliveira



Prof. Dr. Conrado Augusto Gandara Federici

Agradecimentos

Quero agradecer a todos que me ajudaram de alguma forma para a realização desse trabalho.

Aos meus pais que, apesar da distância sempre me apoiaram em tudo.

Ao meu orientador que me acompanhou em todas as etapas deste trabalho e esteve ao meu lado me ajudando.

Aos meus amigos e companheiros de curso por essa longa jornada juntos.

A todos os dançarinos que cederam seu tempo e colaboraram com a pesquisa e de alguma forma mudaram minha vida.

Resumo

O presente estudo destina-se a conhecer a cultura Hip Hop e seus modos de competição, mais especificamente a batalha, a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada e a observação participante. Assim, foram feitas entrevistas com dançarinos de danças urbanas e de break, com registro, transcrição e interpretação segundo o método de análise de conteúdo de Bardin. Os resultados mostraram que estas danças são uma prática corporal urbana complexa e tipicamente contemporânea, cujos elementos identitários, estéticos, políticos e urbanos se sobressaem, sendo analisados a partir das seguintes discussões conceituais: a) Jogo, improvisação e identidade; b) Dança, esporte e espetáculo; c) Corpo, cidade e contracultura. A partir disso, considera-se a importância de alguns elementos do hip hop na vida das pessoas, apontando-se que as práticas corporais urbanas possuem uma caracterização cultural diferente de qualquer outra, tanto do esporte quanto da dança, sendo necessários mais estudos na Educação Física sobre este assunto.

Palavras – chave: Dança, Danças Urbanas, Hip Hop, Batalha, Improvisação.

Abstract

The present study is destined to know the culture Hip Hop and its modes of competition, more specifically the battle, from a research qualitative descriptive type, using as an instrument for collecting data to semi-structured interviews and participant observation. Thus, interviews were conducted with dancers of urban dances and of break, with registration, transcription and interpretation according to the method of content analysis of Bardin. The results showed that these dances are a complex urban and typically contemporary corporal practice, whose identity elements, aesthetic, political and urban stand out, being analyzed from the following conceptual discussions; a) Game, improvisation and identity; b) Dance, sport and spectacle c) Body, city and counter-culture. From this, we consider the importance of some elements of hip hop in people's lives, pointing out that the urban body practices have cultural characteristics unlike any other, both sport and dance, more research is needed in Physical Education on this subject.

Keywords: Dance, Urban Dance, Hip Hop, Battle, Improvisation.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Sequência de Batalha.....	16
Figura 2 – Sequência de Batalha.....	16
Figura 3 – Sequência de Batalha.....	17

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
HISTÓRICO.....	14
MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
RESULTADOS.....	23
O HIP HOP E OS SUJEITOS DAS DANÇAS URBANAS.....	23
A PREPARAÇÃO E A FORMAÇÃO DA/PARA BATALHA.....	30
A BATALHA.....	35
A BATALHA E A VIDA.....	45
DISCUSSÃO.....	48
JOGO, IMPROVISACÃO E IDENTIDADE/ALTERIDADE.....	48
DANÇA, ESPORTE E ESPETÁCULO.....	52
CORPO, CIDADE E CONTRA-CULTURA.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
APÊNDICE 1.....	62
APÊNDICE 2.....	76
APÊNDICE 3.....	77
APÊNDICE 4.....	78
APÊNDICE 5.....	80
APÊNDICE 6.....	122

1. Introdução

O meu interesse pelo *Street Dance* vem desde criança. Aos sete anos comecei a frequentar aulas de jazz em um conservatório da minha cidade e a partir daí o interesse só cresceu. Desde cedo, o maior problema foi o preconceito com essa modalidade de dança: meus pais apenas deixavam-me frequentar as aulas de jazz. A de dança urbana, por ter a maioria de meninos, eu não podia fazer.

É por essa paixão pela dança e pelo preconceito que sofri e que muitas pessoas sofrem, tanto na área das artes como na área esportiva, assim como pela falta de estudos sobre o tema das danças urbanas, que resolvi estudar a cultura do hip hop. Durante minha formação no curso de Educação Física da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), fiz parte de um grupo de dança urbana formado por alunos da faculdade, dos diferentes cursos, tendo como professor um dos funcionários e também ex-dançarino da modalidade, as aulas aconteciam no próprio espaço da faculdade, dentro das salas de aula, todos mobilizavam-se para tirar cadeiras e deixar a sala livre e depois arrumá-la novamente, pois a gestualidade do dançarino de rua se constrói em espaços informais, como é o caso das salas de aula que usávamos nos intervalos entre as aulas dos cursos diurnos e noturnos na Unidade da Ponta da Praia do Campus¹.

Este grupo, que trabalhou junto durante um ano, contava com a orientação de um dançarino que trabalhava como segurança do Campus, ou seja, não possuía sequer uma formação universitária. No entanto, toda vez que nos reuníamos às quintas-feiras, às 18h, ele deixava de ser segurança do estacionamento e se tornava um mestre de dança urbana de um grupo de universitários de várias formações.

Durante todo este tempo, o grupo ocorreu informalmente e sem apoio institucionalizado: simplesmente improvisávamos com o espaço das salas, afastando as cadeiras no final do expediente das aulas e começando o ensaio. A sala de aula transformava-se num palco, o segurança se tornava um mestre e os alunos, dançarinos urbanos. Naquele espaço precário, apertado e improvisado reuniram-se muitos alunos para aprender uma dança típica da cultura urbana contemporânea, com gestos, passos e movimentos coreográficos característicos, mas com variações regionais e em cada corpo.

1 Unidade II – Ponta da Praia – Campus Baixada Santista

Em 2010 surgiu a oportunidade de realizar um projeto de Iniciação Científica intitulado “O hip hop e a improvisação”, no qual investiguei a presença dos elementos do jogo e do improviso na cultura urbana e, mais especificamente, no *street dance*. Com este projeto, fui contemplada com uma bolsa PIBIC durante um semestre (1º semestre de 2011), o que me possibilitou fazer uma coleta de dados no município de Taquaritinga/SP e posteriormente analisar discursos sobre as práticas de *street dance* de 11 dançarinos de Taquaritinga/SP, a partir de entrevistas semi-estruturadas tematizando a cultura hip hop e o processo de formação do artista de rua, enfatizando os modos de treinamento e criação da dança e sua relação com a cidade.

A análise qualitativa foi feita a partir de transcrição do material recolhido e elaboração de conceitos-chaves, no qual se destacou como primeiro conceito a presença do jogo e do elemento da improvisação na construção da gestualidade, da dança e de toda cultura hip-hop. Discutiu-se a importância da improvisação dentro e fora da dança, concluindo que ela está presente em todos os aspectos e faz parte do próprio modo de viver dos dançarinos, associado às maneiras de enfrentar mudanças, situações novas e inesperadas.

Ao longo desta pesquisa, deparei-me com um fenômeno inesperado: as competições de danças urbanas, denominadas batalhas.

Por serem restritas à comunidade hip hop, quase não há divulgação desse tipo de evento, nem de campeonatos de dança urbana em geral, nem das batalhas de break, porém ocorrem a todo o momento, com certa sazonalidade². Este tipo de evento não envolve somente a dança, mas a música e o jogo e tem um componente importante que está presente nas artes, no esporte e em nossa vida que se chama espetáculo.

Nas batalhas, no entanto, este espetáculo tem uma caracterização muito peculiar, pois é realizado num espaço urbano não específico, durante um tempo bastante longo (mais de quatro horas), de maneira improvisada, com inscrições, às vezes, em tempo real, jurados e participação corporal do público, além de outras características que tornam esta manifestação bastante diversa de um espetáculo esportivo ou artístico, parecendo apropriar-se destes de forma híbrida e contemporânea.

2 Como exemplos das batalhas que já têm um calendário estabelecido: Festival Batalha Final 2011, em São Paulo (Junho) e Festival Internacional de Dança Hip Hop, em Curitiba (Julho).

Em pesquisa de artigos e levantamento bibliográfico realizado, cruzando as palavras chaves³ dança, hip hop e Educação Física, não encontrei quaisquer resultados. Geralmente o hip hop está mais presente em artigos de dança e não tanto na Educação Física (SOARES *et al*, 2008). Isto pode nos levar a acreditar que os professores de educação física não estão tão bem preparados para esse tipo de conteúdo relacionado à dança, e tampouco lidar com os desdobramentos da dança urbana na sua manifestação espetacular - a batalha, ou então que estes são minoria.

Este tema é pouco explorado na literatura científica e somente encontramos referências em artigos e/ou estudos em sites e blogs pouco confiáveis, trazendo assim, informações erradas não só para matar a curiosidade de alguém como também pra quem pesquisa sobre o assunto. Conforme verifiquei em pesquisa, os próprios dançarinos profissionais criticam as informações existentes da internet, desqualificando boa parte dos sites e textos a respeito da cultura da batalha e da dança urbana em geral.

E, podemos de maneira sucinta, definir a problemática desta pesquisa a partir destas três perguntas: O que move uma batalha? Como se regula uma batalha? Que critérios definem a vitória de uma batalha?

Interessa-nos, pois, investigar os motivos pelos quais os dançarinos urbanos batalham, como funcionam as suas regras, bem como quais os critérios estéticos e políticos utilizados pelos jurados destes espetáculos para qualificar e eleger o vencedor de uma batalha. Perseguir esta problemática significa situar o papel do sujeito no espetáculo, tanto na construção de sua técnica como na relação com o público e a instituição (regra e júri). Ao analisarmos esta problemática, podemos compreender melhor as possibilidades do corpo agir entre os campos da arte e do esporte, bem como entender as formas de construir um jogo de simulação da guerra e da violência de forma lúdica e dançante, em meio ao território urbano.

Dessa forma, os objetivos do presente estudo são:

- Compreender as práticas corporais urbanas;
- Discutir as problemáticas culturais e históricas associadas à espetacularização das batalhas;
- Analisar os discursos dos dançarinos e jurados e seus papéis na estruturação deste

³ O termo booleano utilizado foi “and”.

fenômeno.

Sendo assim, o trabalho está estruturado da seguinte forma: em *Materiais e Métodos* mostrarei todos os recursos utilizados para a realização desse trabalho.

A seguir, em *Resultados*, teremos a divisão em eixos temáticos para melhor expor o que encontramos, eles serão intitulados:

- *O Hip Hop e os sujeitos das danças urbanas*, na qual abordaremos o “tipo” de pessoas que participam das batalhas;
- *A preparação e formação para batalha*, aqui contaremos sobre os bastidores das batalhas e o treino dos dançarinos;
- *A batalha* chega a hora de conhecer o que é essa competição e
- *A batalha e a vida*, explora a comparação do break com o esporte.

Na discussão também teremos categorias que nos ajudam a pensar nas respostas do estudo, são eles: *Jogo, improvisação e identidade; Dança, esporte e espetáculo e Corpo, cidade e contracultura*. Esses temas discutem, respectivamente, conceitos de jogo, improvisação e identidade dentro da dança; investiga a comparação do break com o esporte e por fim como a dança consegue transformar lugares de convívio comum em palcos.

Nas considerações finais, retomaremos a problemática do estudo buscando respondê-la através do que foi visto nos capítulos anteriores.

1.1 Histórico

Para começarmos a situar o nosso trabalho começaremos com um breve histórico do Hip Hop, estilos e descrição de algumas batalhas nas quais estivemos presentes.

No Brasil, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, o objetivo das disputas era de diversão e busca de autoestima. As pessoas se encontravam na Praça Ramos, em São Paulo, depois na Rua 24 de Maio. As disputas que acontecem entre as "gangues de break"⁴ tinham objetivo de acabar com a violência, dessa forma se enfrentavam dançando e não brigando, evitando brigas.

No começo, sofriam preconceito e perseguição, mas a represália diminuiu a partir de videocliques que tinham presente esse tipo de dança difundido pela indústria cultural, como por exemplo, Michael Jackson, nos anos 80⁵.

Nas batalhas entre os dançarinos podemos notar modos de se vestir característicos em cada estilo de dança (popping, locking, house, Freestyle, etc), por exemplo, roupas coloridas, com listras, roupas esportivas, calças largas, bonés, chapéus etc⁶. As roupas são largas para poder dar efeito aos movimentos deixando-os maiores. Usa-se bonés virados para trás ou de lado e sua aba é reta. (CANTON, 2010).

Uma competição de batalha estrutura-se a partir de categorias de estilos diferenciadas, com regras e estéticas próprias, o que demonstra uma valorização pela diversidade e pela inclusão de corpos com habilidades distintas, pois um dançarino de popping, por exemplo, tem técnicas gestuais e habilidades de motricidade fina muito diferentes daquele que dança break, que é mais acrobático e baseado na força e velocidade.

4 A equipe mais famosa foi a Universal Zulu Nation - seu líder era DJ Afrika Bambaataa - considerado o fundador oficial do hip hop.

5 Mais tarde, o movimento vai se fortalecendo com a chegada do Rap e do Grafite, assim como o conhecimento sobre a cultura, muito valorizado por sinal. Ambos ajudaram na difusão do hip hop.

6 No que diz respeito à moda, vestimenta etc, usava-se muito roupas de marcas esportivas que, na época, tinham um preço acessível e eram confortáveis para dançar. Cada um dos integrantes do movimento hip hop - DJ, grafiteiro, Mc, dançarino - se vestia de forma característica, tinham um modelo básico porém os acessórios é que demonstravam quem era o quê.

De fato, o que diferencia os dançarinos de uma batalha não é a roupa em si, mas sim a capacidade do dançarino de criar, de improvisar sobre a música que está “rolando” naquele momento, de acordo com o seu estilo de dança.

A batalha começa com as duplas (individual) ou crews (grupos) sendo chamadas ao centro (há um círculo formado por pessoas em volta de um “tapete” colocado no chão, demarcando o espaço da batalha), e decide-se quem começa. Os dançarinos nunca sabem a música que será tocada, o DJ coloca uma música para cada grupo, escolhida aleatoriamente e eles têm que improvisar conforme a batida.

Cada um deles tem um tempo para se apresentar, quando o primeiro termina o segundo entra, eles têm duas “entradas” cada, depois disso o DJ para o som e os jurados escolhem o melhor, o outro já está eliminado. Assim é feito até que reste apenas dois e o melhor seja escolhido, nessa altura da competição todo o público presente está bem interagido, os dançarinos estimulam a participação de quem está presente, com palmas, muitas vezes outros dançarinos ali presentes fazem uma espécie de torcida para o dançarino que ainda está na batalha.

Ao final da competição, os dançarinos permanecem no local dançando, dessa vez mais soltos e com maior participação do público, muitos que não estavam competindo, começam a fazer parte da brincadeira, o DJ “solta” uma música e a improvisação surge, é surpreendente como parece fácil fazer todos aqueles movimentos, acompanhar a música e criar coreografias.

A improvisação e o componente aleatório se faz presente na batalha desde a organização até o ato. Uma batalha de B-boys, uma competição, tem as inscrições feitas na hora antes de começar a batalha, a partir daí são sorteadas as chaves, os B-boys fazem uma rápida apresentação como aquecimento, assim como os jurados, que também se apresentam, dando início ao show e à competição.

Em competições de dança em geral, conseguimos ver uma participação maior de quem assiste, pois estão lá para torcer por alguém. Nas batalhas podemos ver uma participação clara do público. O palco está no chão, no nível de quem vê, você chega, escolhe um dançarino e torce por ele, mas não de longe, como nos jogos de futebol, sentados em uma arquibancada, distantes do seu time, mas sim do lado do dançarino, junto a ele.

Assim como diz na entrevista abaixo, realizada na pesquisa de minha autoria sobre o hip hop e a improvisação, o importante é envolver o público com a sua dança, não importa a dança, e para isso devemos lembrar que há pessoas assistindo, sentadas na frente do palco, que esperam ver algo para elas, que as façam se sentir parte do espetáculo.

“[...] levar a, a, a platéia ao delírio, ao delírio como? Que ele sinta também vontade de dançar [...] por isso que eu gosto de trabalhar da maneira animada, acho que se você conseguir, ham... quebrar essa, por que muita gente usa a quarta parede só... aquelas três paredes, mas a quarta e não tem platéia e não meche com nada, eu acho que se você conseguir envolver a platéia na sua coreografia, acho que você... não há prêmio, não há nada que...melhor que isso [...]” (Gabriel, 2010)

Na sequência de imagens abaixo, que mostram os B-boys, fica claro que a relação com o público é muito próxima e interativa, constituindo uma forma de espetáculo diferenciada dos modelos tradicionais da dança.



IMAGEM 1. Bruna Mazzini da Silva, 2010. Sequência de Batalha I.



IMAGEM 2. Bruna Mazzini da Silva, 2010. Sequência de Batalha II.



IMAGEM 3. Bruna Mazzini da Silva, 2010. Sequência de Batalha III.

Se colocarmos a improvisação no contexto do hip hop é possível notar o quanto ela está presente e se faz importante, pelo menos no que diz respeito às batalhas onde improvisar é conseguir mostrar tudo o que se sabe, da melhor maneira possível. É também esporte, pois requer treinamento e visa rendimento e não deixa de ser uma arte, já que estamos falando de dança.

Essa descrição que acabamos de fazer diz respeito a uma batalha menor, que aconteceu na cidade de Santos no ano de 2010; a batalha que descreveremos agora ocorreu neste ano de 2011, em São Paulo no CEU (Centro Educacional Unificado) Vila Rubi e os detalhes serão contados a partir de agora.

Essa batalha foi em São Paulo, em um teatro, dentro de um CEU. Era uma batalha maior, com dançarinos importantes, conhecidos no mundo todo, pessoas de outros estados e até de outros países. Ali dentro só estavam pessoas do meio, não há como participar de um evento desse se você não é do meio, é muito restrito.

Mas, as pessoas naquele lugar eram o hip hop em pessoa. Todos ali viviam a cultura, respiravam e expiravam dança, me senti exacerbadamente feliz por estar lá, o evento durou dois dias, fui em um apenas, mas poderia ter ficado por lá quantos dias fossem.

Eram pessoas de todos os tipos, raças, crenças, reunidas pelo único propósito que era a dança, por onde passava havia alguém dançando.

Diferente da primeira batalha, em Santos, nessa a quantidade de pessoas era muito maior e a plateia era selecionada, só quem sabia do evento e realmente quisesse estar ali, estava.

Conheci pessoas ali que me fizeram me apaixonar por elas por essa paixão que elas demonstravam pela dança no momento em que eu as entrevistava.

Todos foram muito disponíveis, abertos e sinceros, no começo com um pouco de timidez, mas depois era como se estivéssemos em uma roda de amigos de muitos anos. Sinto-me privilegiada de ter conhecido todas essas pessoas, não só essas em São Paulo, mas todas que eu entrevistei e não por serem ótimos dançarinos, mas sim pela força de cada um deles, pela paixão, pela luta diária e pela crença na dança.

Na batalha em São Paulo, os dançarinos foram entrevistados antes de competir e eu pude ver alguns deles em ação e foi como se estivesse torcendo por uma amiga lá em cima do ‘palco’ batalhando, cada vez que uma delas entrava para batalhar eu vibrava muito, torcia de verdade e ainda tive a alegria de ver uma delas levar o troféu para casa e poder dar um abraço de parabéns; hoje as tenho como amigas e não só elas, mas todos que participaram das entrevistas em ambos estudos.

Nem todos sabem como é uma batalha realmente, muitos só conhecem por vídeo, mas não pessoalmente e esse é o meu papel, contar para quem não conhece como tudo funciona e até agora já deu para perceber que é um conflito de emoções, alegria e muita energia.

As batalhas acontecem de várias maneiras, dependendo do objetivo de cada uma. Por exemplo, em Santos (SP), minha primeira experiência, aconteceu num lugar ao ar livre, público que mesmo que eu não soubesse, mas estivesse passeando pelo local, poderia parar e acompanhar o que estava acontecendo, de acordo com a minha vontade. Diferente da segunda batalha, em São Paulo, que aconteceu num lugar fechado e eu só poderia ver se soubesse do evento e estivesse disposta a ‘perder’ algumas horas com aquilo.

Outra diferença clara era a quantidade de pessoas presentes em cada batalha, não que uma fosse mais importante que a outra, porém os objetivos de cada uma delas eram diferentes, uma era mais local, com dançarinos da região e a outra, um evento maior, com dançarinos de todos os lugares, como eu escrevi antes, dançarinos até de outros países.

O lugar onde os dançarinos batalharam também foi diferente, um foi no chão, em cima de um linóleo quadriculado e a outra num teatro em cima de um palco. Na primeira, o público tinha mais acesso aos dançarinos e eram essas pessoas que delimitavam junto ao linóleo, o espaço que os dançarinos batalhavam; na segunda o palco era o delimitador da

batalha e as rodas de pessoas só se formavam durante os intervalos, em cima do palco e várias pessoas dançavam ao mesmo tempo, tão emocionante quanto o momento da batalha propriamente dita.

Do resto, é tudo muito parecido. O modo como são sorteadas as ordens e as duplas para as batalhas, na batalha individual, são diferentes, mas pelo que percebi das entrevistas e também acompanhando as batalhas, é que esta diferença só acontece para batalhas que não sejam de break, ou seja, de outros estilos. Há também as batalhas em grupos, onde as crews se enfrentam.

E quando mencionei que havia ficado maravilhada com aquela primeira batalha em Santos, a emoção de poder participar de um evento maior com a presença do melhor do mundo e também de ídolos que passei a ter e a conhecer devido aos estudos, cheguei ao ponto de parar um dos dançarinos, que era um dos jurados também, e pedir uma foto com ele. Só posso dizer que foi um dos melhores dias da minha vida.

É chato quando você chega em casa e volta à realidade e percebe que para ter notícias de outros campeonatos assim será muito difícil, na televisão é pouco divulgado e as vezes elas acontecem em cidades muito distantes. É triste ver a falta de apoio e de conhecimento a essa cultura.

Depois do desabafo, fico feliz em poder expressar que apesar dos obstáculos continuo à procura de mais batalhas e de conhecimento na área. A terceira batalha que acompanhei, na verdade uma roda de break, como os dançarinos chamam, foi em Santos (SP), num sábado, final de tarde. Eles se reuniram num lugar movimentado da cidade, estenderam o linóleo quadriculado no meio da passagem, com um pouco de dificuldade por causa do vento, colocaram um rádio (boombox) e começaram a dançar e a simular algumas batalhas. Como eles mesmo disseram, era uma forma de ‘brincadeira’ e até mesmo de treino.

Não demorou muito para as pessoas que passavam pelo local começarem a olhar e a parar para ver o que estava acontecendo, havia crianças, adolescentes, adultos, idosos, muitas pessoas, vários ‘tipos’, todas curiosas com aquela dança; fiquei reparando na expressão que algumas pessoas esboçavam quando passavam por ali e me lembro de uma senhora que chegou a virar o pescoço, não tirava os olhos, continuava andando e a cara era de espanto.

De novo, não era uma competição, eles apenas se reuniram ali para dançar, mas a garra, a força, a paixão que estava se fazendo presente naquele lugar, no momento que eles dançavam era indiscutível, dava vontade de entrar lá no meio e dançar também, mesmo que não sáísse nada, não consigo encontrar palavras pra descrever a emoção que sinto ao falar disso e a que eles sentem ao me contar tudo isso nas entrevistas.

Apaixonei-me mais uma vez por esses dançarinos, b-boys, apaixonados pela dança, tanto os que eu entrevistei como todos os outros presentes, sempre muito receptivos comigo, dispostos a compartilhar suas experiências. Como já mencionei antes, no começo eram um pouco envergonhados, mas depois mostravam-se com os olhos brilhando ao falar da dança e toda essa emoção que ocorre durante as entrevistas e nas batalhas.

Como podemos perceber, após essa descrição, há várias questões a serem discutidas que envolvem as batalhas, sua organização e seus dançarinos. Através das entrevistas realizadas, tentaremos problematizar e analisar todas essas questões que começaram como paixões e se transformaram em pesquisa.

2. Materiais e Métodos

De caráter qualitativo, a pesquisa baseia-se em entrevista semi-estruturada, com os temas geradores. Foram entrevistados onze dançarinos de danças urbanas e oito b-boys, b-girls e jurados participantes das batalhas.

As entrevistas aconteceram nos mais diversos lugares, praças (coreto), locais de ensaio (em reforma), escolas (capela de colégio, escola do CEU Vila Rubi), na rua (Avenida Ana costa em Santos) e teatro (onde ocorreu a batalha).

Para a realização desta pesquisa, nós utilizamos do referencial da pesquisa qualitativa, a qual para a área da educação física é relativamente nova, pois apenas desde os anos 80 é que são realizadas importantes pesquisas qualitativas na área da educação física, ciência do exercício e ciência do esporte (THOMAS e NELSON, 2002).

De acordo com Thomas e Nelson (2002) esse tipo de pesquisa tem como foco o método interpretativo, em que, além da coleta de dados, há pequenos comentários ou interpretações quando possível, não há uma preocupação excessiva sobre o procedimento.

A pesquisa qualitativa apresenta algumas características como a subjetividade, a indução, a não existência de hipóteses pré-concebidas, as hipóteses são desenvolvidas a partir das observações. Teremos como objetivos primeiramente a descrição, a compreensão e o significado da coleta de dados.

Os componentes envolvidos na coleta de dados serão a seleção apropriada dos sujeitos, o acesso ao ambiente de campo e ser menos intrusivo possível.

O principal instrumento para a coleta de dados e análise da pesquisa qualitativa é o pesquisador, devido a este interagir com os sujeitos, ter a sensibilidade e percepção na obtenção e no processamento das observações e respostas das coletas de dados e para isso serão necessárias algumas considerações éticas pelo simples fato de haver o contato pessoal intensivo com os sujeitos (THOMAS e NELSON, 2002).

Deveremos considerar muito bem alguns assuntos antes de coletar os dados e ser capaz de explicar o propósito e a significação do estudo, assim como expressar a importância da cooperação do sujeito.

Consideramos o direito à privacidade dos sujeitos, bem como o de não participar e o direito de permanecer anônimo. Foi entregue para cada voluntário da pesquisa um termo de consentimento para eles assinarem.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, a qual permite o acompanhamento do processo junto com o voluntário de tal forma a esclarecer as questões e responder as dúvidas dos mesmos. Esse método tem a vantagem do entrevistador poder observar e compreender como e o que a pessoa responde, aumentando consideravelmente a validade dos resultados.

Na sequência, executou-se a análise de conteúdo segundo Bardin, que é o processo de dar sentido aos dados coletados, sendo necessária uma leitura dos mesmos, para assegurar a integridade da pesquisa e depois gerar categorias analíticas, as quais irão fornecer os resultados e a discussão.

Os dados coletados, as entrevistas, foram gravadas em áudio e transcritas, com a autorização dos entrevistados passando por uma análise temática que:

“baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias.” (Bardin, 2002 apud Goldemberg, 2008)

3. RESULTADOS

3.1 O Hip Hop e os sujeitos das Danças Urbanas

Nas entrevistas realizadas, podemos perceber que, a iniciação à dança urbana acontece em sua maior parte pela influência de amigos e/ou irmãos. Diferente do balé e outras danças, o hip hop parece ser uma escolha própria, que acontece durante a adolescência de maneira autônoma, por influências de amigos e/ou irmãos.

Como veremos no depoimento a seguir, no qual Aline é a única menina que pratica uma dança que só homens faziam até então, demonstrando tanto a paixão pelo que faz até hoje, quanto pelos meninos do seu grupo:

“[...] aí um dos meninos pegaram e chegaram pra mim o A. por que que você não, não vai fazer junto com nós [...] ai eu fui, ai eu comecei me apaixonar cada vez mais, é [...] e um dos melhores do mundo saiu da minha cidade, então ele é como um pai que sempre me ensinou muito né e eu comecei, eu quando tinha 14 anos, ainda aquilo lá era um hobby, era uma brincadeira pra mim, ai aos poucos que eu fui é...gostando da música, eu não podia ficar sem [...] eu não preciso ta numa competição, como eu to aqui agora, na batalha na vila, é eu posso ta dentro de casa com minhas amigas, é pra curtir por que eu gosto muito de dança.” (Aline, 2011)

E nem sempre há uma escola e um professor e/ou profissional de dança ligado à iniciação da pessoa, muitas vezes, esse amigo, irmão, etc, que o influenciou a dançar é também quem o ensina. Só depois, é que entravam em grupos maiores, mas ainda assim os professores eram eles mesmos.

“[...] ai a gente jogava bola, brincava tal e era da hora e ele fazia uns passinhos sabe meio doido assim do jeito dele mas ele fazia e eu comecei a imitar ele, foi ai que eu comecei a tomar gosto, ai meu irmão começou a me levar em festinhas, que naquela época o pessoal chamava de brincadeira, ai a gente ia, se juntava na casa de...colegas no final de semana, na varanda deles e eles colocavam um rádio lá, na época era toca fita e só tocava rap ai a gente ficava dançando, colocava a cabeça no chão ai falava...aquilo lá, na época pra nós que não tinha informação era, tinha o nome de movimento que eles não, não tinha título, enfim...quando eu fiz 12 anos a gente se mudou pra São Joaquim da Barra que é no interior de São Paulo, eu fui embora com a minha mãe,ai lá eu conheci um grupo de...de...amigos lá, eles já praticavam dança de rua, eles faziam a mesma coisa que a gente fazia só que assim eles colocavam o som na calçada da casa deles e ficava dançando naquele asfalto quente, fervendo, descalça (risos) sem nada no pé [...]” (Douglas, 2011)

“[...] eu pergunto pra todo mundo, eu tenho muita vontade assim né, não é vontade que fala é, toda vez que eu to junto das pessoas que dançam e até daquelas que não

dançam, que dançam outros estilos por que eu gosto dos outros estilos também, faço, se me botar eu vou fazer, tenho vontade de perguntar tudo, eu sou muito de sugar as pessoas sabe.” (Aline, 2011)

Os professores, como demonstrado nas entrevistas acima, são geralmente os mais velhos e/ou mais experientes de cada grupo. Essas pessoas iniciam os novos dançarinos e os ajudam até que possam também, um dia, ensinar outras pessoas. “Ah comecei hip hop nas rua né, lá na vila, vi uns colega dançando lá, fazendo uns negócio da hora aí eu e um colega meu pensamos em aprender aí nós fico se ralando lá aprender a fazer umas coisa [...]” (Jonas, 2010)

A família (pai e mãe) não foram citados como determinantes da iniciação ao hip hop, a não ser de forma indireta, como é o caso de Luane, que tinha na infância o desejo de fazer ginástica olímpica (artística) para aprender a saltar e por medo da mãe, desistiu do desejo, indo buscar durante a adolescência a iniciação num grupo de freestyle:

“na realidade meu sonho sempre foi fazer acrobacia, pirueta, desde criança queria ter feito ginástica olímpica porque meu sonho era voar, mas como eu não tenho asa, então acrobacias serviria pra alguma coisa né...pra me dar essa sensação de...de liberdade” (Luane, 2011)

Como ressaltam alguns entrevistados, a dança urbana é um caminho para atingir uma certa autonomia, construir identidade própria, algo muito característico dos desejos da adolescência. Este desejo de liberdade e independência pode explicar porque os pais e mães não aparecem com destaque na influência ao início da dança.

Para Luane, por exemplo, encontrar a dança de rua foi uma forma de tomar consciência das diferenças entre ela e a sua mãe: “[...] e aí minha mãe sempre teve muito medo por que eu sempre fui muito audaciosa e na realidade quando eu encontrei...que ela nunca me colocou nessas coisas, quando eu, eu comecei a dançar break, eu acabei me encontrando assim [...]” (Luane, 2011)

Luane diz que o break foi uma forma de “se encontrar”, de entender sua personalidade audaciosa. Percebe-se que a sua iniciação na dança urbana foi uma forma de romper com alguns vínculos e dificuldades com os medos da família.

O break torna-se um meio não apenas de se descobrir com a personalidade, de se descobrir interiormente, mas também de se descobrir independente pois o break, a dança, acaba sendo uma forma de ganhar dinheiro, seja dando aula ou participando de campeonatos.

A necessidade de romper com as barreiras para a dança foram narradas por outros entrevistados também. No caso de Jonas, a barreira que precisava romper não era externa, na figura da mãe, mas uma barreira interna, contra a própria vergonha de dançar. Ele dizia que adorava jogar futebol e ficava “zuando” com os jovens que dançavam próximo à quadra, mas confessou que por detrás daquela “zuação” havia um desejo latente de aprender a dançar:

“[...] ai eu peguei um dia, eu queria, eu chamava, eu zuava, mas eu queria aprende, sabe quando tu que aprender, tu fica assim caraca eu to zuando mas eu quero aprende, dai eu peguei e falei com esse amigo nosso, o Adão, ai peguei, ai ele pô to sem lugar pra treinar e tal não sei o que, ai conheci uma mulher que fazia parte da escola da família, que eu jogava bola lá né, até hoje eu sou vidrado em futebol, ai ele pego eu peguei falei pra ele assim, pô então, eu falei com a mulher lá, então, ai ela arrumou espaço pra você treinar, ai eu fiz uma chantagem, contei até uma mentira até pra ele, só que ela falou assim o seguinte, ela só deixa você treinar lá se você me ensinar a dançar tendeu, fiz uma chantagem pra ele, ai ele falo não demoro demoro, te ensino, ai dai eu comecei a pega com ele, fui aprendendo, pegando várias coisas e hoje eu to ai, apaixonado pela dança mais que nunca, deixei o futebol um pouco de lado e hoje eu sou mais a dança [...]” (Jonas, 2011)

Percebe-se nestes relatos que o próprio processo de iniciação à dança urbana envolve um tipo de batalha, pessoal e/ou social, na qual o preconceito, o medo, o orgulho e a inveja estão presentes e precisam ser superados para que a pessoa consiga se transformar realmente em dançarino.

Não só na iniciação mas durante toda a vida do dançarino, é uma batalha constante como mostra o dançarino Tales, que se orgulha de todo seu esforço pois sabe que não é em vão:

“[...] conhecia, viajava por minha conta mesmo, conhecia várias pessoas em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás...tipo, se eu não tivesse dançando, eu nunca teria conhecido esses lugares assim tal, ai aconteceu agora né, uma eliminatória da, dum campeonato que tem muito importante lá na Holanda que se chama IBE, que é uma seleção de todos os B-boys melhores do mundo que participa lá...ai eu mais ele aqui a gente vai ta no time da América Latina, que é uma batalha de continentes, continente versus continente, uma seleção de continente, a gente vai ta junto com Chileno, Argentino, Venezuelano...e lá a gente vai representa o Brasil...nessa competição, ai a gente vai ta indo em setembro já tudo pago, foi tipo uma conquista assim, de quase...é seis anos que eu danço já, nunca tinha acontecido isso comigo, e pra mim foi uma conquista grande, valeu a pena até hoje, o tanto que eu ralei pra vim, pra ta aqui, por que a vida não é facil aqui no Brasil tipo, a estrutura aqui pro B-boy ainda não é tão respeitada ainda como é lá na Coréia, na Holanda mesmo, nos Estados Unidos, lá na Coréia é um dançarino b-boy é tratado como um jogador de futebol lá, tem uma mega estrutura, os cara faz comercial, é conhecido aonde passa, é celebridade lá os cara, mas aqui ta começando, ta começando reconhecimento, graças a vários b-boys também que já saíram pra fora, que abriram as porta pra pra tatata ta tendo acontecendo isso aqui e os organizadores também do evento que fazem as eliminatórias mete a cara pra fazer os evento e isso é muito legal por que abre as porta que nem abriu pra gente, fizeram a eliminatória lá, a gente foi, meteu a cara, conseguiu passar e a gente vai ta lá agora em outubro.” (Tales, 2011)

Apesar da iniciação nas danças urbanas sofrer mais influência dos amigos, colegas e irmãos do que pais, mães e professores, provavelmente por causa deste discurso pela liberdade, autonomia e construção da identidade, observamos que algumas respostas mostravam instituições formais de educação e saúde como sendo lugares onde a prática começou:

“Ah eu comecei tipo...tinha um espaço lá dá...no NAPS né, que é CAPS hoje...tipo de drogado só que tipo eu nunca fui dessas coisa mas a gente ia lá por que os caras já tinham o espaço lá, aí eu fui lá pra conhecer, vi...olhei, comecei, de poquinho em poquinho, nem pegava muito firme, aí eu fui conhecendo a história, como é que começou o break, como que foi os fundamento, tipo é tudo um, tem tipo tudo uma história por trás, uma cultura, veio do gueto, foi criada pra não ter briga, a gente chama batalha por que em vez da gente briga na mão, no soco, outras coisas, a gente briga na dança, pra tirar as diferenças na dança e foi desse jeito aí [...]” (Tales, 2011)

Isso não quer dizer que os entrevistados frequentavam esses lugares, por exemplo o Tales, do depoimento acima, o local de treino era o NAPS (Núcleo de Apoio Psicossocial), foi o lugar que apoiou o seu grupo e o acolheu, transformando o NAPS, ou aquele local de ensaio, em um significado diferente.

Mas enquanto a iniciação ao Hip Hop, break, é marcada por independência e “desligamento” do quesito família, pai e mãe, a iniciação à dança urbana, como vimos no estudo passado, *Hip Hop e Improvisação*, mostra grande contribuição dessas pessoas, assim como a presença de um professor, que no break não é visto, geralmente.

Por exemplo, nesses depoimentos, veremos a influência do pai e também a presença do professor (Caju): “[...] meu pai, ele era, era policial militar e ele ajudava a capitã e a capitã que trouxe o Caju, que fez o projeto de férias e aí meu pai comentou comigo em casa falou ah tá tendo aula de dança Lá nas férias. [Falou] você não quer fazer?” (Lara, 2010).

E nesse outro depoimento percebemos a influência da mãe: “[...] quando minha mãe viu o anúncio na, na, na rádio que tava tocando, dizendo que tava tendo aulas, cursos de hip hop, no projeto Q. Legal, Quartel Legal, que era conhecido e aí eu comecei, fui, pratiquei [...]” (Rodrigo, 2010). Aqui também é citado a presença de um professor quando ele diz que alguém daria as aulas de dança.

Mas este processo de iniciação ao hip hop parece ser disparado não só pela família, como já foi dito antes, mas pelos amigos, como no break ou simplesmente por curiosidade ao andar pelas ruas, também como no break: “Ah comecei hip hop nas rua né, lá na vila, vi uns colega dançando lá, fazendo uns negócio da hora aí eu e um colega meu

pensamos em aprender [...]” (Jonas, 2010); “Então, né, meu irmão sempre teve o sonho de ser cantor de rap [...] Daí o pessoal que cantava com ele, que sempre tava do lado dele lá mesmo, assistindo shows sempre dançava, tinha uns que dançava, eu fui vendo, comecei a gostar [...]” (Elder, 2010); “Bom, no início foi... olhando mesmo assim, tava na rua normal e vi as molecada pirulitando prá cá, pirulitando prá lá, pulando, virando mortal[...] Foi olhando assim, tudo, quis ir atrás[...]”. (Lucas, 2010).

E aqui podemos notar uma batalha interna, o próprio dançarino disse ter preconceito quanto à dança antes de começar a praticar a dança urbana:

“Eu tinha 13 anos, isso foi há dez anos atrás, to com 23 agora, foi quando o Caju chegou em Taquaritinga e começou a dar os cursos de dança né, era na polícia Militar, ai...eu...tinha preconceito pelo nome dança de rua né...tinha um certo preconceito, então no começo eu não quis fazer, ai foi quando eu entrei na sala lá e vi o Caju dando a aula de dança, tudo...ai ele mudou totalmente a minha cabeça né, falei noossa, não tem nada a ver com essas coisas de maloqueiro, droga, umas coisas assim, todo mundo já passou pela cabeça...[...]” (Ricardo, 2010).

Até agora notamos a questão da batalha não só na dança, mas na vida de cada um dos dançarinos, mesmo aqueles com ajuda da família e com professor, todos tendo de enfrentar algum obstáculo, seja família, dinheiro, espaço; por isso perguntamos se há um perfil para esse estilo de dança, pois como pudemos ver, exige muito do dançarino em vários sentidos.

A maioria dos entrevistados ou quase todos, diz que há um perfil de b-boy de batalha, que não é qualquer um que faz isso, que é necessária personalidade, coragem e muito estilo, criatividade e improvisação.

“Por que a dança em si já é muito agressiva e...dependendo...e há pessoas mais agressivas ou não mas acredito que como todos que dançam break, eles são guerreiros de alguma forma, por que é uma dança muito difícil, é um perfil do estilo de dança.” (Luane, 2011)

E o melhor perfil para um b-boy de batalha, segundo o Cauê, é: “[...] mesmo tando com... batalhando com um cara bom, ele não vai ficar abaixo do cara, ele vai fica, olha no olho e vai né...ele tem a rança do b-boy, ele vai saber se comportar na batalha e esse é o melhor perfil do b-boy.” (Cauê, 2011)

Porém duas pessoas mostram percepções distintas nessa resposta, primeiro o Douglas diz que qualquer pessoa pode batalhar: “Acho que não existe, acho assim, todo

mundo pode batalhar, num existe um perfil, acho que é o perfil dele do dia a dia de como ele dança, do...do dançarino mesmo.” (Douglas, 2011)

Em seguida, a Luane, fala totalmente o contrário. Diz que há sim um perfil, não é todo mundo que batalha e existem pessoas que batalham por pura obrigação e defende essas pessoas contando que se o dançarino (a) não estiver preparado pra isso, ele pode se assustar de tal maneira que chega a desistir da dança.

“[...] você vai batalhar e vai ser mais sofrimento do que prazer e todo mundo dança é...pelo mesmo motivo, é pra se divertir, é pra se completar por que, ali é a sua cara metade entendeu, é sua...é o que te completa mesmo, te realiza, então se você vai fazer alguma coisa e aquilo não te faz bem, qual o propósito de você ta fazendo né e...só que batalha é difícil por que vai ta todo mundo te olhando e vai todo mundo te julgar e você só tem aquela chance de mostrar toda sua sabe...agora ou nunca, é como se fosse isso, então se você não tem essa força de vontade dentro de você pra encarar isso é... você não, você nem entra, você não faz sabe, é muito difícil por que ninguém gosta de ser julgado e é uma exposição muito violenta nesse momento, nessa hora então se você não tem essa agressividade dentro de você ou então esse ser exibido né de gostar de se mostrar e querer e ter essa segurança, você não participa, e se você participa, geralmente você perde por que isso fica muito nítido assim, muito nítido sabe, é até maldade deixar você passar pelas outras fases assim, por que a gente, você vê a pessoa se martirizando mesmo e dá uma agonia, você não por favor, pára, vai pra casa, toma uma coca, bebe uma água, por que é inevitável ficar nervoso [...]” (Louise, 2011)

As respostas são bem diferentes, mas podemos pensar mais uma vez que o estilo de dança dessas duas pessoas citadas são diferentes, um não dança break, mas sim house, dança afro, entre outras, e participa mais das batalhas como jurado, já o segundo está totalmente ligado as batalhas e é dançarina de break, b-girl.

Acredito, pelo que muitos falam, é que talvez não seja um perfil, mas uma identidade, um estilo, que destaca cada um dos dançarinos e/ou suas crews:

“Tem vários estilo, tem cara que usa...parece punk, usa moicano, tem uns que parece mais já rapper, tem uns que já parece que nem dança mas, dança pra caramba, cada um tem um...o bom, da hora, do b-boy, é isso ai tipo, cada um tem um estilo de se vestir, é uma identidade diferente que você vê também e tipo assim, tem gente que usa já um lencinho, um grupo já usa um estilo de roupa todo mundo igual ou um uniforme ou cada um usa tipo o mesmo cadarço, ai isso ai caracteriza, por que isso ai também vem da, vem da história, por que né, nas gangues de Nova Iorque quem usava lenço e esses cadarço assim era uma gangue, a outra gangue não podia usar esse cadarço assim, é tipo uma identidade, cada um tem...cada grupo, cada um, tem um estilo.” (Tales, 2011)

Talvez seja essa a razão dos grupos, das crews, ninguém é igual a ninguém, nem mesmo usando um uniforme de identificação, ainda assim, cada dançarino continua com a sua identidade e formam um grupo de diversidades, onde cada um é bom em alguma coisa e pode ajudar o outro, principalmente na hora da batalha:

“[...] por isso que na verdade existe o grupo, pra cada um fazer o seu papel, tipo assim, se tem uma, o grupo tem o style, tem o tricks, tem o Power, tem as vezes aquela pessoa que dança completo, que é completo e por isso que existe o grupo, se ta tendo um campeonato de dança e entre o grupo e o outro um faz um Power move, aí tem que entra o Power move pra cobrir o movimento dele, por isso que existe na verdade o grupo, por que, se fosse só uma, tipo um movimento só, uma coisa ali, não teria motivo pra nada, por que...por isso que existe o grupo, entendeu.” (Hugo, 2011)

Por que essa identidade não diz respeito apenas às roupas e ao estilo de cada dançarino dentro da sua crew, do seu grupo, como o Hugo diz no depoimento acima. Cada dançarino possui uma gama de movimentos diferente, dificilmente o dançarino é completo, e pra isso existe o grupo, na hora da batalha, cada dançarino se ajuda dentro do grupo contribuindo com aquilo que sabe.

Essa bagagem de movimentos que diferencia cada dançarino acontece também por que cada dançarino, ao escolher um estilo, também desenvolve um vocabulário de gestos, técnicas corporais singulares e uma forma de se mover no mundo assim como no esporte e na arte, cada tipo de esporte, cada segmento da arte, exige técnicas, habilidades, movimentos, que podem não ser características de todos, mas, apenas de alguns.

E essa diversidade das gestualidades é característica marcante do hip hop. Cada dançarino, durante sua iniciação, vai se aproximando de determinados grupos por uma empatia pelos estilos que vê e assiste. Aos poucos, ele vai desenvolvendo uma forma própria de dançar, autoral como se fosse a sua assinatura gestual, o que parece constituir certo poder ou status de maturidade.

3.2 A preparação e formação para a Batalha

As respostas sobre o treino foram bem diferenciadas, as mais parecidas citavam detalhes relacionados à quantidade de dias e outras que dizem que treinam apenas com a sua crew.

Apenas uma pessoa falou sobre escutar música, poderia dizer que a diferença está no estilo de dança, é o único que não dança break, porém, no nosso estudo de 2010, havia uma pergunta parecida e os dançarinos de break disseram a mesma coisa, poderia relacionar então à crew, cada uma treina de um jeito já que esses dançarinos treinam juntos.

É importante dizer também que esses dançarinos passam o dia treinando, seja pela dança ou pela música. Se não estão dançando, estão escutando várias músicas, onde quer que estejam e na medida do possível soltam uns passos.

“[...] a gente vive em constante treino, aonde a gente pára a gente dança, ta com fone a gente a dança então é...o corpo tem algumas coisas que já ta acostumado, pode ser que ta tocando qualquer outro estilo de música a gente ta fazendo um top rock por que não tem mais outro ritmo dentro né [...]” (Aline, 2011)

“[...] É...eu treino no meu serviço, eu to treinando, eu fico dançando, os caras o você é loco, você não pára, nunca para, começa a toca uma musiquinha lá eu lembro de alguma coisa...trabalhando eu começo a balançar o corpo, os cara que que você ta fazendo, você é loco cara...então pra mim, onde eu tiver, não importa, serviço, qualquer lugar, eu sempre tô balançando cara [...]” (Daniel, 2010)

Até por que muitos deles trabalham em outras áreas para poder se sustentar: “todo b-boy trabalha também né, aí às vezes impede né de ta indo nos eventos também, de treina também, mas a gente se vira, todo b-boy trabalha sabe que é difícil.” (Tales, 2011)

Pude presenciar um ensaio/treino que, baseado em outras modalidades tanto de dança como de esporte, poderia dizer que foi um tanto diferente. Os dançarinos se encontraram num espaço, parecido com um calçadão, entre lojas e comércio, em um lugar movimentado da cidade de Santos.

Lá mesmo, estenderam uma lona quadriculada no chão, trouxeram um rádio que funciona com pilhas e lá mesmo começaram a dançar, como se fosse uma batalha, a música rolava aleatoriamente e os dançarinos iam para o meio da roda conforme se sentissem preparados, quem passava pelo local parava para olhar.

“[...] é assim ó, tu reuni a galera, tu coloca a pilha no box e traz o mp3, chama a molecada no final de semana e vem dança assim ó, não tem coisa melhor do que você fazer isso cara, você chega aqui, você ta com seus problemas em casa, você chega aqui, você esquece do mundo, você esquece, parece que...nossa, você entra em outro mundo, completamente diferente nossa [...]” (Jonas, 2011)

E não é só aqui que o treino é improvisado, no Paraná, na cidade de Cascavel o improviso também acontece e muitas vezes por necessidade e preconceito das pessoas:

“[...] como lá ninguém conhece nada de hip hop então todo mundo fala assim iii esses vida loca, esses maloqueiros, não vo bota aí não né, não querem dar espaço pra gente, então a gente vai, as vezes a gente vai pra praça, aí a gente dá um treino lá, aí vai pra balada e pega só o começo né por que como a balada é sertaneja RISOS a gente pega o começo do house, que ele toca um house zuado lá que ele acha que é house e a gente sai fora sabe, esse é o treino que a gente pode ter então, treina treina, foca, eu não bebo e não fumo, então é uma coisa que é importante pro b-boy e pra b-girl.” (Aline, 2011)

Não só de improviso vive o dançarino, há sentimento, paixão pelo que faz. Ela expressa isso muito bem em todas as perguntas e nessa não seria diferente:

“Eu treinava...risos, eu tinha [ruído] atleta e eu fiz educação física então a gente treinava, eu treinava, eu não vou falar pelo meu grupo vou falar por mim, eu treinava como um atleta, eu comecei a regular meu sono, a dormir bem, a me alimentar bem e ter uma rotina de pratica, tudo que pudesse beneficiar minha dança eu fazia e eu costumava treinar, pelo menos, duas a três vezes por semana, então era duas a três vezes de break mas além do break eu, por exemplo, fazia capoeira, fazia circo que são coisas que complementava, complementam o break e tal, atualmente...eu não treino, é...eu vivo a dança, então é uma coisa que hoje em dia me domina na realidade, por que eu tenho duas hérnias, eu descobri que eu tenho duas hérnias de disco no final do ano passado e isso pra mim representou um divisor de águas, então, na minha cabeça agora, funciona como se eu fosse um paciente em estado terminal assim, eu quero viver a dança até o ultimo sopro e o ultimo suspiro, quero prolongar isso o máximo que eu puder na minha vida, é...como eu trabalhava com educação física e trabalhava com dança, eu acabei forçando demais o meu corpo e acabou surgindo essas hérnias então, hoje em dia eu não quero ter esse treino militar por que o meu objetivo hoje em dia não é mais ganhar campeonato, não é receber reconhecimento de ninguém nem nada, é simplesmente continuar dançando e por isso me tornei acho que tão egoísta atualmente com a minha dança e tal e viver a dança então eu acordo sentindo fome de dança, eu vou dormi sentindo fome de dança e eu não tenho uma regra do que treinar, eu treino aquilo que eu quero aprender, aquilo que me dá vontade, eu nem sempre to escutando break beat, eu gosto de ragga, eu gosto de house e...muitas vezes durante a semana eu treino mais ragga do que house, do que break...mas eu procuro viver a dança e por incrível que pareça, ta funcionando, funciona e tem funcionado muito mais do que antigamente assim, por que agora faz parte de mim, eu acho que eu consigo deixar a cabeça livre pra poder realmente dançar.” (Luane, 2011)

Ela conta nesse trecho um pouco do seu treino dentro do break e das danças urbanas, conta também o desprendimento que ela conseguiu ao longo de anos de treino e como ela encara tudo isso hoje com a experiência que tem, como ela conseguiu aliar dança, não só o break mas todas que são do seu agrado, com dores, campeonatos e tudo mais.

E por que o dançarino de break, o dançarino que participa de batalha necessita ter esse perfil tão forte como os depoimentos nos mostram? Veremos a seguir como é a batalha, na verdade como ela é encarada por cada um dos dançarinos, como ela acontece, o que acontece no momento dela e ao seu redor.

Talvez seja a pergunta principal do estudo, “defina a batalha”, é uma questão objetiva, simples de responder, não envolve sentimentos, muito menos emoções, pode ter se tornado simples por isso.

Mas respondendo a pergunta, apesar de simples e objetiva, ainda assim as respostas foram bem diferentes, cada um responde uma parte, como se o tipo de pessoa, quero dizer, o seu papel dentro da organização da batalha (dançarino, júri, dj, público, etc) influenciasse nesta resposta.

Por exemplo, alguns falam o que acontece no geral, outros explicam como são divididas as batalhas, outros ainda comentam o que acontece antes de começar a batalha, outros olham mais a organização, cada um conta o que conhece dentro do seu papel.

Podemos notar isso nas seguintes respostas: “[...] é tudo previsto, tudo eles, eles tem que montar uma programação. Olha é muito normal, tipo assim eles montam assim, por grades, um versus um, você participa contra um versus um, se for aquele, tem um termo, sevent2smooth [...]” (Douglas, 2011) – Jurado

“[...] não tem horário pra começa, normalmente começa 11 horas e termina as 7, 8 da noite, ai 11 horas começa as rodas livres, aquecimentos, você vai, você fica... se concentra, dança um pouco, pra não cansa muito por que sabe que assim, dependendo do campeonato vai ser pedreira, você não pode, tem que ta preparado, ai por volta das 11 até meio dia, você da uma aquecida, ai almoça, come, ai volta, normalmente as batalhas começam 2, 3 horas, ai você tem que se preparar pra isso, alonga e fica esperando, quando começa a batalha [...]” (Cauê, 2011) – Jurado

Aqui na resposta dos jurados como podemos ver, eles explicam como ocorre mesmo o dia da batalha, explicam mais a organização do evento.

“É então, depende do campeonato, tem campeonato que as inscrições são antecipadas e tem campeonato que as inscrições são na hora, tem campeonato que precisa de paga, tem campeonato que não...é tudo bem variado os campeonatos é... e as batalhas são bem divididas entre b-boys, b-girls e tudo assim.” (Hugo, 2011) – Dançarino

“Dá um aquecimento antes ai faz uma oração, ai entro na roda, esqueceu de tudo, ali não tem amizade, (Rodrigo) os únicos amigos é o que é do teu grupo), é o que é do teu grupo, então ali não tem mais amizade naquele momento ali que a gente entro

pra batalha, que entro no centro de batalha que os jurados falo ah é tal versus tal, ai já era, ali não tem amizade certa.” (Jonas, 2011) – Dançarino

Já nas respostas dos dançarinos, tem lugar como é a preparação antes, relacionado às inscrições e até mesmo da divisão na hora da batalha ou também como é minutos antes de acontecer a batalha propriamente dita.

Mas a verdade mesmo é que tudo depende, senão as respostas seriam bem mais parecidas e diretas. Depende do campeonato, do júri, cada tipo de campeonato tem um modo de organização que depende também da sua importância, grandiosidade e objetivo.

Podemos dizer que há uma organização básica que acontece em qualquer campeonato, o que vai mudar são os objetivos de cada um; como mostra o Cauê, que relata um pouco de como acontece tudo no dia da batalha, desde a organização até o comportamento do dançarino:

“A programação é, pelo que eu vejo, pelos campeonatos que eu organizo também é...bem, começa...não tem horário pra começa, normalmente começa 11 horas e termina as 7, 8 da noite, ai 11 horas começa as rodas livres, aquecimentos, você vai, você fica... se concentra, dança um pouco, pra não cansa muito por que sabe que assim, dependendo do campeonato vai ser pedreira, você não pode, tem que ta preparado, ai por volta das 11 até meio dia, você da uma aquecida, ai almoça, come, ai volta, normalmente as batalhas começam 2, 3 horas, ai você tem que se preparar pra isso, alonga e fica esperando, quando começa a batalha, passou a primeira fase, não cai nas rodas, se guarda mais pra próxima batalha e sempre assim, pensando na próxima batalha, se você perde, ai você pode ficar a vontade, po vamo lá, agora eu vo enche a barriga, vamo comer, vamo fica em todas as rodas, aproveita bastante assim a vibe que tem da batalha também, agora se você ta concentrado e quer ganhar o campeonato, você tem que ta concentrado a cada batalha que você ta passando, passou a primeira etapa, beleza concentra, segunda etapa beleza, dança um poquinho pra não ficar parado, pra lembrar algum movimento né, até a final, se perder, beleza, vamo pega na roda, vamo dança bastante, em todas as rodas, aproveita as músicas, os Djs que tão tocando e curti a vibe, torcer para os nossos amigos e tal, é mais ou menos por ai.” (Cauê, 2011)

Podemos perceber nesse depoimento que a batalha é um grande dia de festa, pois a competição não é a única coisa que acontece no dia, há outras milhares de coisas acontecendo ao mesmo tempo, por exemplo os Djs tocando fora da batalha, as rodas formadas nos intervalos de batalha e também durante a própria batalha, dando oportunidade de todos participarem.

Se você, dançarino, foi apenas assistir e/ou torcer por alguém, também pode dançar nessas rodas nascidas espontaneamente durante o evento, o dançarino que batalhou, também pode dançar nas rodas, até quem não dança pode arriscar uns passos na roda ou então pode “curtir” a música dos Djs, todos tem espaço.

Porém, quem não dança, quem não é do meio, dificilmente vai ter acesso a essas batalhas ou mesmo informações sobre tudo isso, pois ainda parece ser uma cultura pouco divulgada como veremos a seguir.

Essa pergunta, “como é a circulação e divulgação de informações e eventos”, muito importante também fez entender as dificuldades na hora de encontrar histórias, textos e também campeonatos que envolvam batalhas para que possamos acompanhar.

A maioria das informações e trocas de informações são feitas pela internet através de redes sociais e também na base do boca a boca nos próprios campeonatos.

As batalhas também são divulgadas na internet, algumas, mais importantes, com datas pré-estabelecidas, tem também seus próprios sites, mas isso quem conhece é quem faz parte, quem está no meio.

“[...] mais o pessoal que participa né que tipo é...o pessoal que, é b-boy pra b-boy né, tipo acaba não atingindo outro público por que a maioria, vamos dizer que é mais é restrito né, só os b-boys mesmo e quem gosta né, é difícil também o cara perder o domingo inteiro pra ficar assistindo campeonato de b-boy, o cara que não dança né, ele vai uma vez ou outra, agora ele não vai em todos, acompanhar, pô todas as batalhas pra perder o domingo dele lá, mais é quem gosta, quem dança, quem pra participar, quem vai pra curtir um som, quem vai pra dança um poquinho, é isso aí.” (Cauê, 2011)

E é participando dessas batalhas e conhecendo as pessoas é que também se consegue fazer essa troca de informações tanto históricas como dos próximos eventos.

“[...] é então, mas geralmente quem fica sabendo mesmo assim é o pessoal que ta no meio mesmo da cena assim que já conhece também, por que todo ano tem esse evento, todo ano tem...cada, tipo assim, tem uma série de eventos por ano, então já ta, o pessoal já sabe que vai ter tal evento, tal data, entendeu.” (Tales, 2011)

Esses eventos, batalhas, não são divulgados, por exemplo, em cartazes pela cidade, propagandas na TV ou em rádios, ocorre uma troca de informações muito selecionada, mas acredito que seja por preconceito das pessoas de fora.

Até porque, na próxima questão que relaciona a batalha e o hip hop ao esporte, alguns dos b-boys falam um pouco isso, dizem que as pessoas podem achar uma dança difícil e se fosse esporte talvez seria mais acessível.

Ou ainda, se fosse considerada esporte, seria além de mais divulgado e conhecido, teria também maior apoio e estrutura para ensaios, treinos, campeonatos e tudo mais.

3.3 A Batalha

Tentamos saber dos dançarinos qual é a definição para a batalha, tema muito importante para nosso trabalho, é uma pergunta simples, mas ao mesmo tempo subjetiva como veremos ao longo do texto com os depoimentos.

Será que eles definem a batalha como sendo uma coisa (forma, regras etc), ou definem a batalha como um “estado”, um “jeito”, uma “sensação”, um “modo” de estar presente no mundo?

As respostas obtidas nesta pergunta não foram tão diretas como a questão exposta e isso observamos nas respostas. Alguns até contaram como surgiu a batalha, histórico e tudo mais e outros como era o momento da batalha, como se sentiam antes e/ou na hora de dançar.

“Como ela surgiu? Tai, sabe existem relatos assim é...eu falei do afro, antigamente os negros faziam essas rodas né, é...era chamada de, é...rachê, cachê, candomblé e o pessoal, eles se expressavam nessas rodas, individualmente...individualmente e ...em duplas ou em grupos, foi aí que surgiu a idéia das batalhas, que ela chegou em Nova Iorque em 1990, 1990...só que não era batalha, o pessoal chamava de roda né, quando eles entravam na roda pra é...fazer o teu individual, eles dançavam de tudo, todas as danças, só que então, conforme a dança foi evoluindo, teve a regra [...]” (Douglas, 2011)

O Douglas, como mostra acima foi quem contou a história da batalha, de onde veio e se ateve mais nisso mesmo, enquanto os outros falavam mais da sensação e do sentimento na hora da batalha.

Mas essa não é a única diferença, além de ser uma resposta diferente das demais, o Douglas é o único, dentre os entrevistados, que não dança break, não é b-boy e não está constantemente batalhando.

Mesmo que ele seja jurado de batalhas e esteja participando de outra forma, o modo de ver e entender a batalha acaba sendo diferente e, parece, que o estilo de dança sendo diferente também influencia na resposta. O estilo b-boy tem um discurso bem característico e pode ser pensado como um caso a parte, que sente e vive a dança de uma maneira diferente dos dançarinos de outros estilos, mas esta afirmação dependeria de um aprofundamento de estudos no assunto.

Existe um senso comum entre alguns dançarinos em dizer que hoje as batalhas não são encaradas da mesma maneira como antes, não só as batalhas, mas a dança em geral.

“Na verdade eu to muito descontente com a dança no Brasil sabe, antigamente o pessoal tinha amor a ela, eles faziam o pessoal por questão...é...assim... eles participavam de batalha por questão de honra, ou ia pra festivais assim, com amor ao que fazia, hoje você não vê isso, o pessoal se preocupa muito com o prêmio em dinheiro que eles vão dar e...hoje é tudo igual aqui, ninguém procura uma identidade, ninguém procura coisas novas, ninguém procura inovação, é muito raro você achar um grupo é diferente, entendeu, aqui no Brasil, tem 3 marcas eu falo, que é Ritmos de Rua, Aníbal Dance e Heart Beat, que são marcas assim, o pessoal se espelha neles, é tipo a Nike, a Nike a reebok, eles lançam e o pessoal copia, é assim, que eu vejo hoje e em batalhas, sabe eu acho que a dança aqui ainda tem muito o que evolui, o pessoal sempre...pra começar por músicas, eles não procuram ouvir outros tipos de música sendo que a...o que fez a dança evolui foi a música e, existem várias outras músicas hoje, vários outros gêneros entendeu, e eles sempre ficam bitolado no hip hop underground, isso atrapalha muito, eles não tem outra visão, eles não pensam em outros gêneros, outras coisas, entendeu.” (Douglas, 2011)

“[...] é...na verdade a pessoa tem que dança não pensando mais pelo dinheiro, por essas coisas assim, a pessoa tem que dança por vontade mesmo de ta ali e mostrando o que ela consegue e o que ela pode fazer e não só pelo dinheiro e por essas coisas assim.” (Hugo, 2011)

Um tema recorrente na crítica que é feita às batalhas atualmente é sua comercialização e o apelo financeiro das competições. Segundo os dançarinos mais antigos falta paixão pela dança e se deixar dançar não apenas por um campeonato, um prêmio, reconhecimento e tudo mais, mas também pela diversão, descontração que a batalha proporciona, como diz o Douglas: “sabe...e era bem interessante assim por que o pessoal, eles, não tinham malícia sabe, naquela época...a dança não era como hoje, o pessoal dançava pra se divertir mesmo.”. Outros depoimentos, por sua vez, não trazem nostalgia ou aversão á competitividade exacerbada pelo dinheiro, mas simplesmente trazem uma apologia ao brincar e ao jogo, caracterizando a batalha a partir de um sentido lúdico:

“[...] eu fico na expectativa de sempre que música que vem, o que ele vai me fala e eu tenho aquele negócio assim, o jurado vai me apontar e tal ou não vai e tanto faz, vou perder ou vou ganhar, eu não ligo pra isso, o que eu quero é me divertir então eu vou, depois as pessoas vem e falam assim mas Aline por que que você não...ah eu fiz o que eu tava sentindo na hora, não, mas por que que você não fez aquilo, mas a música pediu aquilo pra mim então é automaticamente, eu não fico fazendo uma session numa batalha, vai no Freestyle, se eu olhei pra alguém e brinquei é por que eu sou assim, minha vida é assim, então a batalha pra mim é como se fosse uma diversão.” (Aline, 2011)

Pensada como jogo produzido com e para a cidade, ela incorpora sentidos de instabilidade, informalidade, improvisação e contingência presentes no cotidiano de todos os grandes centros urbanos contemporâneos. Como poderemos ver no depoimento a seguir,

batalha é aquela roda na rua onde os jurados são as pessoas que assistem, é a vibração e a energia de cada um que decide o campeão do dia:

“[...] batalha, quando a gente fala batalha tem que sair um vencedor e um perdedor e nem todo mundo que perde ele é pior do que o cara que ganhou, as vezes ele não ta no dia dele, as vezes tipo o cara não acorda bem, ta mal, dormiu mal e chega la na hora não consegue desenvolver, segurar seus movimentos, seu freeze, então a gente não define o... a batalha também, quem é melhor na batalha no dia, ou rola aquela coisa dos jurados também que eu falei né tipo tem, cada jurado vai julgar uma coisa, de repente o cara é bom numa coisa mas não é bom em outra e acaba perdendo e batalha na, pra finalizar, batalha na real é essa coisa, essa roda de rua né que a gente chama de Cyphers⁷, que é meu... a galera, o público que vai decidir, que aplaudi, que grita, que torce e o b-boy que consegue ser o melhor das rodas sem jurados, ai esse é o melhor b-boy de batalha que tem, e batalha é isso, batalha é nas ruas e sem jurados, tipo o cara perde hoje mas treina e amanhã volta melhor ainda e tipo um dia após o outro né e não tem aquela de ah é o melhor do b-boy, não vai do dia e vai da Cyphers também, da energia que ele ta tendo na roda também.” (Cauê, 2011)

A batalha de verdade, segundo Cauê, é aquela na rua, sem muita regra, sem muita frescura, sem muito mistério, é simples, o que move o dançarino é a dança, é a música, é a vontade de estar ali, não tem segredo.

Mas, como todo campeonato a batalha também tem suas regras e fomos perguntar a quem entende como isso funciona e o que mais foi falado entre os entrevistados é que não se deve tocar no adversário.

Mas como na questão anterior, as respostas ainda ficam meio confusas. Para alguns as regras são claras, para outros elas não existem. As regras foram citadas mais em relação ao respeito entre os dançarinos, como código de ética ou juízo moral, e não tanto em relação a dança.

Quem falou de uma regra relacionada à dança foi o Douglas, que responde a pergunta falando o tempo que cada dançarino deve usar durante a batalha e também já começa a falar alguma coisa que foi muito comentada na questão seguinte:

“Geralmente é 50 segundos o cara tem pra improvisa e ele tem que se vira na música, tipo, assim o, depende, varia muito de cada jurado depende, varia muito de cada jurado, tem jurado que gosta é...de o quanto que o cara é diferente, como ele se empolga, tem outros que gosta de técnica né, técnica quando eu digo é fundamentos, eles gostam de ver todos os fundamentos... tipo do, se for uma batalha de hip hop, você tem que fazer os fundamentos e criar em cima deles, você tem que variar, você faz um hap fit, que é o nome de um fundamento em cima dele você tem cria outro só que usando a mesma base mas de formas diferentes e assim e...as outras são a mesma coisa, tem jurado...tem...é igual...tipo o que eu falei aqui, jurados avaliam assim de várias formas, tem aquele mais técnico, tem aquele que gosta mais da da...desenvoltura do cara na batalha enfim...é isso.” (Douglas, 2011)

⁷ Cyphers são rodas de break formadas livremente sem jurados. Podemos vê-las nos campeonatos, acontecendo ao mesmo tempo que as batalhas e também livremente na rua, por exemplo.

Essa questão de regras e julgamento da batalha ficou muito confusa e muito parecida ao mesmo tempo, elas parecem querer dizer a mesma coisa e alguns responderam como se tivessem realmente o mesmo significado e pode ser que tenham mesmo, ou seja, não existem limites claros entre as regras e os critérios de julgamento de uma batalha, como se cada dançarino fizesse uma performance produzindo a sua própria compreensão da batalha e eles fossem julgados pela sua capacidade de (re)criar esta prática cultural – a conduta e o respeito ao adversário, por exemplo, é entendido ora como regra, ora como critério de julgamento, mas ele sempre será tencionado na batalha, uma vez que existe certa permissividade à provocação encenada em combate.

Esta compreensão se torna ainda mais complexa se levarmos em conta que batalhas envolvem também uma certa influência de plateia, música, adversários e tudo mais, como comenta um entrevistado:

“[...] quando a música empolga o cara faz mil e uma coisas e assim, a plateia não manda muito...o juri não vai por isso, é o que o cara faz ali, ele vai entra na roda, ele tem que entra consciente, ele tem que passar, ele, ele, não pode ta tenso, ele tem que entra calmo, ele tem que dança...não pro jurado, ele tem que dança pro adversário, ele tem que fazer ele se senti intimidado é como se fosse numa luta..você tem que intimidar ele mas com a sua dança pra que ele fique nervoso e entre não tão consciente como você [...]” (Douglas, 2011)

Essas pessoas respondiam questões relacionadas a regras, que de certo modo, ficaram muito parecidas mesmo. Mas em sua maioria foi colocado que na verdade, depende muito do jurado e do campeonato, ou seja, há uma produção local e circunstancial das regras, o que fica mais claro ainda sua aproximação do fenômeno do jogo não esportivo. Como vemos a seguir um exemplo de campeonatos que possuem suas “preferências”:

“[...] então é...por exemplo, existe um campeonato nos Estados Unidos, Out Break, e lá é uma, é o lugar onde você precisa ser um b-boy “fodacion” você precisa mostrar fundamento mesmo, técnica de dança, top rock, footwork, freeze é...trabalhar bem os powers que você colocar na sua dança por que eles priorizam isso, a dança, a BOTY, Better Of The Year, ou a Red Bull também, eles já priorizam o show, independente do jurado que esteja lá é...eles querem ver show, você precisa mostrar show, que são as coisas incríveis, eles pegam todas as, os pré requisitos que a gente já citou mas eles querem ver coisas incríveis.” (Luane, 2011)

Quem dita as regras são os jurados, se o jurado daquela batalha gosta de um certo movimento/técnica e você faz outro, provavelmente você não será o escolhido, porém se você faz aquilo que o jurado quer ver, aí você terá chances: “Geralmente todo mundo põe isso como regra mas a gente acaba vendo alguns perfis em cada campeonato, as vezes o campeonato impõe esse perfil e as vezes a característica de cada jurado também impõe um perfil pra aquele campeonato.” (Luane, 2011)

Por conta disso, muitos dançarinos falam que olham os jurados de cada campeonato e procuram saber o que cada um gosta de ver e tentar, na medida do possível, agradá-los.

Mas, independente disso, cada dançarino tem seu estilo e isso deve ser mostrado, assim como os fundamentos, como dizem:

“Fundamento, fundamento que é a dança primeiro lugar vem o top rock, foot work, que é a dança no alto, depois vem a dança no baixo que são passos com a mão no chão e tem os complementos que são os Power moves, os freezes, as coisas incrível que vocês vê fazendo, é os complementos da dança, mas também faz muita diferença esse complemento, que cada um faz de um jeito que impressiona diferente, entendeu, só que os fundamentos bem fundamental, e tem jurado que julga mais fundamento e tem jurado que julga mais movimento.” (Tales, 2011)

Ao contrário do futebol, por exemplo, o resultado do jogo e/ou desempenho dos jogadores não depende do juiz, o juiz no futebol não expõe seu gosto, sua vontade e se ele fizesse isso com certeza não daria certo.

“Bem é...ser jurado em batalha, assim, é...é difícil, por que a dança não tem como julgar, é uma arte e daí arte não tem como você julgar, a gente vai por critérios de cada um, é gostos né praticamente, o cara que gosta de mais é... o cara que dança top rock, tem cara de gosta de footwork, tem cara que gosta de power move, tem cara que gosta de freezes, aí o cara que consegue emendar tudo isso, ele já pode se considerar um b-boy completo e participa de campeonato e vai ter bom voto, o cara consegue ser completo, mas até então é...é difícil julgar, por que as vezes o cara tipo assim, ele é bom no tricks né que são aqueles freezes tudo e o outro cara é bom na musicalidade, top rock, footwork, mas não é tão, tão forte, no freeze, mas ele tá dançando né, tá sentindo a música e a gente tem... como já diz break dance né, é uma dança, a gente tem que julgar a dança, mas não desconsiderando também os outros caras que treinam também tricks, combo, power move, que também é uma coisa pesada, é difícil treinar isso e é gosto de cada um, cada um escolhe um caminho pra seguir, aí por isso que quando eu falo ah batalha de b-boy, quem vai ser os jurados aí os caras pra poder participar tem que saber quem vai ser o jurado por que aí já sabe mais ou menos os gostos de cada jurado, por que os caras sabem que eu vou tá lá, b-boy cachorrão vai tá jogando, ele vai julgar mais a dança, por que o que eu passo mais pra galera é a dança, o feeling, a descontração, a essência mesmo de tira uma onda na roda tipo não dança tão sério mas também se divertir, tipo, encher os olhos de quem tá assistindo e eu levo em consideração isso, o cara que consegue interpretar a música, dançando e também fazendo movimentos por que também só a dança não vale a pena o cara tem também que trabalha o grau de dificuldade e eu gosto disso e é legal pra caramba e as vezes tu tá lá, tu julga cara e tu... só que você não pode demonstrar, você quer pular, você quer torcer, só que você tem que ficar sério e isso é complicado, você tá julgando aí o cara faz um negócio loco tu caraco e segura pra poder num grita e tal mais, por que fica meio antiético né os cara não tá torcendo pra ele não, não, não tá torcendo, é emoção que vem quando você é b-boy, você é um dançarino você vê uma coisa diferente, você quer né quer demonstrar isso, o sentimento aflora e é isso, sempre julga a dança e como eu falei é complicado, é difícil, não se julga a arte né, a gente vai por critério” (Cauê, 2011)

Na batalha, o jurado, quando vê algo que gosta, vibra junto com o dançarino e com as pessoas que estão assistindo e isso é muito normal e cada um ali tem sua opinião, tem seus gostos e vão julgar de acordo com isso. O jurado, portanto, está longe de ser representado na figura de um juiz neutro e imparcial, mas sim uma figura expoente, experiente, com opiniões claras e comportamento passional, tanto é que faz parte da programação das batalhas uma performance do jurado.

O que muitos falam também é do b-boy completo, que saiba fazer um pouco de tudo e assim ele facilmente se dará bem com qualquer jurado e em qualquer competição,

como diz o Hugo: “Ah na verdade o jurado ele, ele quer ver tudo né, ele não quer ver você entrar e fazer só uma coisa ali, ele quer na verdade um b-boy que sabe...é faça tudo”

E também não é qualquer um que vai julgar uma batalha, o jurado tem um certo respeito ali dentro do campeonato e com os dançarinos como podemos ver:

“É você tem que ter uma trajetória, você tem que entender daquilo que você vai ta avaliando, não entender simplesmente da dança, não apenas saber dançar, você tem que conhecer a história daquilo, tem que, você tem que saber sobre os fundamentos, criadores, você tem que saber...o que a pessoa ta tentando te passar ali no palco...se bem que essa coisa de dança em palco é coisa de brasileiro sabe, competição de hip hop em palco de teatro, isso é coisa do Brasil, La fora o que pega é só batalha, geralmente quando você vai pra um teatro é espetáculo ou é mostra, é isso...só aqui que tem essa competição de grupo.” (Douglas, 2011)

Mas para quem acha que ser jurado é “moleza”, aliás, achava, por que depois dos comentários acima, já deve estar pensando diferente, mas não é só isso, o jurado se coloca a julgar a dança de outra pessoa dentro de uma cultura que não existem definições exatas do que é certo ou errado e sim apenas do que se sente quando “solta o som”.

“[...] eu não gosto muito de julgar a dança dos outros por que eu acho que cada um tem o seu estilo, eu acho que...se ele ta dançando ali é...passando sentimento, igual a gente disse que aqui cada um tem o seu sentimento, o tímido vai dança curtinho...eu não posso fazer um padrão e falar assim esse padrão né, igual a Lou falou, se gosta de alguma coisa e você vai fazer pelo seu gosto, você vai julgar pelo seu gosto né, mas...negócio de julgar é realmente muito difícil, eu prefiro dançar do que julgar.” (Aline, 2011)

“[...] você ta julgando na realidade a dança do outro e querendo ou não existe uma subjetividade, a gente tenta colocar uma regra mas, no fim das contas é o meu gosto que eu considero como prioridade ou não, certo ou não e...as vezes não agrada e na realidade, o que acontece é que...eu acho que em qualquer dança, você precisa ser egoísta, você precisa dança pra você primeiro e aí você vai conseguir brilhar pros outros, mas se você dança pros outros é complicado por que você vai viver se decepcionando e se ofendendo, por que nem todo mundo vai gosta da sua dança, nem todo mundo vai...é...achar que é bom, nem todo mundo vai ter o mesmo perfil, compartilha do mesma opinião que a sua e isso é frustrante quando você busca isso é muito frustrante por que, as vezes no campeonato aí seu orgulho cresce, você começa a fala eu não perdi eu não perdi não sei o que e tal e é complicado, então na realidade, quando você é jurado, você se expõe muito, por que quem vai batalha é...primeiro tem que aceitar, ele não entende, tem que aceitar, que você é superior a ele, não só em conhecimento de dança mas na dança em si, ele quer ver, você tem que provar que você é melhor do que ele, entendeu, e segundo, você fica num mato sem cachorro assim, por que as vezes um amigo seu vai batalha e você sabe, por exemplo, eu sei o potencial o dela e se ela faz menos...você querendo ou não, você busca na sua memória, pó ela faz mais, por que ela não fez, e ao mesmo tempo fica a história da batalha, eu tenho que analisar o que aconteceu aqui na hora, mas é complicado por que você já conhece a pessoa então é muito difícil você ser jurado, as vezes é...é melhor você ta competindo assim, as pessoas vem te cobrar, as pessoas vão te xingar depois...enfim...eu...na realidade prefiro só dançar, nem a nem b, dinheiro é bom, a glória é maravilhoso mas...é um caminho assim...assim como trabalha em projetos sociais, você precisa ter um perfil, eu acho que pra você ser jurado e pra você ser competidor você também precisa ter um perfil, um estomago, uma cabeça assim legal por que nenhum dos dois lados é fácil.” (Luane, 2011)

“[...] o que você tá fazendo todo mundo faz e não é o que você faz, apesar de ser muito difícil, não é o que você faz, é a maneira como você faz, é a maneira como você se impõe, se coloca e...a veracidade daquilo que você faz, por que se você não acredita no que você tá fazendo, você transpira falsidade na sua dança, eu consigo ver que não é você, não é verdadeiro, você não tá sentindo o que você tá fazendo, você tá fazendo pra arrancar um aplauso meu, pra arrancar um UAU sabe...e num...isso não emociona, isso não emociona ninguém...então as vezes é preferível pra mim você ficar no feijão com arroz, top rock, um footwork, um freeze sem muita coisa mas, vir de dentro mesmo, daquilo que você tá sentindo, do que você fazer mil giros aqui e coisa e tal e para, quem vai me aplaudir agora, eu acho que isso, hoje em dia tá fora de moda.(RISOS).” (Luane, 2011)

Por esses depoimentos podemos perceber que a tarefa de jurado não é nada fácil, como os dançarinos nos contam, a dança é muito subjetiva e, cada um tem seu estilo e é difícil julgar algo desse tipo, acaba envolvendo o gosto do próprio jurado e quando o dançarino é alguém que o jurado conhece, é mais difícil ainda, como vimos nos depoimentos.

Apesar disso, certos comportamentos e/ou movimentos são classificados como: pode ou não fazer na hora da batalha; e pedimos aos entrevistados que nos dessem essas “dicas” explicando como se deve comportar nesse momento tão importante e que qualquer passo errado pode tirá-lo da competição.

Poderíamos pensar em dicas relacionadas a técnicas de dança, já que um deles até fala isso porém, o que é mais importante, segundo os dançarinos, é a questão de respeito entre eles, entre os adversários, na hora da batalha.

Foi falado que não pode repetir movimento, que é importante saber um pouco de tudo, ensaiar coisas variadas, mas a maioria dá valor ao respeito, humildade, para que não haja desrespeito e briga durante a batalha, já que foi feita, justamente, para evitar a violência.

“[...] chega lá e saber dividir passo a passo, por que se você chega num campeonato e você vai e faz um movimento e depois em outra hora você vai e faz ele de novo, isso já não vai contar mais, você não pode ficar repetindo entradas, sempre tem que ser bem diferenciado uma entrada da outra.” (Hugo, 2011)

E a plateia presente no momento da batalha também pode ter uma grande influencia na decisão do jurado. Apesar de Douglas dizer que não, o Tales diz ao contrário:

“É um conjunto por que se você fez alguma coisa que a platéia inteira gostou, ela vibrar, aí o jurado vai por em consideração o que a platéia tá sentindo por que se ele não leva em consideração, o pessoal não vai gostar também por que a voz do povo é a voz de Deus né se for vê.” (Tales, 2011)

Na pesquisa passada, a mesma pergunta foi feita e as respostas foram um pouco diferentes, ao contrário dos b-boys e b-girls de agora, os entrevistados anteriormente falavam mais na dança mesmo, em mostrar personalidade, repertório e concentração.

Porém, na entrevista passada, os dançarinos não eram exclusivamente do break, b-boys ou b-girls, eram dançarinos de outros estilos, mas todos dentro do hip hop, das danças urbanas, e a quantidade de batalhas que eles participavam, os que eram b-boys, comparada aos dessa pesquisa, é muito inferior.

Isso me faz pensar que, esses dançarinos que estão mais envolvidos com as batalhas, estão mais acostumados a essa rotina, ao contrário daqueles que batalham uma vez ou outra, para esses mostrar a qualidade da dança torna-se mais importante pois serão menos ‘expostos’ a certas oportunidades.

Ou ainda, o simples fato de fazerem parte de mundos totalmente diferentes, onde a única coisa em comum é o hip hop, faça portanto, terem expectativas e opiniões diferentes em relação a batalha.

Há exceções, contudo. Um dos entrevistados, Douglas, fala justamente disso: “todo mundo dança igual a todo mundo o pessoal aqui é muito técnico, eles só dançam bases de hip hop sem criar nada em cima, sem ter uma diversificação, é a base nua e crua.”

Douglas faz outra crítica interessante relacionada a criatividade. Ele vai comentar sobre uma dupla, irmãos, que dançam um estilo próprio, diferente de todos os outros.

Em qualquer outra modalidade isso seria quase que impossível, pois estamos muito acostumados a ter nome para tudo, como alguém poderia então dançar algo que não existe?! Porém isso é absolutamente possível falando em dança urbana, em arte.

“teve um debate muito curioso nesse ano né por que o [ruídos] aquela dupla de gêmeos que ganhou esse ano, os caras, eles são muito diferente, as formas que ele se movimentam, as formas que eles dançam, tipo...é uma dança que é deles, eles tem aquela identidade sabe, aquilo parece que nasceu com eles, você não vê ninguém dançando que nem eles.” (Douglas, 2011)

Outra dica para se vencer uma batalha é muito simples, o dançarino precisa acreditar que vai vencer, isso quem nos conta é a Luane:

“[...] na realidade ganha quem acredita que vai vencer, se você não...se você entra numa batalha achando que perdeu, você já perdeu mesmo por que...seu movimento não vai fluir, o seu jeito de agir vai demonstrar que você tá com medo e...é muita energia, muito sensitivo, as pessoas ao seu redor sentem, é engraçado por que eu

batalhei a...umas 3 semanas atrás e eu não me preparei pra batalha e eu falei que eu ia vencer, mas eu não acreditava que eu ia vencer mas mesmo assim eu...falei pra todo mundo que eu ia vencer e eu acabei convencendo todo mundo (RISADAS) por que eu venci e na realidade, olhando os vídeos depois, quer dizer eu to na boca de geral, ta todo mundo falando da minha dança, ta todo mundo esperando na realidade me ver pra dança ali mas vendo os vídeos eu e a minha parceira, ela danço muito mais do que eu sabe, tecnicamente...tudo, ela dançou muito mais do que, mas a minha postura, a minha energia no dia, dito a regra do jogo.” (Luane, 2011)

E ela nos fala mais, fala algo que ninguém havia falado até agora que é a junção da estética com sentimento e técnica:

“[...] a gente precisa da técnica mas a gente precisa também acreditar que é possível, hoje em dia é muito, alias, hoje em dia não, sempre foi o principio era originalidade, é você ser original, não importa o que você faça, não é o que você tem, é como você utiliza o que você tem, isso vai dizer se você é um bom b-boy ou uma boa b-girl ou não, então assim, na realidade as pessoas que se destacam elas tem coisas incríveis mas não só as coisas incríveis que eles fazem que destacam eles, é a forma como eles colocam, por que é...beleza por beleza e coisas difíceis, você um bocado, a cada esquina tem um monte fazendo.” (Luane, 2011)

O que todos falam, se não todos a maioria, é a questão do respeito, dentro e fora da batalha mas, principalmente, na hora da batalha e pensando no esporte, numa partida de futebol por exemplo, isso muitas vezes não acontece, nem mesmo pelos torcedores.

Trago um depoimento da Luane no qual ela começa falando da importância da sua crew e depois do respeito:

“Pra mim, o mais importante é eu consegui representar bem a minha crew por que eu não me importo das pessoas me julgarem, atualmente eu não me importo, eu sou bem egoísta com relação a isso, é minha dança e é a minha dança e a minha dança você não tem o direito de julga ou qualquer coisa assim então na realidade eu não me importo com campeonato, não me importo com uma classificação ou qualquer coisa assim, acho que a premiação todo mundo quer, é muito bom você ganhar, claro, mas assim eu não me importo, hoje em dia não mais, eu consegui abrir mão disso, só que sempre que eu vou batalhar, pelo fato de pertencer a uma crew, eu me importo com a imagem que eu vo ta passando da minha crew, por que eu acho que não é justo denegrir a imagem delas por minha causa, então apesar de, eu sou muito brincalhona, faço, falo muito besteira e coisa e tal mas eu procuro sempre dixa muito claro que isso sou eu, não me confunda com a minha crew, minha crew é uma coisa e eu sou outra, eu acho que seria muito injusto, então quando eu entro no raxa a minha prioridade é conseguir representar bem a minha crew, se eu faço alguma coisa que não é legal, eu saio muito mal da roda mas não é por mim é por saber que, que o pessoal vai ta falando da minha crew, assim pra mim isso é o mais importante....o que eu condeno, quando eu danço, que eu falo assim, você não pode, não podia ter feito é...dá um passo maior do que a perna, é arriscar além do meu limite, é eu querer crescer com uma coisa que eu não domino, que é sem propósito, é eu querer fazer uma parada pra arranca coisa do resto, eu saio mal, saio mal da roda com isso, por que geralmente, dá errado, então e ai entra também na questão do grupo de novo...e ah calcinha também não pode aparecer de jeito nenhum, isso também me deixa péssima, peito, é...não é bonito, não é legal. É...uma coisa que assim, eu falei de uma coisa que eu acho inadmissível eu fazer, mas uma coisa que eu não admito na roda é o desrespeito pelo outro de uma maneira covarde isso me deixa...me transformo num bicho assim, então eu não tenho ingrisia com ninguém,

eu não brigo com ninguém mas assim, eu não gosto quando desrespeitam o meu grupo dentro de uma roda[...].” (Luane, 2011)

O depoimento da Luane é muito forte, há exemplos, mas todos são inflexíveis em relação ao respeito pelo adversário, dançarino, dentro e fora da batalha e que a dança é o modo como eles se enfrentam, usando o corpo sem violência, apenas com a dança.

3.4 A Batalha e a Vida

Que a dança é uma arte todos concordam mas e o break? Alguns chamam de dança e outros acham até que deveria ser um esporte, ou ainda que é um pouco dos dois, mas como classificá-lo? Se é que isso é realmente necessário.

Os mais velhos defendem o hip hop como arte e como dança até o fim, uma até fala que o hip hop é dança mas o que vai mudar é como cada um a encara e aí tanto faz dança ou esporte, independente disso não deixará de ser dança; e criticam alguns que se aproveitam da dança para ganhar dinheiro.

“[...] eu acredito que o break, o hip hop, o break na realidade né, não é nem o hip hop, o break, você pode fazer disso um esporte e ter uma vida de atleta, se você quiser, e você traçar o seu circuito, internacional e nacional e viver praquilo e tal e você pode também viver a vida da dança, daquilo ali, então eu acho que pode ser tudo.” (Luane, 2011)

“[...] mas eles tão fazendo comercial, querendo ganhar muito dinheiro em cima disso e antigamente era apenas um... igual a capoeira, era só pra se divertir, por que não tinha o que fazer, só pra se divertir, se aliviar, eu acho que a dança é isso, é uma arte, não é um esporte e sobre a batalha, uma mostra cultural. A questão de ganhar dinheiro com hip hop, eu acho que a gente pode ganhar, é o nosso trabalho, nosso estilo de vida, mas é que a gente não tá só pra ganhar dinheiro.” (Aline, 2011)

O break pode talvez ser confundido ou entendido como esporte talvez pela rotina de treino, cuidados e competições, que são muito parecidas com a de um atleta no esporte:

“Tipo assim, o b-boy e o hip hop é uma forma de educação também né, por que você cria uma disciplina, você aprende a ter mais compreensão das coisas e é um esporte e uma dança ainda, pelo sentimento é a dança e o esporte é os movimentos que a gente faz que a gente tem que ter muito preparo por que senão não dá, tem que aprender a comer direito também, como um atleta, cuidar do corpo e tal, por que senão você não consegue ter um ritmo bom de treino, um ritmo bom de campeonato pra participar.” (Tales, 2011)

Como podemos ver na entrevista abaixo, o dançarino diz que a dança nasce com você e o esporte não, acredito que tem a ver com o modo como esses dançarinos aprendem a dançar, de forma independente.

“[...] ela é uma coisa que você não se aprende você, você nasce com aquilo e tem pessoas que aprendem a gostar mas já sabe dançar, só falta descobrir aquilo, o esporte não, o esporte você tem que praticar ele, você não nasce sabendo que quer jogar bola, ou quer jogar vôlei, a dança é natural, você escuta a música o seu corpo se movimenta, é uma coisa automática, mesmo quando você não sabe ou você pensa que não sabe, você ah não tenho nem noção, a música toca, tem sempre aquela música que te chama então, ali que você descobre, entendeu, eu falo que pra você se descobrir é indo em festas, nas festas que tocam as coisas legais, as coisas divertidas

e lá que você se descobre, você se identifica com o tipo de dança que você quer aprender.” (Douglas, 2011)

Os mais novos já falam que é esporte, ou que deveria ser, acham que o hip hop, o break, como dança, é pouco divulgado, as pessoas não o conhecem e tem medo de aprender, acham que é difícil.

Na opinião deles, se o break virasse um esporte, seria mais divulgado, mais conhecido e mais pessoas passariam a praticá-lo sem medo algum.

“Na verdade tem muito campeonato, só que não é bem divulgado, os campeonato com umas estrutura muito assim... boa sabe, só que não é tão... vai na mídia, a mídia eles não costumam, não costuma vê nada de hip hop, de dança, que eu vejo é só dança dos famosos, só e quando tem esses eventos grande de dança break, vai mais de 10 mil pessoas, 15 mil pessoas. Eu acho que como esporte ia ser mais divulgado e mais pessoas ia querer entra nesse mundo da dança, é tipo, por que a gente conhece a dança assim, do nada, a gente ta andando assim na rua e vê uns loco dançando ali de cabeça pra baixo e se tu gosta tu vai la e aprende” (Rodrigo, 2011)

Um deles, o Hugo, se contradiz um pouco, penso que a confusão é tamanha que até eles, dançarinos, param pra pensar se aquilo que fazem é uma dança ou um esporte, na fala seguinte percebemos isso:

“[...] na minha opinião o break é um esporte, já é tratado como esporte no mundo inteiro. Ah eu...ai é uma mostra de dança né, na verdade o break é um esporte mas...em um sentido, quando você ta ali dançando em um campeonato já é mais uma batalha, um campeonato de dança, mas para as pessoas assim que não conhece o break essas coisas, eu acho que é conhecido como o esporte.” (Hugo, 2011)

Ou ainda, comparam esporte e dança quanto a patrocínios, ajudas do governo e tudo mais, já que quem dança, dificilmente consegue viver só disso:

“[...] o esporte ele tem o patrocínio, então ele tem todo um, uma base pro cara poder treinar, poder praticar o esporte, ser um bom esportista, hoje na dança não tem isso né, não tem muito apoio, a cultura aqui não tem forças pra poder é... caminhar com as próprias pernas né, o cara tem que trabalha, ai ele perde tempo trabalhando, onde ele podia ta treinando e evoluindo mais a sua dança, melhorando mais, ai é desperdício de muitos talentos que a gente tem ai de cara que tem que parar de dança pra poder trabalhar, ai tem essa diferença toda ai, de... entre o dançarino e o esportista né tipo...o esportista ele tem condições aqui no Brasil, poucas também, não são muitas e o dançarino nenhuma, é tipo, 3, 4% que conseguem viver da dança.” (Cauê, 2011)

Não que o atleta tenha muito mais recursos que um dançarino, mas pelo menos eles tem alguma coisa, mínima que seja. Isso ocorre também não só com a forma dos dançarinos encararem a batalha, tanto na dança como na vida, mas como competição, pois se eles dependem deles mesmos pra tudo então acabam mudando seus objetivos, em vez de dança, dinheiro.

“Bem hoje em dia ele tá sendo um campeonato esportivo né por que é...perdeu aquela coisa de dançar é...por amor né, o cara hoje ele treina pensando em participa dos campeonatos, dos melhores campeonatos que tem por aí é...da Red Bull, Freestyle Session, o cara pensa e treina com o intuito de campeonato, de ganha campeonato, não tem mais aquela coisa de pô, vo treina por que eu vo dança na roda ali e vo tipo curti, quero dança na balada, quero dança na rua, é tá perdendo isso né, muitos b-boys tão treinando hoje em dia com o intuito de ganha alguma coisa, um campeonato, alguma coisa, não tem mais aquele amor, aquela paixão que tinha antigamente de onde não tinha nem campeonato, era só dançar por dançar mesmo né e por amor né.” (Cauê, 2011)

Além do Cauê, o Diego também vai falar desse problema de que a batalha não deveria ser focada no dinheiro e na competitividade, porém os dançarinos dependem disso para sobreviver, eles precisam de dinheiro pra continuar treinando:

“Uma batalha eu acho que não devia visar tanto esse lado esportivo né mas como os caras que dançam eles também precisam de dinheiro né, eles também que correr atrás da bola aí, acaba tendo uma visão um pouco mais pro esporte, por que acho que perdeu um pouco daquilo dos b-boys dançarem na rua, nos lugares, por curtidão, pela energia dos amigos ali de tá todo mundo junto e aí legal que independente de te essa parte do dinheiro e de te voltado um pouco pro esporte, uma batalha, é que aquele cara que treina, que ama a dança, que gosta da dança, ele vai pra batalha por consequência, mas ele também não vai foca em ganha, ou num vai, não eu vo pra arregaça todo mundo lá, vo pra... ele vai pra dança, ele vai pra curti por que ele gosta daquilo de tá batalhando com outro cara.” (Diego, 2011)

A maioria dos entrevistados senão todos, concordam com essa visão distorcida que vem sendo cultuada dentro do Hip Hop, a visão de esporte, de competição, de dinheiro, ao mesmo tempo que os dançarinos condenam esse comportamento eles também tentam justificar, afinal querer ganhar dinheiro fazendo aquilo que você gosta é o sonho de qualquer pessoa.

E querer ganhar dinheiro mostrando sua dança não é de todo mau, até por que o dançarino, se quiser viver da dança, precisa ganhar dinheiro, precisa expor seu trabalho, e o que os dançarinos criticam, que percebemos, são aqueles dançarinos que perderam a paixão por dançar, e que dançam apenas por dinheiro, isso sim seria “errado”.

4. Discussão

4.1 Jogo, improvisação e identidade

Abordaremos no início dessa discussão um pouco dos conceitos de jogo, improvisação e identidade, todos eles, relacionados à cultura do Hip Hop.

Começaremos então com a definição de jogo por Caillois (1958):

“[...] o jogo não gera nada, é estéril, produz apenas o poder de vencer o obstáculo, que pode ser subir na ponta dos pés, girar várias vezes sem sair do eixo, representar para um público numeroso. O palco comporta o tempo vivido, o aqui e o agora, um instante que passa e se encerra ali mesmo. Ele representa a satisfação de um desejo nele mesmo, nada exige do exterior.” (CAILLOIS, 1958 apud ASSIS, 2006, p. 123)

Nessa definição de jogo onde o autor diz que o “palco comporta o tempo vivido, o aqui e o agora” é bem característico não só da dança mas dos esportes, o futebol não acontece num palco mas em um campo e não há como mudar nada do que acontece naquele momento.

A batalha muitas vezes também não acontece em um palco, ela pode acontecer em vários locais, os mais diversos, e como os jurados falam, o que importa, é a dança que o dançarino mostra naquele momento da batalha, o que ele faz antes ou depois não interessa para a batalha.

E não dá para falar de jogo e hip hop sem comentar a improvisação; ela está presente não só na dança e no jogo mas no esporte também que, aliás, é um jogo e não seria o mesmo sem a improvisação.

No hip hop ela é muito importante, principalmente durante a batalha na qual o que mais acontece é o uso da improvisação, é o momento que o dançarino usa sua criatividade aliando-a à música do DJ para impressionar o jurado e ser escolhido como o melhor.

Deste modo, a improvisação contribui com a quebra de padrões tanto metodológicos como de movimentos, dentro da improvisação o que se prioriza é o histórico expressivo do aluno e do dançarino e não uma aula pronta, pré-elaborada de um professor, igual para todas as turmas, como uma aula de matemática, por exemplo. (SOARES et al., 1998 apud LIMA, 2008).

Segundo Gomes et al. (2008) aquele que sabe improvisar, está mais apto a enfrentar mudanças, situações novas e inesperadas, enquanto aquele corpo, que permanece fechado para o mundo, terá dificuldade de lidar com essas situações.

Também Souza e Pereira et al. (2003, apud GOMES et al., 2008) escreve que a improvisação traz características como “a espontaneidade, a imprevisibilidade, a liberdade de criação, a sensibilidade ao momento de criar, a exteriorização das sensações internas”.

E é através da Educação Física que vai se tentar “corrigir” a falta do uso da criatividade, do lúdico, da brincadeira, da sensibilidade, tudo isso tendo como ferramenta o movimento humano (KUNZ, 2003 apud LIMA, 2008, p.109).

E quando falamos em movimento humano não nos referimos única e exclusivamente à dança hip hop, mas sim a todo tipo de movimento além da dança em geral, o esporte e os mais variados tipos de jogos são uma forma de movimento que ajudam também na prática da improvisação.

A improvisação foi inserida na dança para que seus movimentos se tornassem mais livres e menos mecanizados. Além disso, a improvisação também dá liberdade ao dançarino de poder criar seus movimentos e expressar-se livremente (GOMES et al., 2008).

Se a dança coreografada (planejada) é aquela com “movimentos organizados, escolhidos e codificados por um coreógrafo”, a dança improvisada (não planejada) é aquela “realizada no momento de sua execução, mas sem obedecer nenhuma seleção prévia de frases ou sequências de movimentos como nas coreografias.” (GOMES, et al., 2008)

Uma aula de educação física na qual os alunos estão jogando futebol, por exemplo, eles tem liberdade para criar, podemos não perceber mas, o que cada aluno irá fazer dentro do jogo é uma busca pelo seu histórico dentro do futebol e reproduzir durante o jogo segundo suas necessidades perante a situação, ou seja, improvisação.

Mas o que é realmente a improvisação? Gomes et al. (2008) diz: “A improvisação é algo que se faz sem ensaio, de forma espontânea, natural, na nossa casa, na rua, no trabalho, ou seja, no nosso dia a dia através de movimentos anteriormente conhecidos e coletados.” Como foi dito anteriormente.

Segundo o dicionário improvisar é "fazer uma coisa sem preparação; criar de repente" (ROCHA, 2009). E mais poeticamente, Stephane Grappelli (apud Nachmanovitch, 1990) coloca que:

"Improvisação é um mistério. Pode-se até escrever um livro sobre o assunto, mas no fim ninguém sabe o que é. Quando improviso e estou em boa forma, é como se estivesse meio dormindo. Chego até e esquecer que existem pessoas na minha frente. Grandes improvisadores são como sacerdotes, estão pensando apenas no seu deus."

A improvisação então é um elemento muito importante do hip hop e também na vida de qualquer pessoa, mas como ela é treinada? A maioria dos dançarinos entrevistados conta que para treinar a improvisação é necessário ficar "curtindo um som", "soltar uma música e dançar do seu próprio jeito", "[...] dançando, em frente o espelho [...]" (Lara, 2010).

E isso pode ser feito em qualquer lugar, "[...] no pensamento mesmo, fico imaginando as coisas, ou deixo em casa solta uma música e fico dançando, solta a música...e deixo o corpo leva, isso que é treinar." (Marcos, 2010) , entre outras pessoas, andando na rua, "[...] até na escola, na hora do recreio, tira o tempo de tira o lanche, nem come, vai...vai treina no cantinho lá [...]" (Elder, 2010) , vendo vídeos, na frente do espelho e sem esquecer que esse tipo de treino também requer muito estudo. Reforçando a importância desse trabalho. Como mostram as entrevistas:

"Ah...[ruído] curtindo um som, coloco tipo um som que tem que inventar uma coreografia, [ruídos] se acha aquele som da hora e começa inventar a coreografia aí que você vai curtindo som, os carro na avenida passa com o som alto assim só curtindo, dançando no meio dos outro assim aí se vai inventando alguma coisa...da hora." (Jonas, 2010)

"Eu solto música...treino primeiro as coisas que eu sei, tudo que eu sei de top rock e foot work, soltei a música, to treinando [...] troca as música, você vai começar a jogar de um lado, vai fazendo um passo aqui, um passo ali, e vem na cabeça, outro passo [...] então você vai treinando aqui, treinando ali, você se encontra com dois amigos assim, soltou a música, tenta brincar um com o outro, improvisar, faz qualquer coisa [...]" (Lucas, 2010)

Podemos perceber que a improvisação é algo muito fácil e econômico pra se treinar, não necessita de roupas especiais e nem um lugar certo, qualquer lugar, qualquer hora, de qualquer jeito, você consegue treinar a improvisação de uma maneira muito simples; claro que alguém que não seja do meio, da dança, necessita de um acompanhamento de um professor, mas ainda assim é muito simples.

Vimos então que a improvisação pode ser treinado por qualquer pessoa mas e a dança urbana? Notamos que há uma personalidade por trás de cada dançarino muito singular,

podemos ver diferenças no modo de se vestir em cada estilos de dança, dentro e fora das danças urbanas e também nos esportes, cultura, estilos de música, como diz nesse trecho de um livro:

Já a moda hip-hop se fez presente com agasalhos esportivos, largos blusões coloridos e, mais tarde, jeans folgadas, bonés com aba para trás, calças largas, grossos colares dourados, dentes de ouro e requintados tênis, propositalmente desamarrados. Os rappers costumavam andar com Adidas sem cadarços, saídos diretamente da caixa. (CARMO, 2003, p. 179)

Essa moda “largada” do hip hop retratada no trecho acima é proposital em relação a dança, essas roupas largas proporcionam movimentos maiores durante uma coreografia, durante a batalha, os movimentos ficam mais fluidos.

Com os cabelos cortados no estilo moicano e coturnos pesados, seus trajes têm simbolicamente o mesmo significado anárquico e desesperado expresso nas letras de suas músicas: botas, couro, correntes, tatuagens, insígnias nazistas ou do comunista Stálin. (CARMO, 2003, p. 125)

Hoje, cada tribo se identifica por sua roupa e adereços; a marca da roupa, com ou sem grife, vale como carteira de identidade grupal. A partir dos anos 60, ganharão maior abrangência as ondas hippie, skinhead, punk, new wave, rastafári, surfista, gótico, skatista, grunge, clubber, rapper. (CARMO, 2003, p. 192)

Claro que as roupas não eram só usadas para dar movimento durante a dança mas também, como foi falado antes, para mostrar um estilo, um grupo, para diferenciar cada grupo do outro, como se fosse um uniforme. “Fazer parte de uma gangue fortalece a pessoa que necessita ser reconhecida ou valorizada, o que muitas vezes não acontece no lar, na rua ou na escola.” (CARMO, 2003, p. 221).

“Diz um ex-integrante do movimento punk: ‘Se você é um office-boy, você tá fodido. Aí, se você vira punk, você é alguém; todo mundo vai te identificar. Se alguém olha para você, já sabe o que você acha da sociedade, você não precisa falar mais nada. Você encontra uma identidade – você fica orgulhoso: sou punk. Era um barato, as pessoas ficavam assustadas.’” (ABRAMO, 1994 apud CARMO, 2003, p. 149)

Como vemos nos trechos acima, fazer parte de um grupo fortalece a pessoa, te dá respeito e também uma identidade. Dentro do hip hop, do break, cada dançarino tem um estilo de dança e um modo de se vestir que se destaca das outras pessoas, os outros dançarinos irão respeitá-lo pela sua dança, pelo quão bom você é em passar sua identidade dentro do break.

4.2 Dança, esporte e espetáculo

Uma das grandes questões desse estudo é o modo como a dança, especificamente o break e as danças urbanas, tem se tornado comercial, competitivo, a um passo de se tornar um esporte.

Os dançarinos de break entrevistados fazem uma crítica mostrada nos *Resultados* perante aquelas pessoas que se esqueceram de dançar pelo simples prazer que a dança proporciona, esqueceram da paixão que os move e acabam fazendo da sua dança apenas um modo de ganhar dinheiro.

Por outro lado, a justificativa dada por alguns é a falta de apoio e estrutura que as danças urbanas e o break possuem, muitos dançarinos constroem suas carreiras sozinhos, bancando seu próprio sustento sem ajuda de patrocinadores, por exemplo, e a única maneira de continuarem vivendo pela dança é vendendo-a.

A mídia também possui uma parcela de culpa em tudo isso, das pouquíssimas vezes em que uma batalha é mostrada na TV ou que algum dançarino, b-boy, é chamado a aparecer em algum programa, o que é mostrado é bem diferente do que acontece realmente.

Os dançarinos quando chamados para se apresentar nos programas de TV acabam mostrando algo totalmente comercial, mostram as “coisas incríveis”, como eles mesmos dizem; quando eles falam em batalha na TV e logo em seguida fazem uma “apresentaçãozinha”, quem está assistindo nem imagina o que realmente é essa tal de batalha.

Acabamos então vendo dançarinos de break, nascidos das ruas, mostrando coreografias em cima de palcos, totalmente fora das suas origens porém é o que a mídia e as pessoas estão acostumadas a ver, se alguém encontrar uma pessoa fazendo acrobacias no meio da rua ou em uma praça, de certo achará um pouco estranho.

Mas o normal é isso, é ver essas pessoas se exibindo nas ruas, lugares públicos e fazer desses lugares o seu palcos, fazer as pessoas que passam pelo local olhá-lo de uma maneira diferente, como mostra no trecho a seguir: “Por volta de 1982, o hip-hop já estava presente nas principais ruas de Nova York. Várias esquinas serviam de palco para exhibições de diferentes grupos que dançavam ao som de enormes rádios”. (CARMO, 2003, p. 181).

A dança break – uma exibição de piruetas atléticas, gestos robóticos, movimentos de tronco, saltos acrobáticos e movimentos bruscos – retratava a energia da música. Os pioneiros dessa dança, presentes nas esquinas das ruas, tornaram esses espaços públicos palcos e centros alternativos para manifestação da juventude. (CARMO, 2003, p. 181)

A competição mais característica do hip hop, as batalhas, também não são feitas em palcos, alias, algumas já são, palcos em formas redondas, como se fosse uma grande roda de break onde cada dançarino explora seu melhor do dia e também há grande discussão com o esporte.

“Por mais diferenças que possam surgir entre uma competição esportiva e uma competição de dança, a ultima além de envolver características esportivo-competitivas possui aspectos artísticos e culturais que, geralmente, dificultam o trabalho dos jurados.” (RIBEIRO, 2011, p. 97)

Mas, para a batalha tornar-se um esporte ela deveria preencher alguns requisitos. Segundo Allen Guttmann (apud SURDI, 2009) há sete categorias de institucionalização de um jogo para ser um esporte moderno, são elas:

- Secularização;
- igualdade de chances;
- especialização de papéis;
- racionalização;
- burocratização;
- quantificação e
- busca de recordes.

Analisando então as batalhas e comparando com essas sete categorias, podemos concluir que a batalha ainda está um tanto longe de se tornar esporte, pois apenas a Secularização e a Especialização de papéis estão presentes na batalha e mesmo assim não são totalmente presentes. Quanto aos outros, a batalha não possui igualdade de chances, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recordes

Voltando ao julgamento da batalha, como o texto mostra a dança é subjetiva, não é tão simples quanto marcar gols e ser o campeão, envolve muito mais que isso e como já comentamos antes e como diz acima, ser jurado de uma batalha não é nada fácil:

“Em uma verdadeira Batalha de Street Style os juízes tem que fazer um SOLO! Isso mesmo, os juízes tem de mostrar porque são os juízes fazendo um Freestyle antes das finais. Isto irá determinar o nível de respeito. E se você não fizer seus Freestyle depois de julgar uma batalha, é um desrespeito a todos os concorrentes e você perde a sua credibilidade nas ruas.” (Wiggles, apud RIBEIRO, 2011, p. 99)

Para provar isto, temos acima a fala de Wiggles, dançarino e jurado de batalhas, que mostra que o jurado não pode ser qualquer um, os dançarinos têm que saber que o jurado não é jurado por acaso mas sim por que ele sabe mais do que quem está ali batalhando.

Wiggles também faz críticas a certos programas de TV que mostram uma visão distorcida das batalhas, colocando-as em palcos, mostrando coreografias, extinguindo as rodas de break, a mídia não mostra tudo o que acontece por trás da batalha, durante todo o dia da competição, o que vimos na TV perdeu o espírito de jogo e de improvisação que a batalha tem.

4.3 Corpo, cidade e contra-cultura

Os espaços usados pela cultura do hip hop, principalmente, pela dança, são os mais variados possíveis, como fala Fleury (2007) os b-boys norte americanos mostravam sua arte, sua dança, nos guetos de Nova Iorque e Los Angelis, já no Brasil o alvo são as periferias e as praças; em ambos os locais se utilizam tanto para ensaios do grupo como para apresentações.

Como mostra também em alguns trechos a seguir, a cultura Hip Hop se apropria dos lugares transformando-os por alguns instantes em locais de convivência, deixando de ser apenas ruas e praças pelos quais passamos despercebidos durante o dia. Os DJs, que iniciaram atuando em festas nas ruas e praças desde 1973, deram um novo sentido a esses espaços públicos, transformando-os em centro comunitários livres. (CARMO, 2003, p. 179)

Com um discurso improvisado, o DJ atuava como contador de histórias para os moradores do bairro. [...] os animadores adaptavam mesas de som e alto-falantes provisórios, na maior parte das vezes nos próprios postes de luz, em geradores de força. (CARMO, 2003, p. 179)

No bairro, pude evidenciar várias formas de apropriação dos espaços públicos como as ruas e as praças, quando aos domingos se tornam áreas de lazer para os moradores. Ao caminhar pelo bairro, logo se vê pessoas sentadas na calçada conversando, e ao mesmo tempo observando crianças brincarem na rua, rapazes jogando bola e até mesmo empinando pipa; grupos de meninas conversando. As praças por sua vez, viram grandes extensões de bares, onde as mesas são colocadas na calçada e ou também quando este espaço da rua, à noite, é usado para realizar festas funks. (MATOS, 2010, p. 64)

Neste último trecho percebemos que não é só o hip hop que se apropria de lugares para transformar em algo temporário, mas também outras culturas consideradas da periferia se utilizam desse artifício já que não possuem um lugar próprio assim como os dançarinos de break em muitos casos.

Durante a pesquisa literária encontramos um termo que pode explicar essa ocupação de lugares sem pertencimento, lugares públicos. Tentamos encontrar uma definição para esse termo mas como o próprio autor BEY escreve, TAZ ou Zona Autônoma Temporária é exatamente isso, é essa apropriação de lugares por um tempo determinado e depois esse lugar volta a ser o que era antes.

Como diz Bey (1990) nesse trecho: “A TAZ possui uma localização temporária mas real no tempo, e uma localização temporária mas real no espaço.” e “A TAZ deseja,

acima de tudo, evitar a *mediação*, experimentar a existência de forma *imediata*. A essência da TAZ é "peito-a-peito" [...]"

Vimos também que isso acontece em sua maioria nas culturas marginalizadas, como o hip hop e o funk, que foi citado anteriormente, são culturas que tentam, de alguma forma, terem seu próprio espaço e ao fazer da rua um local de festa e de dança querem mostrar para as outras pessoas um pouco da sua cultura.

Não estão aqui para briga, confusão, a razão das batalhas e do hip hop é justamente acabar com isso, os jovens com as letras de rap querem expor seus problemas, querem, de alguma maneira, tentar solucioná-los através da música, da dança, da arte em geral.

“Os grupos de hip hop, que englobam o rap e o break e que se espalham pela periferia de modo impressionante, são um exemplo disso. Reúnem-se em torno de diversão e arte, mas também assumem o desejo de ser um canal de expressão de questões juvenis.” (Helena Abramo ao jornal O Estado de São Paulo, de 22 nov. 1998)

Assim como nos primórdios do samba, que se originou de uma cultura marginal ligada aos setores populares, ocorre na atualidade o surgimento de um novo gênero musical que busca retratar, com fidelidade, dificuldades que a maioria da juventude pobre de periferia sofre no seu dia-a-dia. Ao cultivar o ‘ritmo dos excluídos’, os rappers tornam-se os porta-vozes ou cronistas das injustiças sociais e dão visibilidade a seus problemas. (CARMO, 2003, p. 174)

Como vemos acima, não só os rappers, mas os dançarinos de break e até mesmo os grafiteiros, tentam através da sua arte atingir as pessoas que não fazem parte e não conhecem os problemas enfrentados por essas pessoas.

5. Considerações Finais

Ao longo do texto fomos tentando responder as perguntas feitas no início do trabalho com base nos dados coletados e na literatura, muita informação foi encontrada, análises muito ricas e acredito que conseguimos chegar às respostas.

Podemos perceber com esta pesquisa que os dançarinos iniciam a dança break, como forma de independência e desprendimento da família e o seu aprendizado é feito sozinho, ou pela pessoa que o influenciou a tal que, geralmente, são amigos.

Vimos também que para participar de uma batalha é necessário um perfil que seja forte, de um batalhador literalmente, pois é um momento muito difícil e não é qualquer pessoa que suporta toda a pressão da batalha.

O treino para quem se arrisca a participar de tal competição também não é fácil, requer tempo e muita vontade. Os jurados por sua vez não possuem uma tarefa muito fácil, julgar algo tão subjetivo e individual requer certo conhecimento e indiferença, o jurado leva em conta seus gostos, mas não pode julgar pela amizade, o que vale é o que acontece no real momento da batalha.

Por fim, a divulgação desses eventos e a circulação de informações sobre o tema, os dois são muito escassos e selecionados, tanto um quanto o outro são divulgados aquelas pessoas que estão no meio, dificilmente vai a uma batalha alguém que não conheça, não deveria ser assim, mais pessoas deveriam ter a oportunidade de conhecer essa cultura tão rica e poder participar dos eventos.

É por essa questão que discutimos aqui também a esportivização do hip hop, apesar de todos afirmarem que o break é uma dança, alguns acham que se fosse um esporte seria mais divulgado, teria mais estrutura e mais pessoas começariam a praticar.

Ainda é muito pouco estudada essa área, a maioria das informações são tiradas de sites e livros independentes de pessoas do meio e muito pouco também que tenha alguma relação com a Educação Física.

Entre todas estas considerações, temos de dar relevância às fortes relações entre o hip hop e o comportamento, ou seja, relacionando a estética, a política e a existência: vimos o

quanto a batalha está presente na vida dos dançarinos de break e de danças urbanas, no primeiro, especialmente, a batalha é não apenas uma competição de dança mas também de vida, desde a iniciação até depois como forma de vida, estilo de vida.

Viver da dança não é nada fácil, porém o que importa é fazer aquilo que nos preenche, que nos traz alegria, trabalhar com algo que amamos é excelente e essas pessoas tem essa oportunidade, apesar de ser tão desgastante.

A batalha como competição é algo muito rico, cheio de detalhes e ao mesmo tempo muito simples, “mete” muito medo nos dançarinos mas ao mesmo tempo é um lugar onde eles mostram todo seu trabalho, seu treino, seu esforço.

Não é qualquer pessoa que se dispõe a batalhar, mas aqueles que nasceram para isso executam a tarefa com excelência, eles sofrem também, mas para quem está de fora, para quem assiste, tudo parece muito fácil, muito tranquilo, a dança flui como se a pessoa não tivesse que pensar nem um pouquinho para executar o movimento, ele sai livremente, acredito que a batalha, para esses dançarinos é muito mais que uma competição e sim um momento de curtição.

Os jurados então devem sofrer mais que os próprios dançarinos por que julgar uma dança é subjetivo e não há critérios, cada um julga de acordo com o que gosta e por incrível que pareça eles torcem para os dançarinos, na verdade não é para o dançarino em si mas para a sua dança e isso é muito bonito, demonstra paixão.

Ter esse contato com essa cultura, com essas pessoas e com todo esse movimento das batalhas foi muito importante, mostrou novas idéias, novas maneiras de encarar não só a dança, os outros estilos de dança fora do break e das danças urbanas e também o esporte e a educação física.

Que bom seria se nas aulas de educação física os alunos aprendessem a utilizar seu corpo, a ter uma percepção corporal maior, conhecer os movimentos possíveis, cada vez mais vemos por ai crianças paradas, sedentárias, que não tem a mínima coordenação motora.

A dança, a improvisação, a simples movimentação poderia fazer a maior diferença na vida das pessoas, não só de crianças mas de todas as idades, conhecer o nosso corpo sem pensar na estética, nos resultados, apenas senti-lo, deixar fluir, ouvir uma música e deixar que o corpo se movimente sem pensar em técnicas, em certo ou errado.

E no esporte? Imaginem um juiz vibrando após um gol bem feito, um gol bonito, algo bom não aconteceria provavelmente, o juiz é alguém totalmente desprovido de emoção naquele momento, na hora do jogo e toda a torcida e mesmo os jogadores algumas vezes, perdem o respeito por ele que seria a ordem máxima dentro do campo.

Diferente de um juiz de batalha, até por que ele mostra por que é o juiz, mostra sua dança para ter o respeito tanto da plateia quanto dos dançarinos e ali esses são ordem máxima e violência e desrespeito estão fora de cogitação.

Portanto acredito que o trabalho vem contribuir muito com a educação física trazendo maneiras diferentes de se pensar a competição, a educação, o treino, o modo de encarar o corpo e sua gama de funções.

6. Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. Edição. São Paulo: Scritta, 1994 apud CARMO, P. S. **Culturas da Rebeldia: a juventude em questão**. 2º edição. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

ASSIS, M.; CORREIA, A. M. Entre o jogo estético e o impulso lúdico: um ensaio de dança. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 121-130, jan. 2006.

BEY, H. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. [1990].

CANTON, N. **Moda Hip Hop**. Disponível em: <
<http://artdasruas.blogspot.com/2009/11/moda-hip-hop.html>>. Data de acesso: 01/04/2011

CARMO, P.S. **Culturas da Rebeldia: a juventude em questão**. 2º edição. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

FLEURY, M.M.N. Dança de rua: jovens entre projeto de lazer e trabalho. **Última Década**, Valparaíso, nº27, p. 27-48. Dez.2007.

GOLDENBERG, R.; OTUTUMI, C. Análise de conteúdo segundo Bardin: procedimento metodológico utilizado nas pesquisa sobre a situação atual da Percepção Musical dos cursos de graduação em música do Brasil. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MÚSICAIS, 4, 2008, UNICAMP. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2008.

GOMES, A. C., et al. Estudo dos benefícios da improvisação nas aulas de dança do curso de Educação Física Unilestemg. In: **Movimentum: Revista Digital de Educação Física**, Ipatinga: Unilestemg, v.3, nº.1, p. 01-12, Fev./Jul. 2008. Disponível em <http://www.unilestemg.br/movimentum/Artigos_V3N1_em_pdf/movimentum_V3_n1_gomes_ariane_cordeiro_ederlayne_faria_fabiana_2_2007.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

LIMA, E. C. P.; SARAIVA, M. C. Que dança faz dançar a criança? Investigando as possibilidades da dança – improvisação na educação física infantil. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE, 4, 2008, Faxinal do Céu, Paraná. **Anais...** Paraná: Faxinal do Céu, 2008. p. 479-484.

MATOS, F. C. Lazer nos pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro “periféricos”. In: GRADUAÇÃO EM CAMPO: SEMINÁRIOS DE ANTROPOLOGIA URBANA, 10, 2011, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciencias Humanas da USP. **Anais...** São Paulo: USP, 2010.

NACHMANOVITCH, S. **Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. Summus Editorial: São Paulo, 1990.

RIBEIRO, A.C., CARDOSO, R. **Dança de Rua**. Campinas: Átomo, Campinas, SP, 2011.

ROCHA, R. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2009.

SOARES, A.S., SARAIVA, M.C., FALCÃO, J.L.C. Educação Física e Família: construindo aproximações por meio da dança na escola. **Motrivivência**, Santa Catarina, nº 30, p. 91-110 Jun./2008.

SURDI, A. C. Algumas discussões sobre o esporte da mídia e o esporte na mídia. In: **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n. 130, mar. 2009. Disponível em: <
<http://www.efdeportes.com/efd130/algumas-discussoes-sobre-o-esporte-da-midia.htm>>.
Acesso em: 17 nov. 2011.

THOMAS, J.R., NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

7. Apêndice 1 – Tabela das entrevistas

1. Perfil dos entrevistados:

Douglas	Ensino médio.
Tales	---
Hugo	---
Aline	Ensino superior.
Luane	Ensino superior.
Cauê	Segundo grau completo.
Diego	Segundo ano.
Jonas	Segundo ano cursando.
Rodrigo	Segundo ano cursando.

2. Como começou a dançar:

Douglas	Começou com dança afro. Um amigo e o irmão mostraram a dança e então começou a dançar num grupo de Freestyle.
Tales	Espaço no NAPS usado para a dança break, viu e começou a praticar.
Hugo	Começou com 6 anos influenciado pelo irmão.
Aline	Grupo de meninos capoeiristas começaram a dançar, ela viu e

	começou a dançar também.
Luane	Começou com um grupo de freestyle e depois foi treinar break com Fabigirl.
Cauê	Inspirado por dançarinos de rua, gangues, da década de 80, que dançavam no bairro onde morava.
Diego	Começou com a capoeira, depois um grupo de freestyle e aí foi aprender break com o Cachorrão na escola da família.
Jonas	Vendo os amigos dançar.
Rodrigo	Um amigo que dançava o ensinou a dançar.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Amigo e irmão: D1
- Irmão: H
- Amigo: A, C, J e R
- Instituições (Escola da família e NAPS): D2, T
- Outras: L

3. Definição de batalha:

Douglas	Rodas criadas para cada pessoa mostrar seu “individual”.
Tales	Onde cada um mostra o que sabe.
Hugo	Cada um tem seu estilo e é na batalha

	que mostram isso e só quem pode julgar são os jurados.
Aline	Mente e corpo.
Luane	“[...] ganha quem acredita que vai vencer [...]”
Cauê	Explosão de sentimentos.
Diego	Sorte.
Jonas	Humilhar, zoar o adversário.
Rodrigo	Guerra.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Rodas para Mostrar o que sabe: D1, T e H
- Mente e corpo: A
- ‘Fé’: L
- Sentimento: C
- Sorte: D2
- Humildade: J
- Guerra: R

4. Regras de uma batalha:

Douglas	Tem 50 segundos pra improvisar.
Tales	Não pode ter gesto obsceno, palavrão e toque. Fundamentos, dança no alto, dança no

	baixo, complementos.
Hugo	Não pode ter toque e nem gestos.
Aline	Não pode encostar e nem bater.
Luane	O mais importante é representar bem a crew.
Cauê	Musicalidade, ritmo, criatividade, feeling.
Diego	Cada b-boy tem um estilo. Não tem muita regra. Não pode encostar no oponente.
Jonas	Não pode ter contato físico. Cativar jurado e público.
Rodrigo	Não pode encostar, o resto vale tudo.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- 50 segundos: D1
- Sem gesto, sem palavrão, sem toque: T
- Sem toque, sem gesto: H
- Sem toque, sem bater: A
- Representar a crew: L
- Sem toque: D2, J e R

5. Critérios de julgamento:

Douglas	Depende do jurado.
---------	--------------------

Tales	Cada jurado tem seu critério de julgamento.
Hugo	O jurado quer ver um b-boy completo. O mais importante é estilo próprio e ritmo.
Aline	Cada campeonato tem um julgamento. Musicalidade, técnica, criatividade, estilo próprio, originalidade.
Luane	Depende do campeonato e do jurado.
Cauê	Idem 4
Diego	Idem 4
Jonas	Idem 4
Rodrigo	Idem 4

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Depende do jurado: D1 e T
- B-boy completo: H
- Depende do campeonato: A
- Depende do campeonato e do jurado: L

6. Acertos X Erros em uma batalha:

Douglas	No Brasil é técnica. Nunca tocar no adversário.
Tales	É um conjunto de coisas.

	Humildade.
Hugo	Fazer de tudo um pouco. Não repetir movimentos.
Aline	Dançar. Não pode falar que vai e não vai.
Luane	Representar a crew. Não pode ter desrespeito. Não pode xingar.
Cauê	Respeito. Não pode ter toque.
Diego	Respeitar o oponente. Fazer o seu melhor.
Jonas	Surpreender o adversário.
Rodrigo	Fazer melhor que o outro.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- **SIM**
- No Brasil, técnica: D1
- Conjunto, tudo um pouco: T e H
- Humildade: T
- Dançar: A
- Respeito: L, C e D2
- Representar a crew: L
- Fazer o melhor: D2 e R

- Surpreender: J
- **NÃO**
- Sem toque: D1 e C
- Não repetir movimento: H
- Falar que vai e não vai: A

7. Treino para batalha:

Douglas	Ouvir várias músicas, principalmente aquelas que não conhece. Sempre treinar com música diferente.
Tales	3 vezes por semana ou mais, se tiver algum campeonato.
Hugo	Treino com o grupo. Domingo a domingo, menos segunda-feira. Treino de tudo.
Aline	3 vezes por semana.
Luane	Treinava como um atleta. Dormia e comia bem. De 2 a 3 vezes por semana treinava break e também capoeira e circo. Hoje, eu não treino, eu vivo a dança.
Cauê	Tem que ser um treino concentrado.

Diego	Foco. Boa alimentação, exercício, aquecimento, alongamento. Treinar as sessions.
Jonas	Depende do campeonato: individual, dupla ou trio a crew treina e se foca nas pessoas que irão competir; se for em grupo a crew treina coreografia.
Rodrigo	Treina apenas com sua crew.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Ouvir várias músicas: D1
- 3 vezes por semana: T, A e L; Domingo a domingo: H
- Com o grupo: H, R e J
- Treino de tudo: H e L
- Vivo a dança: L
- Concentração: C e D2
- Sessions: D2

8. O dia da batalha:

Douglas	Tudo previsto. Começa montando as grades, pode 1 versus 1, 2 versus 2 e 3 versus 3 e tem também a sevent2smooth.
Tales	Começa com jurado dando workshop, palestra, batalhas (primeiro b-girl,

	<p>individual e grupo).</p> <p>É tudo previsto.</p>
Hugo	<p>Depende do campeonato, alguns fazem as inscrições na hora e outros antes; alguns cobram e outros não, é bem variado.</p> <p>E as batalhas são divididas em b-boy, b-girl.</p>
Aline	---
Luane	---
Cauê	<p>Não tem hora pra começar, geralmente entre 11h e vai até 19h, 20h.</p> <p>Começa com as rodas livres, aquecimento, almoço e as 14h, 15h começam as batalhas.</p>
Diego	<p>É difícil pra quem monta a estrutura.</p> <p>Tudo tem que estar organizado, com os horários certos.</p>
Jonas	<p>Aquecimento, oração.</p> <p>Entrou na roda, esquece tudo, ali não tem amizade.</p>
Rodrigo	<p>Treina muito.</p> <p>Um dia antes, dorme cedo e no dia todo mundo se reúne e vai junto.</p>

*Douglas: D1 e Diego: D2

- É tudo previsto: D1 e T

- Montar grades: D1; Workshops, palestra, batalha: T; Roda livre, almoço, batalha: C; Batalhas divididas em Masculino e Feminino: H
- Depende do campeonato: H
- Não tem hora para começar: C
- Aquecimento e oração: J

9. Perfil do dançarino de batalha:

Douglas	Não existe. Todo mundo pode batalhar.
Tales	Tem vários estilos, cada um tem o seu. O grupo também pode usar roupa/detalhe igual.
Hugo	Não. Vai de cada b-boy.
Aline	Ranço, objetivo, aceitação. Você precisa querer estar lá.
Luane	Existe. Precisa ter personalidade forte, agressividade, objetivo e gostar de desafios.
Cauê	B-boy tem uma rança, é marrento.
Diego	Existem vários. Formas diferentes de se vestir dependendo da região.

	O b-boy tem um feeling.
Jonas	Cada b-boy tem um estilo, tem um jeito de cativar o público.
Rodrigo	O b-boy quando vê outro b-boy, já sabe que é b-boy, é uma coisa que vem de dentro.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Não existe: D1 e H
- Qualquer um pode batalhar: D1
- Cada um tem seu estilo: T, H, D2 e J
- Ranço, objetivo, aceitação: A e C; Personalidade forte, objetivo, agressividade, desafio: L; Feeling: D2
- Existe: L
- B-boy reconhece outro b-boy: R

10. Calendário e informações sobre as batalhas:

Douglas	No Brasil, são quatro festivais importantes: Meething Hip Hop Valinhos e Indaiatuba, Internacional de Hip Hop em Curitiba e Encontro das Ruas em Joinville. Facebook, Orkut, site do festival.
Tales	Divulgação pela internet, facebook, Orkut, msn. Mais o pessoal que estão no meio.

Hugo	Internet, facebook, Orkut.
Aline	Quase tudo pela internet, msn. Informações no próprio campeonato.
Luane	Existe um calendário internacional. Grandes eventos não acontecem ao mesmo tempo. Os nacionais também seguem um calendário. É preciso estar dentro do circuito, ter contatos. Informações nas próprias batalhas. Internet, facebook, Orkut, google, sites de divulgação.
Cauê	Batalhas são quinzenais. Orkut, facebook. Atinge o pessoal que esta participando, b-boys.
Diego	Circulam pra quem é do meio da dança. Facebook, Orkut, msn.
Jonas	---
Rodrigo	Não tem calendário certo.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- No Brasil são 4 festivais importantes: D1

- Facebook, Orkut: D1, H e C; Facebook, orkut, msn: T e D2; Facebook, orkut, google: L; Site festival: D1 e L; Msn, internet: A
- Pessoas do meio: T, L, C e D2; Próprio campeonato: A e L
- Calendário internacional e nacional: L; Quinzenais: C
- Sem calendário certo: R

11. Diferenças e semelhanças entre dança, hip hop e esporte:

Douglas	<p>Considero uma arte.</p> <p>A dança é uma coisa que não se aprende, você nasce com aquilo.</p>
Tales	<p>Hip hop, b-boy, é uma forma de educação por que você cria uma disciplina.</p> <p>É uma dança pelo sentimento e um esporte pelo movimento.</p> <p>Batalha é um campeonato de dança.</p>
Hugo	<p>Break é um esporte, já é tratado como esporte no mundo todo.</p> <p>A batalha é um campeonato de dança.</p>
Aline	<p>É arte.</p> <p>Batalha é uma mostra cultural.</p>
Luane	<p>É uma dança.</p> <p>Batalha é uma amostra de dança.</p>
Cauê	---

Diego	---
Jonas	Já deveria ter virado um esporte. Batalha é uma mostra e um campeonato.
Rodrigo	Poderia ser um esporte.

*Douglas: D1 e Diego: D2

- Arte: D1 e A
- Educação: T
- Dança e esporte: T
- Esporte: H, J e R
- Dança: L
- Batalha é campeonato de dança: T e H; Batalha é mostra de dança: L
- Batalha é mostra cultural: A
- Batalha é campeonato esportivo e mostra de dança: J

8. Apêndice 2 – Roteiro de entrevista 2010

1. A história do hip hop na vida do dançarino (como surgiu, onde, influências, mestres)
2. Relações entre trabalho, lazer e o hip hop (Repertório: outras práticas esportivas, artísticas e corporais no passado e presente)
3. Os estilos do hip hop e suas escolhas
4. A preparação e treino para as performances e competições (onde, como, quando? Aprendizado técnico: assistindo, experimentando, ensaiando, competindo?)
5. Mostras do hip hop (festivais, encontros, batalhas etc). Tipos de formação e diferenças. (grupo coreografado x b. Boy)
6. O mais importante para se mostrar numa apresentação. Como se vence uma batalha versus os erros que se devem evitar
7. Qual é o papel da improvisação / do imprevisto no hip hop (o que já foi criado versus o que é criado em tempo real. O que influencia criação do movimento: diálogo com a música, o adversário, a equipe?)
8. É possível treinar a improvisação? (há um repertório básico?)
9. Definição de hip hop para você
10. Semelhanças e Diferenças entre dança, esporte e hip hop
11. A improvisação é importante na sua vida? Por que?

9. Apêndice 3 – Roteiro de entrevista 2011

1. Perfil social do Jurado/Dançarino (nome, idade, origem, moradia, formação, estado civil, trabalho, lazer)
2. História do hip hop na vida de um jurado de batalhas (como surgiu, onde, influências, estilos que dança, mestres) até o presente (como um membro do Júri – já foi membro outras vezes, é novato, veterano?);
3. Definição de uma batalha (O que é? Para que serve? De onde/quando surgiu? Onde acontece?). Já esteve neste evento? Como foi da última vez?
4. As regras de uma batalha (Há um Espaço, Tempo, Participantes – jurado, dj, platéia -, Objetivo, Materiais).
5. Critérios de julgamento de uma batalha (b-boy, platéia, dj, música? Acrobacias, Dança, Estilo, Improvisação?).
6. O que é mais importante para se vencer uma batalha versus os erros que se devem evitar.
7. Como se treina para uma batalha? (grupos, lugares, vídeos)
8. A programação de um dia de batalha (apresentações dos jurados, dj's, grafiti, competidores... tudo é previsto? algo é improvisado?)
9. Perfil do dançarino de batalha (origem social, referências culturais, formação em dança?) e critérios de participação (há seletivas?, triagens?, quem pode participar?) Há categorias? Divisão por gênero, idade? níveis? Hierarquias?
10. O calendário e agendas de batalhas (loais, datas, períodos) e a organização das batalhas no ano (federações, confederações, sedes, associações).
11. A circulação de informações e divulgação das batalhas (mídia, internet, vídeos, centros culturais etc.)
12. Diferenças e Semelhanças entre dança, esporte e hip hop (considera a batalha como um campeonato esportivo? Considera a batalha como uma mostra de dança? Ou outra coisa?)

10. Apêndice 4 – Fotos

Roda de Break na Avenida Ana Costa em Santos:



Batalha na Vila – CEU Vila Rubi São Paulo:



11. Apêndice 5 – Transcrições 2010

LARA

1. Bom, é assim, lá no projeto Q. Legal também, meu pai, ele era, era policial militar e ele ajudava a capitã e a capitã que trouxe o Caju, que fez o projeto de férias e aí meu pai comentou comigo em casa falou ah está tendo aula de dança lá nas férias. [Falou] você não quer fazer? Aí eu fiquei meio acanhada assim, fui assistir, fui assistir várias vezes, aí depois de um tempo eu comecei... depois de um ano eu comecei a fazer aula...aí gostei e fiquei, já faz dez anos.
2. Uma relação? Ah... eu acho que é...eu conseguia pelo menos né, trabalhar, ter lazer e hip hop mas tudo com esforço né, acho que esforço é a base de tudo. Ah eu fazia educação física na escola que era o máximo assim mas dançar, sempre gostei de dançar, em casa, essas coisas mas, foi a primeira vez que eu dancei assim pra festival essas coisas.
3. Olha é, é que agora né no mundo da dança existe muitos... muita coisa ligada ao hip hop que as vezes a gente nem conhece, cada ano surge uma coisa diferente, mas que eu gosto, que eu pesquiso assim que eu gosto que eu [to dando aula] é do Ragga Jam, que é pouco conhecido assim aqui na região e aí eu conheço o Locking, Popping, House...e mais um monte e Freestyle.
4. Ó é, é, normalmente a gente ensaia duas horas por dia né mas quando tem que, tem que festival essas coisas a gente ensaia umas duas horas a mais, no final de semana costuma ensaiar também, no sábado, no domingo se possível [ruídos] bastante viu, [muda também] a rotina.
5. Na maioria das vezes, na região, é apresentação né aí quando é uma coisa mais... é, é longe que nem Curitiba que a gente já foi, Santa Catarina, Santos, é...aí é competição mesmo. Ó, num grupo de dança né você vê o grupo né, você não vê a pessoa, agora na batalha você enxerga mais a pessoa do que a própria coreografia né por que você vê

completa, a expressão dela, é... o improviso dela, a criatividade, agora no grupo não, você não consegue reparar em todo mundo, por que é muita gente e acaba você só pegando assim os desenhos coreográficos.

6. Uma apresentação? Acho que... expressão corporal né, facial, quer dizer muita coisa se você está ali inseguro, se você mostra insegurança, eu acho que, que não pode, acho que esse tipo de coisa, você não pode mostrar insegurança, mesmo que você não sabe a coreografia, que você não ensaiou muito bem, eu acho que você tem que mostrar isso, mostrar segurança.

7. Olha eu acho que é criatividade eu acho que improvisação né, eu acho que... hip hop é isso, criatividade, é arte né, então acho que quanto mais criativo for eu acho que mais você, você ganha com isso, eu acho que é isso. Eu acho que existe isso, que você está fazendo uma coisa antes, preparando uma sequencia eu acho sabe e que você pode soltar lá na hora uma sequencia sua, ninguém vai saber se você ta improvisando ou não, mas acho que existe sim, acho que ninguém vai assim, sem nada montado na cabeça, sei lá, acho que também tem que está bem preparado pra poder ir sem nada mas eu acho que sim acho que tem umas pessoas que levam sequencias prontas, acho que é isso. Eu acho que é tudo, eu acho que é a música, acho que até a roupa que você veste, acho que, principalmente a música se a galera que está assistindo não anima acho que, como eu já fui numa batalha, eu acho que, te anima mais ainda o pessoal está gritando, está, está torcendo por você, eu acho que é tudo sabe, eu acho que isso aí é redondo, a música, a coreografia, a plateia, eu acho que é tudo. Quanto mais, ajuda.

8. Eu acho que é. Eu acho que improviso, você vai adquirir com treinamento né, por que se você ficar parado, pensando, sem fazer nada, aí eu acho que não sai nada mas, se você ficar lá, dançando, em frente o espelho, vai sair alguma coisa, sabe, mesmo que você não está ligada ali, você escuta uma música, vai sair alguma coisa, eu acho que é treinamento.

9. Hip hop?! Aí hip hop é música, eu acho né que muitas pessoas definem...ei eu sou do hip hop, e cantam né, aí você já fica meio assim, ah então está, e tem gente que dança

hip hop, eu acho que é a arte né, arte de, de pichar que seja, tem gente que faz, acho que é a arte.

10. Semelhanças e diferenças? Ah eu acho que a semelhança, é que tudo né a gente precisa do, do corpo e as as diferenças...Ah, o hip hop é umas coisa mais livre né, a dança, tem várias, vários tipos de dança e o esporte também, tem regras e vários tipos de esporte, acho que é isso.

11. Com certeza. Eu acho que na dança, na vida, no trabalho principalmente. Acho que se a gente não tem aquela manha de improvisar eu acho que nada vai pra frente não, tem que está ali, esperto ligado, eu acho.

RODRIGO

1. É...a minha história foi basicamente, é...a mesma história do meu irmão é...a gente começou praticamente num projeto social que teve aqui em Taquaritinga até hoje que é o Projeto Quartel Legal, que hoje é conhecido como Centro Cultural de Taquaritinga e...começamos, é...no ano de 2000 quando minha mãe viu o anúncio na, na, na rádio que estava tocando, dizendo que estava tendo aulas, cursos de hip hop, no projeto Q. Legal, Quartel Legal, que era conhecido e ai eu comecei, fui, pratiquei duas semanas, três semanas e acabei me apaixonando pelo hip hop, é...assisti bastante o grupo Dança de Rua do Brasil, também de Santos, que eu gostava muito, também de ver eles dançando na televisão e acabei gostando muito e hoje, to formado no hip hop, formei também em Educação Física na UNIESP aqui de Taquaritinga e to atuando na área de hip hop aí.

2. Trabalho, lazer e o hip hop? Eu acho que o trabalho em si, se você for trabalhar na área de hip hop, você tem que estudar muito, por que a cada ano que passa, ele, ele, ele altera alguma coisa ou ele muda alguma coisa, ou ele, é...complementa alguma coisa, tipo, são muitos detalhes que você tem que está estudando todo anos no hip hop. Como lazer eu acho assim que tem muitas pessoas que usam o hip hop como lazer também, vamos supor, eu gosto de, é... fazer academia, eu gosto de, de, de joga futebol, mas também gosto de joga de, de fazer, praticar hip hop, as duas vezes por semana, sei lá, tem pessoas que usam

o hip hop pra perder kilo, tem pessoa que usa o hip hop pra passar tempo, tem pessoas que fazem o hip hop só por fazer mesmo por que acham legal e tal mas, é... são duas coisas totalmente distintas umas das outras e...a terceira...o hip hop, aí o hip hop em si eu acho que já é uma coisa mais complexa, uma coisa tipo, se você quer aprender o hip hop você tem que estudar muito, por que são muitos estilos, são muitas técnicas que você tem que aprender e eu acho que, que o hip hop em si tem que gostar muito pra poder está fazendo aí, pra poder está praticando, pra poder usar pra sua vida inteira, você tem que praticar e estudar muito, [é um pouco] complexo a história do hip hop. Sim, sim, eu pratiquei futebol durante oito anos, é...joguei vôlei também durante quatro anos e fiz karatê há dois anos também, é...natação, fazia mesmo quando era bem novo, não uso tanto, é...hoje eu não uso tanto a natação mas cheguei há fazer dois anos também. Acho que foram alguns esportes que eu pratiquei mas o que eu mais me apaixonei foi o hip hop que foi a área mais concentrada que eu achei, a área mais interessante que eu achei.

3. Eu me identifico muito no estilo Locking que é o estilo, um estilo mais solto de dança, um estilo mais alegre, uma coreografia que você pode está usando sorriso, você pode está usando caras e bocas (risos) que nem o pessoal fala, é um movimento bastante interessante por que ao mesmo tempo que você tem que fazer ele rápido você tem que saber a hora de travar que é o famoso lock, que é a hora que eles falam que é o lock, o movimento lock, e eu acho que foi um movimento, o estilo que eu mais me interessei, é o estilo que eu estudo até hoje também, o estilo que eu gosto também é o Freestyle que é um estilo que você pode incrementar todos os estilos que você aprendeu num estilo só que é o famoso estilo livre, você pode usar todos os estilos em um só estilo que é o Freestyle, eu acho muito interessante também, são os dois estilos que eu mais gosto.

4. A preparação ela é um pouquinho complicada por que, existem várias formas né, tem professores que gostam de fazer aquela preparação a longo prazo, vamos supor, começa ensaiar em janeiro pra apresentar em dezembro, tem professores que ensaiam a médio prazo que seria seis meses no caso, começa a ensaiar La em junho pra apresentar em dezembro e tem aqueles profissionais, professores que gostam de montar a coreografia em um mês e já apresentar então tipo é uma coisa complicada mas eu acho que tem que, é...é necessário muita preparação, muito ensaio e muito estudo também por que se a coreografia, se você for apresentar uma coreografia legal, os movimentos tem que ser

legais e também a parte do release também que ser muito interessante na hora do jurado ler e poder avaliar isso daí, então eu acho que a preparação tem que ser muito intensa, tem que ser muito é...é...como eu posso dizer, criteriosa, sei lá, tem que pegar firme.

5. Sim, é...o hip hop é visto em todo lugar hoje em dia, ele é muito visto em competições também, as competições é o que eu mais tem, é o mais forte na área de hip hop só que você encontra hip hop hoje em dia em qualquer apresentação vai ter uma festa numa praça, vai ter uma festa em qualquer lugar, periferia, o hip hop está presente em tudo hoje em dia. Hoje em dia o hip hop cresceu muito nessa, na comunidade, tanto em Taquaritinga quanto na região, quanto em qualquer estado do Brasil, eu acho que o hip hop cresceu muito então eu acho que o hip hop é visto em tudo, hoje em dia, televisão também é muito, muito visto, o pessoal gosta muito. Um coreografado e uma batalha...eu acho que, é...o grupo coreografado é uma coisa...diferente de dizer, do, do, do que seria o improviso né, a batalha, eu acho que a batalha é uma coisa complicada por que? Por que é uma pessoa só, é uma pessoa só que tem que chegar e fazer a, a coisa acontecer num palco a frente a mais de mil pessoas assistindo a ele e, e competindo apenas com uma pessoa então acho que, o treino, o ensaio, tem que ser muito, muito, muito, muito preparativo pra ele poder chegar e fazer...é, é, é...faze a coisa perfeita, entendeu? Acho que [o ensaio] a batalha é um pouquinho mais complicada do que o ensaio em grupo, o ensaio em grupo não, você trabalha em equipe, você pega vários profissionais, várias pessoas que entendem de dança e cada um faz sua parte no grupo, agora você dançar sozinho são vários, dez mil, olhos olhando pra você entendeu? O grupo não, o grupo já, fica é...fica difícil um poço de você mirar uma pessoa só...no grupo, você tem que ver todos pra poder analisar é...correção de movimento, sincronia, tudo, eu acho que...é um pouquinho diferente os dois.

6. Eu acho que...o que deve fazer é você ser ousado, acho que na, numa apresentação você tem que ser muito ousado, você tem que chegar, você tem que mostrar que você sabe fazer o movimento, você tem que mostrar que você entende do movimento e... o principal, saber fazer o movimento né, você tem que ser bem ousado, eu acho que o que não pode fazer são as coisas básicas né que é entrar mascando chiclete, que, seria horrível você vê a pessoa entrar mascando chiclete num palco, acho que, são coisas que o professor já tem que ter passado para os alunos isso antes de, de começar uma apresentação, postura

também, acho muito importante, a expressão também é muito importante então, são coisas que não, não podem faltar numa coreografia.

7. Papel da improvisação...é...bom, a improvisação na verdade ela vem de ensaio né, você tem que ensaiar muitos, muitos movimentos de muitos estilos pra poder fazer uma improvisação então, acho que improvisação ela depende muito do decorrer das aulas, do decorrer dos ensaios, da preparação que você está tendo durante esse período de ensaio seis, quatro, cinco meses antes de uma competição, eu acho que a improvisação ela é importantíssima então é importante você está muito preparado antes, poder ter muitas coreografias, muitos estilos na cabeça, antes de apresentar, improvisação é um pouquinho complicado. Sim, sim é importante, eu acho que a plateia é muito importante nessa hora por que, é...se você tem uma plateia a seu favor, você vai dançar, muito, muito melhor entendeu, se você tem uma plateia que não está a seu favor que está tipo,é... que está contra você, acho que é um pouquinho complicado, acho que, a pessoa fica um pouco nervosa, acho que vai muito do psicológico, da, da cabeça da pessoa, eu acho que a música ela, ela é muito importante também por que? Por que a improvisação a partir do momento que você vai jogar uma coreografia em cima de uma música você tem que conhecer a música, por que a música ela tem batidas diferentes, ela tem pausas diferentes, ela tem inícios diferentes então, você tem que saber onde é o início pra você fazer o movimento certo em cima desse início onde, a pausa também, saber fazer a pausa em cima da, da...do movimento em cima dessa pausa, então é um pouquinho complicado, tem que conhecer a música sim! Senão fica um pouquinho complicado de fazer, é...e o terceiro item que é o...adversário, sim, o adversário também é importante numa batalha, por que...você tem que, fazer, melhor do que ele faz entendeu (risos), então você tem que analisar o que ele está fazendo pra você chegar e fazer um pouco melhor do que ele, vamos supor que o cara...seja uma batalha de break, b.boy, o cara chega e faz um moinho e, e...do moinho ele cai no giro de cabeça e para do freeze, você tem que fazer o moinho, o giro de cabeça, o freeze e tem que fazer um top rock bem, bem...assim complicado pra ele olha e fala puts esse cara é fera, eu não vou conseguir fazer melhor que ele entendeu. Então tipo assim você tem que intimidar seu adversário, se ele fez uma coisa, você tem que fazer melhor, isso na batalha de break, isso daí é muito usado e...eu acho que o adversário conta muito sim também, você tem que analisar muito seu adversário antes de fazer uma...a, a, os seus movimentos na batalha.

8. Sim...consegue. A improvisação na verdade é igual aquilo que eu tinha comentado antes né, a improvisação você tem que ter muitos estilos, você tem que saber muitos estilos, tem que saber muitos movimentos, pra poder chegar na hora de uma batalha, na hora de uma apresentação você saber fazer a improvisação, é...eu acho assim, se eu coloca uma música hoje, uma música que eu conheço ela do, do primeiro segundo dela até o ultimo segundo dela eu vou saber fazer uma improvisação em cima da música por que eu conheço as pausas, conheço o, o, o início da música, o final o meio, eu acho que a improvisação é muito importante ter preparo e esse preparo é você treinar, treinar muito, você e o espelho, acho que é o básico que tem que fazer pra treinar improvisação, é claro que a improvisação é uma coisa que, que, uma coisa que vem na hora, na cabeça, você está lá, dançando, do nada surge esse movimento e você faz isso e do nada surge o outro sim, mas você tem que ter um preparo pra isso por que senão como você vai fazer [esse movimento outro movimento] não, tem que ter um preparo antes disso.

9. Eu defino o hip hop como uma arte eu acho que nada mais nada menos como uma arte, acho que o hip hop ele está muito englobado ai mundialmente como uma arte pra todos e ...essa cultura hip hop que todos, todos dizem, no Brasil ou no mundo, acho que é muito importante pra sociedade, pras comunidades que, o hip hop ele ajuda muito as pessoas é...as vezes a pessoa gosta muito de hip hop mas não tem a oportunidade de fazer e uma instituição como o Projeto Quartel Legal, como eu fiz no ano de 2000, me ajudou muito, que eu ficava na rua sem fazer nada, eu, a hora que eu fiquei sabendo do hip hop eu corri lá aprender e faço até hoje entendeu, minha vida mudou desde então, eu acho que assim, o hip hop ele é uma área, uma ferramenta, digamos uma ferramenta muito importante pra comunidade pra sociedade, o hip hop ele não pode acabar e sim, sempre crescer e sempre melhorar.

10. Semelhanças...sim, sim, claro, eu acho que o hip hop em si ele já é um esporte por que você está trabalhando muitos métodos de esporte na verdade, na verdade o corpo, ele em si, tudo que, que tem a ver com o corpo já é um esporte eu acho que a dança, o hip hop e o esporte tem tudo a ver, acho que a semelhança tem tudo a ver.

11. Sim, é...a, a, a facilidade vem de treino né tipo, o cara que sabe improvisar ele vai chegar e vai saber o que fazer, a pessoa que não, não tem treino, não tem um preparo ela vai chegar e vai ficar...é, é...sem saber o que fazer, o movimento pra ela vai ser uma coisa complicada de fazer, o básico que seria pro cara que tem um preparo vai ser é é...muito difícil pra pessoa que não tem um preparo entendeu, eu acho que vai de pessoa pra pessoa, ou vai de, do treino, também depende muito do preparo da pessoa, as vezes a pessoa treina durante, faz, durante oito anos, o outro treina durante um ano entendeu, é...eu acho que, que...é um pouquinho complicado essa parte ai, e...o que, o que...se influencia alguma coisa o improviso na vida? Eu acho que... depende, depende muito, por que área de dança eu acho que você vai usar a dança simplesmente pra alguma batalha, pra alguma apresentação, eu acho que, não tem influencia entendeu, eu acho que o que influencia é a força de vontade, é você...se você tem força de vontade na dança, se você tem força de vontade de treinar, é...e você consegue atingir aquele objetivo, você vai analisar isso pra sua vida, você vai analisar que, tudo que você fizer pra sua vida você vai conseguir também, baste se esforçar um pouquinho mais, eu acho que a única semelhança que eu vejo é essa.

JONAS

1. Ah comecei hip hop nas rua né, lá na vila, vi uns colega dançando lá, fazendo uns negócio da hora ai eu e um colega meu pensamos em aprender ai nós fico se ralando lá aprender a fazer umas coisa (risos) enforcava aula, não ia na escola, voltava embora...dançava na hora do recreio, ah...foi isso quando eu comecei a dançar hip hop...ai depois entrei no Quartel.

2. Ó, trabalho, lazer e hip hop, eu acho que é a mesma coisa, aqui no Quartel nós trabalha, é...competimos festival pra fora...e é assim. Eu...já joguei bola, já joguei basquete, já...vamos vê o que mais, ai tem o [b.boy na rua igual eu treino no street daqui pra frente].

3. Eu gosto mais de B.boy e Street, também gosto de House, Wacking, Locking...é...e tem mais uns outros, eu esqueci.

4. [Tem sempre um treino] que um professor meu solta um som lá, ai...tem que tenta lembra os passo, pra nós apresenta em algum lugar, ai vo tentando inventa alguma coisa, aperfeiçoando os movimento.

5. Ah...aqui em Taquaritinga tem o CIA...pra fora tem bastante festival também que eu já fui, os cara lá é fera, comecei...é...aperfeiçoa assim os b.boy lá olhando o movimento dos caras, a força de vontade que os cara tinha pra treina...Ah na batalha tem que...acerta todos os beat, tem que ter bastante estilo que vale mais...e...sabe mais umas coisa lá que os outro acha da hora, depende do jurado que acha da hora seus movimento, maioria dos jurado acha da hora o estilo, eu acho que isso é que vale mais.

6. Hum...tem que sentir o som, o som bate [**ruído**] ai que você vai pensando, que que você vai fazer assim, curtindo o som...ai se o cara entra fazendo assim um negocinho da hora você tem que fazer melhor do que o cara...

7. Improvisação...vamos vê...ah depende tem uns par de coisa pra improvisa, tem um...quando você está lá dançando lá...aí que você vê os cara desossando lá...aí você tem que...é...faze um negócio melhor do que o cara que fez...é o que eu acho. A música e a equipe.

8. Ah...[**ruído**] curtindo um som, coloco tipo um som que tem que inventar uma coreografia, [**ruídos**] se acha aquele som da hora e começa inventar a coreografia ai que você vai curtindo som, os carro na avenida passa com o som alto assim só curtindo, dançando no meio dos outro assim ai se vai inventando alguma coisa...da hora.

9. Como eu defino?...hum...ah...ah eu acho da hora, divertido.

10. Eu acho...eu acho tudo a mesma coisa, no esporte, joga bola, tem o preparo físico, dança você vai aperfeiçoando os movimento e você vai pegando mais resistência e tem mais força.

11. Ah eu acho que é né, na minha vida [**ruído**]...eu uso a improvisação.

MARCOS

1. Ah...comigo começo...eu, eu estava no colegial, na escola, aí minha sala era meio bagunceira tudo assim...aí tinha um pessoal que dançava...só que aí eu nem conversava com eles tudo aí um dia a professora falou pra...falou se a gente se interessava, a sala inteira, fazer um...um projeto pra ver se a sala melhorava tal tudo aí acabou fazendo...aí eu comecei dança...a gente convidou um...uma, um... um aluno que estudava no terceiro colegial, que já fazia dança e ele começou dar aula pra gente e nós, eu comecei a dançar por causa disso.

2. Uma relação entre trabalho, lazer e hip hop?...vixi...vamos vê como eu falo isso...uma relação...eu acho que tipo, dos três, pra mim, pelo menos, eu, minha vida, é baseada na dança já...se eu to...eu, eu ganho, eu tipo, eu trabalho com dança, eu danço numa banda, eu ganho dinheiro com banda, meu lazer [se eu to, toda hora] pra mim tem dança, não sei agora...qualquer lugar é dança pra mim. Não, eu sempre jogava futebol, sempre joguei futebol, gostava de futebol tudo...até conhecer a dança, depois que eu conheci a dança não dava mais pra relacionar os dois, eu tinha, eu tinha ou em um ou em outro mas os dois ao mesmo tempo não dava, porque não dava pra conciliar.

3. Ah eu conheço vários estilos de hip hop, tem ó...o hip hop Charme , tem o B.boy, tem o Popping, o Locking, o House, hip hop Freestyle...eu gosto mais de B.boy e hip hop Freestyle...só que eu acho que dança tem que saber um pouquinho de cada coisa, pesquisar, mesmo que não gosta daquele estilo de dança tem que ver...por que tudo...todos estilos baseiam num que é a dança mesmo [se você está dançando] hip hop ou outra coisa, é dança, tem que saber um pouquinho de cada coisa eu acho.

4. Sim, aí depende a competição, apresentação é...tipo a gente vai pra um festival, a gente faz uma coreografia, um grupo, um grupo inteiro monta uma coreografia, aí vai, tipo, a gente ensaia seis meses, cinco meses...aí como é festival, apresenta, aí quando é, tipo,

campeonato, que são batalhas, essas batalhas...e, pelo menos o meu jeito de treinar, solto uma música e deixo o que vir na cabeça...fazer ai vai indo assim, assim que eu treino.

5. A, assim, festivais acontecem em vários lugares, tem vários lugares festivais, ai...tem batalhas também na cidade, ou em fora mas...é sempre **[ruído]** tipo, cidades grandes assim, tipo, que nem assim, aqui na região de Taquaritinga, Ribeirão, a gente vai pra fora do estado, eu já fui pra Curitiba, Minas Gerais...todo mundo, foi pra vários lugares, vários lugares tem dança, não tem um lugar específico assim que fala que lá tem. Tipo, que coreografia é uma coisa que e é aquilo, tipo montou, pegamos as música, fizemos uma colagem...fizemos sobre aquilo, trabalhamos em cima daquilo pra apresenta no dia, tipo tem quatro minutos, a gente vai lá e só vai dança esses quatro minutos, agora, pra batalha é improvisação, eles soltam qualquer música lá, você vai, e dança...ai tem tipo, batalhas de vários tipos, tem batalha de popping, de locking, de b.boy, aí em si, ai tipo, que nem eu vou numa batalha de b.boy, ai eu..., solta uma música lá, ai tem três entradas cada um, eu entro uma vez, ai a pessoa que eu to batalhando entra uma, ai assim vai.

6. Ai, aí vai, tipo assim, que nem numa batalha de b.boy...o que eu...pra mostra, pra mim, eu acho que você tem que mostra, fazer aquilo que você gosta, tipo assim, mostra que você está gostando de fazer aquilo e...fazer o melhor que você sabe né...tem que mostrar você sabe, que é melhor que outro, pelo menos naquela batalha, as vezes se o cara faz uma coisa boa, você tem que fazer uma melhor.

7. O papel da improvisação dentro do hip hop?...É mostrar o que você está sentindo na música...escuto a música lá, você pega solta o corpo e deixa ir, deixa ir na vibe...Vixi, eu acho que é de tudo um pouco, se olha o som, ai você já começa a viajar em cima da música tudo, ai você a galera, tipo, você faz uma coisa da hora, ai a galera AAAaAaAAAAa!!! Grita e você fica mais empolgado ainda, aí você vê seus, tipo seus companheiros de grupo lá e ...assim vai eu acho.

8. Como eu treino improvisação? Eu solto uma música, eu ó...que nem, eu durmo escutando música, eu to andando to escutando música, em todo lugar que eu vo tem música ai...eu acabo treinando ou no pensamento mesmo, fico imaginando as coisa, ou deixo em

casa solta uma música e fico dançando, solta a música...e deixo o corpo leva, isso que é treinar.

9. Pra mim hip hop é um estilo de vida.

10. Diferenças?...Vixi agora eu não vou saber falar diferença, acho que sei lá...pra...não tem, não deve, não tem muita diferença por que, tipo, o hip hop também você tem que ter, não pode, você tem que ter a cabeça feita, não pode ficar atrás de coisa errada, mesma coisa que no esporte, se entra pra vários projetos fazendo esporte pra tira as crianças da rua, tudo...acho que não vejo diferença não.

11. Na vida? Ah... não dizer que seja uma vantagem mas, ai você sempre vai está pensando um pouquinho mais rápido, que nem, você vê uma situação você já vai pensar, por que...pra improvisar é assim, você tem milésimos de segundo...vem a música e já tem que sair o movimento ao mesmo tempo, então acho que não sei [que se a gente tem] uma...alguma coisa na frente ou não mas eu acho que a gente pensa um pouco mais rápido, acaba adquirindo isso com o tempo.

ELDER

1. Então, né, meu irmão sempre teve o sonho de ser cantor de rap e ele começou num grupo lá em Santa Ernestina e consequentemente tinha um professor de Santos que uma vez por mês vinha né... Daí o pessoal que cantava com ele, que sempre estava do lado dele lá mesmo, assistindo shows sempre dançava, tinha uns que dançava, eu fui vendo, comecei a gostar...daí depois meu irmão mudo de cidade, eu...prossegui, comecei treinar lá em Santa Ernestina daí até que eu vim pra cá, pra Taquaritinga. Eu comecei mesmo o hip hop ano passado.

2. Ah...uma relação, a dança pode ser um trabalho também, um lazer e...o hip hop também né...acho que...a dança pode ser os três. Ah antes da dança eu conheci a capoeira né, fiz seis anos de capoeira...daí fiquei, depois...tive que escolher entre um dos dois, não dava pra fazer os dois, tive que optar pela dança.

3. Break, B.boy, Popping, Locking, House, Ragga, Krump, vários estilos, tem muitos né...eu opto mesmo pelo B.boy...e o Freestyle também né, que é bom, oTricks (risos)... o Power Moves né.

4. É então, pra apresentação...a gente ensaia no grupo, que nem...falaram, monta a coreografia em cima da, das músicas lá...e você tem um tanto, determinado de música pra se apresenta, daí numa batalha já é mais diferente, ali você tem que mostra o que você sabe e vem tudo na hora, na cabeça, entendeu...

5. Ah...na região, pra fora do estado, várias cidades, longe, perto assim, Taquaritinga mesmo assim direto tem festival, campeonato, apresentação, essas coisa, Ribeirão também, nós vamos...um monte de cidade pra fora né...Ah...eu acho que os dois tem uma grande responsabilidade, mais...em um grupo eu acho que é...é menos né...por que se for, se tratando de uma apresentação...ali você pode...não você pode né, você, você errando...você tem o resto do geral que pode salvar a coreografia mas numa batalha, num campeonato mesmo que é só você...ou determinado grupo, você não pode errar, é fundamental...acertar todas e ter a resposta.

6. Ah eu acho que pra você ganhar uma batalha você tem que mostrar personalidade...seu estilo, confiança, é...tentar superar os movimentos do adversário...pois senão, você não pode é deixar o adversário ser melhor que você, na hora ali é você e ele entendeu, fazer o público vibrar, torcer por você e é isso, não pode errar também, repetir movimento, que desconta ponto no caso de uma competição.

7. Ah...é você saber sentir a música por que...você sentindo a música na improvisação, você já solta tudo que você sabe já...você pega uma música, você pensa, eu vou fazer tal coisa mas na hora, num, as vezes não sai, as vezes seu corpo libera uma coisa que, você improvisa e sai bacana, legal pra caramba e [o grupo] gosta. Não, sempre tem, sempre tem, o movimento que você ensaia, você sempre deixa, praticamente pro final né...pra dar cheque mate no adversário...ali praticamente as primeiras entradas, geralmente são três, as

primeiras você...manda um Freestyle assim, um...b.boy meio de improviso, assim, mas tentando superar, mas na hora que você vê que o seu adversário quer tentar subi, fazer mais coisas do que você, daí você tem que ter aquela carta na manga né...pra fecha. Ah...o momento em si por que...você escuta a música vai da mais vontade, você vai ficar mais alegre, ligado, você vê o adversário tentando ser melhor que você já vai da mais um incentivo, você vê o público vibrando com os seus movimentos também, você vai ficar mais incentivado e vai buscar a vitória.

8. Ah escutando música, em bailes, andando na rua, escutando um som, sempre com um foninho no ouvido também, andando pra lá e pra cá, até na escola, na hora do recreio, tira o tempo de tira o lanche, nem come, vai...vai treina no cantinho lá, só você e os amigos que dançam também.

9. Ai é tudo né...é minha vida agora no momento, e...pretendo que seja a vida inteira também né, por que...hip hop não tem como não viver sem ele...é...é tipo um trabalho também...é...muito legal, um esporte espetacular.

10. Eu acho que não existe diferença não por que o hip hop é uma dança e a dança é um esporte então...em si mesmo é um esporte uma dança né, é muito melhor, eu acho que não existe diferença.

11. Ah faz, faz sim. Você está em algum lugar assim, as vezes toca uma coisa que só você sabe dançar, você começa dançar, você chama a atenção do pessoal, assim você raciocina mais rápido também, que nem o Maicon falou, com o tempo assim você vai adquirindo um sentido mais aguçado que o resto do pessoal, não...menosprezando o pessoal mais...faz diferença.

LUCAS

1. Bom, no início foi... olhando mesmo assim, estava na rua normal e vi as molecada pirulitando pra cá, pirulitando pra lá, pulando, virando mortal, sempre gostei de ver mortal. Foi olhando assim, tudo, quis ir atrás, mas para ver mesmo [só o] b.boy mesmo, não o

freestyle. Entrei no projeto atrás de aprender: primeiro professor foi o Dacá. Nisso nós começamos ir na escola Ia na sala de aula, arrastava as carteira assim, começava a dançar sozinho assim, tentando fazer alguma coisinha ali, uma coisinha aqui, virando um mortal aqui tal, caindo, machucando, nisso levei uns colega meu, levei três colegas meus para a dança também, se inscreveram no projeto, começaram a dançar junto comigo. Foi passando o tempo, fui treinando, fui melhorando os treinos, antes era um dia, dois dias...ai começou a passar todo dia, toda hora, a noite inteira. Treinando, treinando, treinando...participamos do primeiro festival, foi com o pessoal do iniciante, e eu só fazia b.boy na coreografia mesmo, primeiro festival, na praça, passou um ano, segundo ano, ginásio de esporte, passou um ano, entrei no Nine Street, fiquei um ano e meio no Nine, sai, fui participar de nenhum festival, infelizmente, ai eu sai e entrei no Arquivo, que era o grupo que eu estava até hoje, entrei no Arquivo fui pra Valinhos, Curitiba Internacional e aqui na região participando de festivais, é...batalhas, participei de quatro, se eu não me engano, a primeira foi em 2008, não, a primeira foi em 2007 no Aníbal, a primeira eu ganhei em primeiro lugar, parceiro meu que foi junto comigo, o Maicon, ganhou em quinto se eu não me engano, quinto ou quarto lugar, de dupla com o Maicon, nós ganhamos em primeiro lugar, foi a primeira batalha de b.boy que nós teve, segunda batalha de b.boy eu perdi...a segunda batalha num cai em colocação nenhuma, que foi no Aníbal também, o Maicon ganhou em segundo lugar, meu parceiro de dança, levei só uma medalhinha básica de participação, quarta batalha minha de b-boy foi no ginásio, terceira batalha de b.boy minha foi no ginásio...ginásio também, perdi na segunda batalha minha, pelo nervosismo assim, pela pressão de ter o pessoal de fora, perdi na segunda batalha, por jurados assim né, jurados apoio mais o lado de lá, a quinta, a quarta batalha foi lá no Objetivo, foi no Festival do Criarte...não, foi no Silveira no festival do Criarte, lá eu participei, tudo, peguei se eu não me engano em terceiro lugar, levei um trofeuzinho básico e a última batalha que eu tive foi no Criarte também, foi no segundo Criarte que teve, foi nesse ano ainda, foi em Março, no Objetivo, acabei pegando em primeiro lugar assim, mas por mim eu juro que foi sorte, eu participando com meus ex alunos, meus parceiros de dança, foi minha ultima apresentação e minha ultima batalha de b.boy que eu tive ai e eu parei por enquanto assim, foi a ultima.

2. Sempre, se não fosse a preguiça, sempre, é a força de vontade...com força de vontade você consegue, antes eu estudava, trabalhava e fazia b.boy a noite, dançava muito,

é força de vontade, consegue sim. Nada (risos), fiz karatê um ano mas pura preguiça também (risos) e parei mas...bem antes de dançar eu não fazia nada, nada...só estudava mesmo e fazia um bico aqui e um bico ali.

3. Conheço o Freestyle, House, Ragga, o B.boy, o Locking, o Popping e o Wacking, os dois que eu prefiro o Freestyle e B.boy.

4. Bom, sempre eu treinava uma hora por dia assim, no Freestyle, era uma hora por dia no Freestyle, o b.boy, o dia inteiro, parava um pouco, tomava uma água, dava uma descansada, comia um lanche, dava uma volta na cidade e voltava a treinar, era o dia inteiro treinando...treinava mais pra se divertir, pra brincar, pra competição a mesma coisa, não chegava pra vou competir vou ganha, vou competi vou tentar ganha, chegava lá, tenta o máximo não treina pra não machuca, tenta o máximo não fica se mexendo muito, fica pulando pra cá, pra cima [**ruído**] não ter nenhuma contusão na hora, tenta relaxar, brincar com os adversários, dá risada, conversar, tenta saber por que eles estão ali também, pra quando entra na batalha não fica com medo por que não conhece o cara...chega lá pra brincar com o cara, bom você está lá, você vai batalha mas pra se divertir, mostrar que você quer estar ali mas pela dança mesmo, não pra querer ganhar, levar algum troféu em casa assim, nada disso, chega lá e mostrar, bom eu gosto de dança e to aqui pra isso.

5. Batalha foi em...a maioria delas foi em escola, final de semana assim em escola, sempre, os cara vazia bastante anúncio né, chamava bastante o pessoal e sempre um aqui, outro ali, chamava, ow vamo lá, vamo lá, mesmo amigos assim chamava ow vamos participar da batalha de b.boy, vai ser legal e tal...só pra mostrar seu conhecimento, mostrar como você cresceu no b.boy na cidade e tal, e era mais não pra mostrar pro público, mas sim pros b.boy, sempre tem um b.boy que aprendeu uma coisa nova, você chegando em batalha você vai aprender uma coisa nova, com outro b.boy, você vai sempre aprender, se você conversa com o cara, você viu lá, você está na batalha, o cara mostrou um negócio, você vai, você ow, por favor, mostra isso ai pra mim, era mais em encontro assim de escola, era mais encontro de molecada assim e festivais é, internet, pesquisa aqui ó, tem um festival em tal lugar, agora festival de Freestyle já era diferente, você já quer levar lá pra você mostrar a dança sua, pra você tenta conseguir um grupo melhor pra você crescer,

pra você tentar sair dessa cidade assim, pra tentar crescer né, pra tentar ir em cidade fora, viajar, conhecer pessoas novas, no Freestyle eu já penso desse jeito, conhecer pessoas novas, no b.boy, aprender a fazer coisas novas. Tipo o grupo, você vai depender de todo mundo ali, você tem que ver todo mundo pra você não querer ser melhor que ninguém ou ser pior que alguém ali, você está ali num grupo, você tem que visualizar todo mundo, você ajuda todo mundo, e ser ajudado ali, numa batalha de b.boy que é individual, é por você, ou você faz o negócio ou você não faz...se você quiser deixar de fazer pra deixar o cara ali mais feliz aí vai da sua consciência, no grupo não, o grupo está dependendo de você ali, ele precisa de você, então você tem que dar o melhor de si ali, na batalha também, só que na batalha vai de você ou não querer ajudar o seu parceiro ou não, você querer ganhar ou não, no individual você decide, no grupo, você tem que tentar ajudar os seus amigos, se o amigo quer ganhar, você tem que ajudar.

6. Na batalha de b.boy, particularmente, eu prefiro a dança, se o cara chega e mostrar um top rock, que é a dança e um foot work, pra mim é o máximo, já está bom, é ótimo, adorei e assim, coisa sua, não querer imitar vídeo, ou por que fulano fez, não, coisa sua, pega aquilo que fulano fez, pega aquilo lá de vídeo e tenta criar uma coisa sua, sua, tem que mostrar a sua personalidade dentro da dança, sua personalidade...você pega e fala não, isso aqui é meu, isso aqui é eu que fiz, isso aqui não imitei de ninguém, claro, todo mundo começa imitando alguém, ninguém começa já criando, todo mundo começa imitando, você começa imitando hoje pra você poder criar amanhã, é nisso na batalha. Coisas que você não deve fazer é querer xingar, você ficar nervoso ali ‘mas por que ele ganhou...’, não xinga, pô o cara ganhou, vai lá, dá os parabéns, abraça o cara...ow mando bem, já era...é batalha, cada um pensa de um jeito, você pode fazer mil vezes com o cara, as vezes não é mil vezes que o cara vai ganhar, as vezes pode fazer uma coisinha que o outro achou mais bonito, então...não deve xingar, fica nervoso ou vira a cara contra o adversário, é mais todo mundo amigo ali.

7. Improvisação. Improvisação é tipo assim, você não...você está lá, todo dia ensaiando, ensaiando, ensaiando, chega no palco, você ensaiou aquilo lá mil vezes, então com o olho fechado, o olho aberto, de costas, pra lá e pra cá, você vai saber fazer aquilo lá...improvisação é o que você aprendeu, é o que você aprendeu, é tipo como se fosse uma prova na hora, é o que você aprendeu, o cara soltou qualquer música, você vai dançar em

cima da música, em cima dos beat, tentar pegar cada beat diferente, a improvisação é o que você aprendeu, o que você sabe, do seu conhecimento, você vai mostrar o seu conhecimento na hora, nada de ficar repetindo, nada de querer mostrar duas vezes, três vezes a mesma coisa pra tentar entender, é o seu conhecimento em cima do palco. Principalmente nas batalhas de b.boy, a maioria das coisas que nós chama de coreografado, chamamos de tricks combo, que são as sequencias de freeze, freeze no alto, freeze no baixo, moinho que é o Power moves, isso já tudo ensaiado, pra não sair aquela melequeira na hora, improvisação no b.boy e na batalha é mais no top rock e foot work, [se quiser] escutar bem mais a música na batalha, pra você poder improvisar, mostrar seu conhecimento na hora, é mais o top rock e foot work, tricks combo e Power moves é tudo ensaiado, é tudo certinho. Na hora ali é tudo, é a emoção...se o cara, dependendo a música também ajuda muito, se o cara solta uma música chata mas...está lá a galera vibrando junto, a emoção manda muito, se o cara solta uma música, pó, massa, uma música que você adora ali, já era, a emoção manda mais alto, você quer fazer de tudo, ali já manda mais.

8. Eu solto música...treino primeiro as coisas que eu sei, tudo que eu sei de top rock e foot work, soltei a música, to treinando só as base, nós chamamos de base, base, base...troca as música, você vai começar a jogar de um lado, vai fazendo um passo aqui, um passo ali, e vem na cabeça, outro passo, tal tal tal, parou, viu uma coisa da hora, você volta, começa a treinar aquele negócio da hora, aquele negócio que você viu que é da hora, é o seu, é uma coisa que você criou, então você vai treinando aqui, treinando ali, você se encontra com dois amigos assim, soltou a música, tenta brinca um com o outro, improvisar, faz qualquer coisa...principalmente eu, particularmente eu, improviso assim: um passo pra lá, um passo pra cá, um passo pra cá um passo pra lá e começa a dançar, sair dançando pra cá e pra lá, pra cá e pra lá, parei de novo, um passo pra cá, um passo pra lá, um passo pra cá, um passo pra lá e começa a dançar, sai improvisando, tentar, tenta sai alguma coisa dali do seu conhecimento.

9. Bom, o hip hop...B.boy pra mim sei lá, é o movimento é se...expressar, você olha assim pro cara, você já fala não, aquele moleque é do b.boy **[ruído]**, é o jeito que você anda, é o jeito que você se expressa...você vai olhar pro cara, você vai falar, não o cara é b.boy, do nada, você olha assim, não o cara dança, do mesmo jeito que os outros olha ah

tem um emo, tem um rock, você olha o cara é b.boy, o cara dança, defino desse jeito assim, eu olhando pro cara...po não, o cara gosto, eu gosto, mais ou menos assim.

10. Sim...você, que nem, você está fazendo esporte ali, você tem o preparo físico, o alongamento daquele esporte ali, você vai chegar pra dança, vai ser bem melhor, você tem coordenação motora, você tem condicionamento físico, você tem lá força ali pra fazer a dança, tudo, tem a preparação tudo ali...tudo se junta, tudo se junta.

11. Ah, depende...ai depende pra, depende pras coisa...depende do que você vai fazer...depende muita coisa assim, ajuda a pensar rápido né, depende de que serviço você vai fazer, ajuda a pensar rápido, improvisação é muito nisso né, tem que pensar rápido no que você vai fazer na hora, você não tem tempo pra perder, você não pode ficar parado, tem que continuar dançando, então improvisação é mais nisso, pensa rápido, memorizar, pensar rápido, essas coisas, mas isso.

PATRÍCIA

1. Bom, eu na verdade eu sempre tive vontade de dançar...mas eu tinha um pouco de medo, vergonha...aí eu comecei a dançar por causa de uma amiga minha que ela começou a fazer...e eu consequentemente entrei por causa dela...até por que, como era uma coisa que eu gostava eu aproveitei e ‘deixa’ que ia ter alguém próximo a mim pra mim está entrando. Por que o hip hop? Por que é uma...eu já vi apresentações do, do Quartel Legal e achava muito interessante, não desvalorizando as outras danças mas, me chamou a atenção, um estilo diferente e por isso eu comecei, faz quatro anos que eu to na dança de rua.

2. Bom...lá no Quartel, pelo menos, nós somos praticamente uma família, então lá nós temos uma aprendizagem não só na dança, uma aprendizagem social que me ajudou muito hoje no meu lidar com as pessoas, no meu convívio em casa e na minha escola, por que hoje eu sei mais o que é ética, eu sei mais o que é cidadania, eu sei o que é mais ser humilde...então a dança me ajudou muito a ver coisas que eu não tinha, [então relacionado a] ética e cidadania eu aprendi muito mais quando eu entrei na dança. Aqui eu dou aula e

também dou aula no Lar São João Bosco, para as crianças. Não, hoje eu faço, eu danço, danças livres que não é nem hip hop, é uma coisa mais...ham...Jazz, eu faço algumas aulas de jazz também, mas ballet essas coisas eu nunca quis.

3. Bom, a dança de rua tem vários estilos, os estilos que mais, que...eu quero mais me especializa é o hip hop Freestyle e o wacking dance, são os estilos que mais chamam atenção dentre outros, a dança de rua ela tem vários estilos, house, popping, b.boy, ragga Jam e dentre outros, mas o que mais me chamam atenção são esses dois.

4. Bom é aquela coisa, a gente tem que ensaia o nosso trabalho pra ele estar apto pra apresentação só que não adianta só a gente ensaiar a coreografia, por que é muito fácil você criar uma movimentação, lógico, a partir do momento que você estuda aquilo, mas é fácil você ensaiar uma coreografia, o difícil é você saber improvisar, então você não tem que só ensaiar a coreografia, você tem que soltar uma música e deixar seu corpo flui, por que isso sim é aprender a dançar, por que decorar uma coreografia, qualquer um decora, agora solta uma musica e dança, são poucos os que conseguem.

5. Bom a gente se apresenta em vários, em vários locais, geralmente em festivais competitivos, nacionais, internacionais **[ruído]**, eu pelo menos já participei de vários, hoje a gente se apresenta em praças, apresentam em vários eventos como...eu já me apresentei em eventos de diversidade sexual, então, é vários **[ruído]** não tem um campo específico, as vezes uma apresentação de escola, qualquer coisa a gente pode está se apresentando. Tem, tem a diferença por que cada um tem a sua técnica, mas geralmente algumas coreografias tem as partes dos b.boys e tal, numa coreografia tem vários estilos mas, se for uma apresentação só de b.boy, os b.boys geralmente eles fazem uma roda e cada um começa se expressar da sua maneira, então é como se fosse uma competição, vamos dizer, a coreografia não, é um trabalho que esta sendo apresentado ele tem toda uma técnica.

6. Bom, pra você vencer em primeiro lugar você tem que saber o que você está fazendo, por que o erro de muitos bailarinos hoje é que eles tão dançando mas ao mesmo tempo eles não sabem o que eles tão dançando, então o estudo, a técnica e mostrar que você faz e que você gosta daquilo por que não adianta só o seu corpo se movimentar, você

ser um robô, você tem que mostrar o sentimento que você sente, o prazer, por que a dança é isso, dança é prazer, a dança não é um hobby que você faz pra se divertir, você tem que sentir tesão naquilo que você faz. O que você não deve fazer é, é as vezes, confundir muito as coisas pelo fato de não ter um estudo, por que aquilo, você acaba se queimando entre aspas, você acaba sendo tachado, por uma pessoa que nunca teve um conhecimento, então é isso, estudar e praticar, mostrar um trabalho limpo, com sincronismo e bem ensaiado.

7. Bom, acho que engloba tudo isso por que, é que nem eu falei, quem só ensaia uma sequencia, na hora de improvisa, ela não, ela vai ter dificuldade de improvisa, agora quem já é acostumado a soltar uma musica e deixar o seu corpo transmitir o que tiver que transmitir, essa pessoa vai se dar bem numa batalha, então acho que na batalha conta a atenção do adversário, o que você está passando, os seus sentimentos naquela hora, lógico que se você tiver pessoas do seu lado te apoiando, isso vai dar um estímulo maior e a batalha querendo ou não ela é uma competição, mas é isso, você tem que se expressar da maior maneira possível, deixar, ouvir a batida da música, a melodia, não tiver vergonha e deixar seu corpo, seu sentimento flui, na hora.

8. É possível por que...é o que eu estou dizendo, se eu sou uma pessoa que não sou acostumada a escutar uma música, [ou seja] numa balada e tal, escutar a musica e dançar...chega na hora de soltar a musica, que que o meu corpo vai fazer? Como ele não é acostumado a fazer isso, eu vou travar na hora, meu corpo não vai conseguir desenvolver, não vai consegui se soltar, fazer alguma movimentação, agora se eu sou acostumada a escutar uma música e treinar, deixar meu corpo fazer qualquer movimentação, a hora que soltarem uma musica numa batalha, eu vou conseguir improvisa, então isso é o treinar... mas lógico que na hora vai sair o que tiver que sair, não vai ter algo programado, mas você tem que treinar.

9. É uma dança diferenciada, que você tem, acho que, liberdade de está se expressando, por que, ele tem a técnica mas ao mesmo tempo você tem liberdade, não é que nem o ballet, por exemplo, o ballet ele tem uma técnica muito rígida, é aquilo e acabo, a mão é aquilo, os dedos são aquilo, tanto é [ruído] no ballet é motivo de erro...lá você não pode, você tem a liberdade de criar, mas dentro daqueles parâmetros, você tem liberdade

até mesmo de criar o seu próprio estilo que é o que vem acontecendo hoje, vai surgindo cada vez mais estilos, por que pessoas...descobrem...descobrem, elas acabam inventando o seu próprio estilo, já em outras danças, não tem liberdade pra tudo isso, eu acho que é esse um diferencial do hip hop, é uma dança que já sofreu muito preconceito mas que hoje isso vem sendo quebrado, que mais...?

10. Ah eu acho que tudo engloba, lógico, o corpo e a...eu acho que tudo se for vê, não que seja um esporte mas, mas é tudo ligado, por que é o movimento do corpo, eu sei que vôlei não tem nada a ver com dança mas...também é ligado a arte, mas dentro dos seus diferenciais, dança é dança, hip hop é...hip hop é uma dança, vôlei é um esporte e tal mas é tudo ligado a movimentos do corpo e arte.

11. Faz, faz, muita por que a pessoa ela acaba, se ela é capaz de improvisar na dança, chega na hora de ela ter que, ou seja, dar um discurso, ou seja, até mesmo no estudo, num emprego, eu acho que isso facilita muito, por que ela é acostumada àquela coisa, se é pra ser agora, vai ser agora, ela não fica preocupada, ai meu Deus, que que eu posso fazer agora, por que ela já tem uma agilidade pra fazer isso, então querendo ou não engloba sim, engloba...ela acaba tendo mais facilidade pra pensar, ela acaba tendo mais criatividade, ela acaba pensando mais rápido, eu acho que engloba tudo.

12. Alívio e risadas.

GABRIEL

1. Ah, a influência que eu tive do hip hop foi que eu sempre quis fazer né a muito tempo mas, nunca tinha tempo, nunca tinha disponibilidade...ai um dia, uns quatro, cinco anos atrás, eu fiz minha matrícula e comecei a fazer as aulas, comecei a treinar, comecei a desenvolver a técnica do hip hop, depois comecei dar aula tudo...o hip hop pra mim hoje, acho que é, é...mais expressão, a minha própria expressão por que, dentro do hip hop, como algumas pessoas já sabem, tem vários estilos de dança, várias maneiras de se expressar e eu descobri a minha maneira sabe, eu gosto de montar trabalhos mais animados, não aquela coisa mais séria do hip hop, eu gosto da área mais cômica sabe,

pegar as partes mais cômicas, que tem o estilo também que é o locking, não sei se você já tem conhecimento, gosto muito de trabalhar com o locking, tem um estilo também que está saindo agora é o wacking, é um estilo também bastante engraçado, eu gosto mais de trabalhar esse tipo de coreografia sabe, bastante desenhos, gosto de trabalhar bastante desenhos cênicos, sempre músicas animadas, não tanto aquela mesmice, que tem a batida, aquelas rouponas largas e todo mundo com cara de mau...acho que o hip hop, hoje, não é mais isso sabe, eu acho que hoje...você tem vontade de fazer o que você quiser, não é...tem, a sua técnica, tem o seu padrão que você tem que seguir, mas eu acho que a partir que você aprendeu aquilo, você pode abrir uma janelinha e descobrir o seu próprio estilo que é o que eu faço hoje, tem bastante trabalhos que eu faço, muitas pessoas gostam do meu trabalho e outras também não né mas, a gente está aí pra, receber críticas boas ou ruins, mas eu acho que basicamente é isso minha história com o hip hop, já participei de bastante evento, nunca participei de batalha, mas já vi muitas batalhas, e...é bastante, ham...até o último trabalho que eu montei é mais ou menos o tipo, não é o tipo de uma batalha...ham...mas é mais ou menos isso...ham...diferenças entre homens e mulheres no trabalho coreográfico e algumas batalhas que eu fui assistir no Meeting, ano passado, eles brincam, é bem cômico também e eu gosto muito disso, dessa maneira deles trabalharem o hip hop, sempre zuando, sempre tirando sarro com a cara do outro sabe, então eu tento [absorver] dessa maneira o meu hip hop.

2. Hoje eu trabalho o hip hop, sou remunerado, dou aulas **[ruído]** eu tenho um grupo, que é praticamente o meu lazer, que é tudo que eu tenho vontade de fazer eu vou e expresso e o meu lazer eu acho que é os festivais, as competições, aquele frio na barriga de você está na coxia, de você está pisando no palco, eu acho que engloba tudo isso, trabalho, graças a Deus, to sendo muito bem pago, demorei um pouco, sempre trabalhei voluntariamente, só agora to sendo remunerado, ham... o lazer que nem eu te falei, está em cima do palco, a experiência é muito bacana sabe, o calor das pessoas quando vê um trabalho bom ou ruim é...a resposta que eles dão pra gente, independente se leva prêmio ou não, eu acho que se você agradau uma plateia, se todo mundo aplaudiu em pé, gritou, curtiu com você, acho que é isso que importa que é [a parte] do lazer, não tem melhor coisa, tipo, não tem, tudo...dinheiro que pague essa energia, essa troca de energia, acho que é isso. Olha eu já fiz de tudo um pouco, eu já fiz futebol, já fiz basquete, já fiz vôlei...tipo,

antes do hip hop, fiquei um ano e meio fazendo natação que era uma paixão que eu tinha mas ai descobri o hip hop e até hoje não parei.

3. É que nem eu tinha te falado, eu gosto muito do estilo, apesar de não dominar, mas eu gosto muito de visualizar o locking, que é um estilo muito antigo, o wacking, que é um estilo que está vindo agora, que é um estilo bem animadão, um estilo bem diferente, gosto também de raggajam, que é um pouco...é...o afro né, que é o afro que vocês falam , vocês falam afro e o freestyle mesmo que é o livre né, o que você sentir vontade de fazer solta uma música e vai lá e curti a vibe dela.

4. Ham...um treino, pelo menos a nossa forma de treinar aqui, nós fazemos assim, soltamos músicas, vários tipos de música de hip hop ou de [dança] hip hop e cada um dança de um jeito, se expressa da maneira que quiser entendeu, se quiser fazer isso, fazer aquilo...isso é uma maneira da gente treinar, ai tem as danças sociais, que são movimentos que já existem no hip hop, que é tipo que nem o ballet clássico que cada movimento tem um nome, então cada movimento a gente pega essas bases, pra treinar pra desenvolver o corporal, que é o controle, fechar mais a movimentação, a gente treina dessa forma e depois a resposta que o seu corpo der pra gente, que a gente vê, quando vê que já está num ponto legal, a gente começa a trabalhar uma coisa mais organizada já...músicas...coreografias mais combinadas, passos que todo mundo faça igual entendeu, mas o treino se consiste basicamente nisso, você solta uma música, vai lá, ai um faz um movimento, ó fiz esse movimento legal, pega todo mundo, ai faz aquele movimento, nossa ó desse a gente já pode vir nesse, fazendo isso é que vai surgindo um trabalho, na hora que você vê já montou um trabalho bem bacana.

5. A maioria dos encontros são em festivais mesmo, festivais de dança, a gente faz mais aqui na região e, e...em ensaios mesmo, por exemplo, nós fazemos bastante o ensaio na praça, que é onde a gente faz aberto ao público, então muitas pessoas vão lá pra conhecer o que que é o hip hop, por que muitas pessoas ainda marginalizam o hip hop, falam ai é coisa pra loco, maloqueiro, só pra isso e aquilo, então a gente...ham...a maioria dos nossos ensaios, são [na praça] pro pessoal ver que não é nada disso que eles tão pensando, que é uma coisa exige técnica, tem uma disciplina, não é de qualquer jeito que

você vai ensaiar entendeu, então tem toda uma...uma terminologia pra você está fazendo isso, não é uma coisa jogada, uma coisa mais, é uma coisa mais, como eu poderia falar, é mais séria do pensa sabe...é mais isso, mas é mais em festivais mesmo que a gente encontra com outros grupos, faz intercâmbio e é muito bom. Olha, um grupo coreografado, como um grupo de b.boy, o grupo de b.boy, o que que o b.boy, ham... a linhagem do b.boy é muita expressão, muita expressão no chão eles fazem sabe, muitas acrobacias e nem todo mundo domina isso por que é um estilo um pouco, meio que, mais difícil do hip hop, por que exige força, exige...ham...muitas outras coisas que a dança, a dança hip hop, exige tanto sabe, é mais movimentação do corpo está, agora eles fazem muita acrobacia, muito...então o b.boy eu acho que é mais improvisado, eles gostam mais do improvisado, o coreografado do b.boy não é tão...tão bem visto, mas o improvisado do b.boy é bem mais legal, que eu acho que eles fazem mais, solta uma música e vai lá e começa a batalha, agora o coreografado é...é uma linha só entendeu, se vai...ham...um coreógrafo chega lá passa uma sequência que todo mundo vai fazer, ham...cada um com seu estilo claro, cada um com seu desenvolvimento corporal, mas é uma coisa só, agora o b.boy é muito difícil uma pessoa fazer igual a outra, colocar isso numa coreografia, acho que é de cada um isso.

6. Eu acho que a resposta do público...ham...mas não a resposta, ham...eu acho que assim, conseguir levar a, a, a plateia ao delírio, ao delírio como? Que ele sinta também vontade de dançar, não que eles vejam aquela **[ruído]** nossa, só mais uma apresentação de hip hop, não, por isso que eu gosto de trabalhar da maneira animada, acho que se você conseguir, ham...quebrar essa, por que muita gente usa a quarta parede só...aquelas três paredes, mas a quarta e não tem plateia e não meche com nada, eu acho que se você conseguir envolver a plateia na sua coreografia, acho que você...não há prêmio, não há nada que...melhor que isso, prêmio é uma consequência claro, tem que ter um trabalho bom, um trabalho limpo e muito bem organizado, mas eu acho que você tem, esse, essa troca de energia que nem eu falei da plateia pra você e de você pra plateia, você ganha qualquer coisa.

7. A improvisação, eu acho que é a expressão de cada um, e expressão de cada pessoa, por que é...que nem, quando a gente vai montar um trabalho, tem o coreógrafo que passa aquela sequência que todo mundo vai fazer, mas tem também aquela parte que a pessoa, aí posso fazer isso, porque eu senti vontade de fazer eu isso, entendeu, então eu acho que é

isso improvisação, as vezes um coreógrafo ele ouve uma música ele tem um olhar daquela música mas, outra pessoa tem outro olhar da mesma música entendeu, então acho que é isso, o improvisado é de cada um, acho que a expressão, o sentimento que cada um está sentindo naquele momento e fazer aquilo entendeu, não aquilo que foi se passado mas aquilo que se sente. Olha, música ajuda muito mas o que você está sentindo naquele momento acho que é o mais importante, que as vezes você está super chateado com alguma coisa...você solta uma música, nossa, faz aqueles movimentos mó pesados, mas se você está bem com você mesmo, você solta aquela música aí sai aquela, eu acho que é muito de está bem consigo mesmo, acho que, está se sentindo ali naquele momento por que, pra monta uma movimentação, não é qualquer tipo de movimentação, tem que escuta uma música, uma música tem voz, tem batida, tem chimbal, tem melodia, então cada coreógrafo tem uma maneira diferente de ah gosto dessa batida, gosto dessa melodia, eu quero usar tudo entendeu...então acho que é muito o do momento, daquele momento que você está de criação, nossa hoje eu to inspirado, vo lá solto uma musica e sai, acho que é mais a musica mesmo contagia, como você está no dia também.

8. Claro. É que nem eu falei, você soltando uma música e dança do jeito que você bem entendeu, você está é...é o seu improvisado, não é, não é uma coisa que chegaram e falou assim ó isso é certo, não...você solta uma musica, você está lá dançando, mesmo o passo que eu falo, um pra lá e um pra cá, nunca é demais, eu falo pros meus alunos, por que desse um pra lá e um pra cá, você pode fazer pra frente, pra trás, pro lado, pro outro, daí pode sair milhares de movimentos...então o simples momento de você solta a musica e está só curtindo a musica, já está improvisando, está fazendo uma coisa que é sua, acho que basicamente é isso.

9. Eu acho que é um modo de expressar sem bloqueio algum, acho que é isso, pra mim pelo menos, de me expressar sem qualquer tipo de restrição, simplesmente vou lá e danço.

10. Dança engloba tudo, dança é...não só o hip hop, dança é tudo, tem dança de salão, tem ballet, tem jazz, contemporâneo, cada um dentro da sua área, mas acho que a única coisa que todo mundo quer buscar é a expressão, a expressão corporal, cada uma da sua

maneira, cada uma na sua área, mas é a expressão, tenta passar alguma coisa com o corpo, sem absolutamente falar nada. Esporte eu acho que é muito...vai mais de condição física, mas de você está todo dia fazendo a mesma coisa, não que a dança você não vai fazer a mesma coisa mas acho que esporte, por exemplo, você vai jogar vôlei, você vai fazer todo dia aquele mesmo treino, pra você ficar melhor naquilo, entendeu, não tem uma, aí eu posso fazer esse tipo de movimento, não, tem aquilo que é tudo que tem que ser feito eu acho que tem uma disciplina...e o hip hop...eu acho que é mais essa movimentação de rua mesmo, o povo está querendo grita ó eu to aqui sabe...o povo mais de favela, o povo mais do gueto sabe, por que eles também tem uma cultura, não é só por que eles moram nesse tipo de lugar, eles não tem uma cultura, eles não podem fazer, não podem dança, não podem fazer isso, não podem fazer aquilo, acho que é mais um grito, ó nós tamo aqui e a gente também quer dançar, basicamente isso.

11. Olha, eu acho que quem não improvisa não cria. Eu acho que é bem por aí, por que, tem é...tem uma certa diferença entre, eu venho faço minha aula, meu coreógrafo passa uma coisa pra mim, eu absorvo aquilo no meu corpo e só, **[ruído]** ele passa aquilo pra mim e eu posso [sentir] de uma outra forma, aí a técnica [me corrige] e aí? Posso vir fazer minha aula sem erro algum, o professor passou, eu fui lá, fiz minha aula, acabou, não vou treinar, não vou pensar, eu acho que o improviso é uma forma de você está pensando, por que dança não é só **[ruído]** fazer, você tem que criar, também, você tem que pensar, você tem que argumentar, por que disso, por que daquilo, acho que se você não improvisa, você não cria, eu acho que você tem mesmo que improvisa que é uma coisa sua, uma criação sua. Olha eu improviso quase todo dia em muitas coisas, com certeza, todo dia tem que improvisar alguma coisa, não só na dança, eu também...como eu to muito nesse mundo da dança, não consigo pensar de outra forma...no teatro também, você tem que saber improvisar se você esquece o texto, **[ruído]** tem que saber pelo menos um conteúdo pra você improvisar, eu acho que tudo tem que ser pensado antes de ser feito mas o improviso é uma coisa não tão pensada, na área da dança, mas agora pras outras coisas, pra vida, acho que você tem que pensar muito antes de fazer alguma coisa sabe, mas na dança não, você mais curte.

RICARDO

1. Eu tinha 13 anos, isso foi a dez anos atrás, to com 23 agora, foi quando o Caju chegou em Taquaritinga e começou a dar os cursos de dança né, era na polícia Militar, ai...eu...tinha preconceito pelo nome dança de rua né...tinha um certo preconceito, então no começo eu não quis fazer, ai foi quando eu entrei na sala lá e vi o Caju dando a aula de dança, tudo...ai ele mudou totalmente a minha cabeça né, falei noossa, não tem nada a ver com essas coisas de maloqueiro, droga, umas coisas assim, todo mundo já passou pela cabeça...de todo mundo isso, mais ou menos isso, ai eu entrei, comecei a fazer, tinha 13 anos, isso em 2000, comecei a fazer a dança e até hoje...e sou formado lá pelo Projeto e é isso ai...mas nenhuma influência assim, eu fui mesmo, eu nem sabia o que era né a dança de rua na época, já tinha ouvido falar né, mas ai eu vi, me apaixonei e to até hoje fazendo.

2. Sim, eu dou aula de dança né, em duas cidades, Santa Ernestina e Dobrada e eu trabalho com isso até hoje, danço em banda também, canto também né...mas isso, teve um pouco a ver né que me ajudou um pouco a dança, que me ajudou um pouco a desenvolver o canto...a perder um pouquinho a vergonha de palco (risos)...Não, eu sempre gostei muito de desenhar, de...de pintar, desenhar, desenhar qualquer tipo de coisa, sempre gostei muito mas, nunca tive assim experiências com dança...quando era mais novo dançava entre os amigos mas...não era aquela coisa de nooossa quero ser um dançarino...(risos)

3. Bom eu conheço...estilos...eu conheço b.boy, conheço o popping, locking...ham...house, hip hop Freestyle, eu gosto mais, a minha praia é o hip hop Freestyle, por que é um estilo que você desenvolve a coreografia que você quiser, não tem um padrão, não tem uma...tipo igual no ballet, que tem os nomes, o hip hop Freestyle você cria o que você quiser, é estilo livre.

4. Ah no caso tem uma preparação pra ficar redondinho assim, procuro trabalha uns seis meses, a mesma coreografia, pegando em cima mesmo, pegando firme, até um ano...pra fica redondinha a coreografia, pra sair pra competir, pra apresentação...uma coreografia de no máximo uns quatro minutos...

5. É, encontros de dança mesmo, a maioria deles...é...são no CIA Festival que é o do Caju, e...as cidades vizinhas, eu levo o pessoal pra dançar. A...diferença eu acho que...na batalha...eu acho que a pessoa tem que está muito preparada (risos)...por que...é, vai muito da, da criatividade da pessoa na hora né, a pessoa vai ter que improvisar mesmo, e...pra dança, eu acho que rola todo um ensaio, eu acho que também pra batalha a pessoa ensaia também mas, na hora eu acho que vem muita improvisação na cabeça, vem muita coreografia.

6. (risos) Bom...você deve...prestar muita atenção né, na coreografia, lembrar tudo que você ensaiou...e...não fazer?...ah, tem muitas coisas que, por exemplo, é...a gente ensaia, antes da gente ir, ensaia os iniciantes já né, tipo coxia essas coisas, objetos cênicos, caiu? Deixa lá, a pessoa não vai parar de dança e corre (risos) por exemplo, pega o objeto cênico, um boné por exemplo, é...coxia também a gente ensaia muito pras pessoas ficarem dentro da coxia e não olhando pra querer ver quem está na plateia, tem muitas coisas, isso eu acho que não deve ser feito, numa competição no caso né...apresentação já é uma coisa mais de boa, não precisa, não tem regras.

7. Hum...por que eu nunca batalhei né, então...eu não vou saber te falar, por que eu não, na verdade eu não vivi isso né, mas eu acho que...pra pessoa improvisa...(risos) tem que ser uma pessoa muito boa (risos). É eu acho que a musica ajuda muito, muito...o pessoal que está assistindo, as vezes pode ser que as pessoas estão todas contra você...só que se você tiver concentração, você não vai ficar olhando pra elas e desconcentrar, acho que você vai ter que concentra seus movimentos, e...eu acho também que os movimentos do adversário, por exemplo, depende o que ele fizer...eu acho que vai te dar umas ideias pra fazer os próximos movimentos...pra batalha com ele, eu acho que é mais ou menos isso só que eu nunca batalhei (risos) mas acho que é mais ou menos isso.

8. Hum...então, no caso você teria que treinar...você treina...pra improvisar...por exemplo numa batalha, você pode treina alguns movimentos...falo assim, por exemplo, se a

pessoa fazer é...um...giro de cabeça no chão, eu vou fazer um giro de cabeça e um freeze, pra ser melhor que ele, então eu acho que dá pra ensaiar improvisações sim.

9. O hip hop é...como eu falei no começo né, muitas pessoas...criticam, falam que é, coisa de marginal...que rola droga, tudo isso, pode até ser que role...mas, em muitos outros lugares rolam também, mas depois que eu comecei a aprender o que é o hip hop, o que é a dança...ah tudo mudou né, me apaixonei pela dança e é isso aí né, o hip hop é uma arte pra mim.

10. Por que a dança ela já é um esporte praticamente, por que está usando o corpo né, então pra mim eu acho que a dança está dentro do esporte também e a dança está dentro do hip hop, e é isso.

11. Ah com certeza, tem que saber improvisar sim, com certeza.

DANIEL

1. Não, não tive influência, é...eu estava, fui num show que estava tendo na, na, na quadra lá da CECAP e... tinha várias competições na quadra mesmo, onde tinha jogo de bola tudo...que ainda era bem o começo, foi bem em 2003, e...aí começo a bate aquela vontade de dançar, ver aquele pessoal todo... dançando lá, dava vontade, aí um dia eu fiquei sabendo que estava tendo inscrição lá na polícia militar, que é, era lá antigamente, aí eu peguei e fui fazer a inscrição lá no projeto, conheci o pessoal e to aí até hoje.

2. Consigo...tem que conseguir, por que eu trabalho na MAQUIMÓVEIS já faz, vão fazer três anos, eu to aqui no projeto vão fazer sete anos e...eu to casado a quatro anos...e eu danço em banda a três anos então é...serviço né, trabalho...aí do trabalho eu tenho que sair e já ir pro ensaio ou da banda ou aqui do projeto...aí eu tenho que ir pra casa pra dar atenção pra minha esposa, pra minha filha, ou...de final de semana é banda, que é baile, então de sábado e domingo é banda e único horário que eu tenho pra família é a noite mesmo e quando tem uma

folguinha tem que aproveitar. Não...eu fazia capoeira, fiz quatro anos de capoeira...ai depois fiquei um tempo parado, e ai que depois que a dança entrou...na minha vida.

3. Eu...conheço o popping, o wacking, o krump, o hip hop Freestyle, o vogue, o...o locking e só...o que eu gosto mais é o...ah e tem o house, eu gosto de dançar house e krump...

4. Você tem que assim...todo mundo acha que você chega lá e faz de hora, não não faz, você tem que ter todo um treino, não adianta você treinar uma semana antes, um mês antes, treina...tipo...você vai sabe que vai ter o festival, teve esse ano, você não está preparado, você nem faz, você nem vai...é melhor você está preparado, você está ciente que vai ter o ano que vem, fala eu vou me preparar o ano inteiro praquela, praquela batalha, praquela festival, se você quiser ganhar aquilo...está entendendo...agora as batalhas que vão aparecendo, você tem que...não é assim treina...ah hoje eu treino não...você tem que está treinando diariamente pelo menos um pouco por dia, um pouquinho por dia, uma hora, umas duas horas por dia, você tem que está treinando o seu individual...você treina sozinho, agora com o grupo, acho que é legal está umas duas vezes por semana...pra você entra em batalha é...solo...é legal você está treinando todo dia um pouquinho, umas duas horas por dia.

5. Isso...tem festival de dança que...que tem as batalhas, tem suas próprias batalhas, que é...batalha de dia e festival a noite, agora tem festival que é feito festival só de batalha, é só batalha...tipo ai se...depende...que nem, batalha de beat Box, que é o que eu faço, que são um dos quatro elementos do hip hop, aqui no Brasil eu não vi ainda...é...mas agora de b.boy, de house...dos outros estilos todos tem...mas agora a única coisa que eu não vi ainda foi de beat Box aqui no Brasil, batalha. É que o grupo...é...você já está esperando uma coreografia né...todos vão fazer igual e tem sempre um momento que uma pessoa faz sozinho seu individual, agora a batalha, a batalha assim...você já...o cara já tem o que vai fazer só que na hora não sai, sai um negócio mais...sai na hora, é o individual dele, ali se ele for passando, cada vez ele vai ter que ter um repertório de individual dele maior, entende...então ele não pode chegar lá e dá um treino aqui igual eu falei pra você, você treina aqui uma semana pra ir na batalha no domingo, você treina na segunda, até o domingo e você vai na batalha no domingo, chega lá você vai passando das fases...você chega na final você está sempre com as mesmas coisas, você tem que está sempre preparado pra você chega na final e ganhar,

entendeu...então você não pode...você tem que está sempre inovando, sempre está...com o pé na frente do cara.

6. Você tem que está concentrado, totalmente concentrado, você tem que está com a mente naquilo lá...no que você vai fazer...cada pessoa pensa de um jeito né, cada pessoa faz de um jeito, cada pessoa tem um ritual diferente...é...agora o que você não pode fazer é...não ser humilde...né...tem muito cara, muito cara que acha que é o tal, pisa em você, mas você acaba pisando no cara sem você querer.

7. É tudo...por que hoje...antigamente...a dança, o hip hop era o coreógrafo, sem o coreógrafo você não faz nada...hoje em dia, o coreógrafo não faz nada sem os seus dançarinos com os seus individuais entendeu, hoje não é o coreógrafo, hoje são os dançarinos, depende do dançarino, só do dançarino, eu não preciso de nenhum coreógrafo pra eu poder dançar...antigamente você precisava, que era tudo padrão...hoje não, hoje...hoje tem bases, os movimentos tem todos nomes, você tem que saber os nomes dos movimentos, das movimentações tudo...então hoje é muito mais dançarino do que coreógrafo. Isso é tem suas movimentações que você sempre está treinando, pra você sempre se aperfeiçoar mais neles e tem aquelas que sempre sai hora que tipo... tem o beat, que é a batida da música, se você consegue enfia o seu movimento na batida da musica...é, você entro no beat da musica então a galera, você já ganha um ponto a mais com o juiz, com os jurados entendeu. É tudo, você...o que o seu adversário está fazendo, você pode pegar e fazer o que ele fez só que melhor...a sua equipe também pode ajudar muito...que tem muitas pessoas que nem...tem um amigo meu que quando ele está em batalha, ele esquece de fazer as coisas, tem coisas legais que ele faz que ele esquece e quando a gente está lá ai fala ow faz aquele ai ele pega e (barulho do movimento)...depende da musica, a musica também ajuda muito, a musica é...elementar, sem a musica...

8. É lógico!!! (risos) isso é o que você tem mais que treina, é improvisado. Você bota a música, depende do que você for treinar, se for treinar um...cada estilo, tem um...a sua musica né... daí tipo, se você coloca um house, perto de uma musica eletrônica você vai achar que é igual, não, mas pra quem conhece não...é...então pra quem treina house é uma música, pra quem treina popping é outra musica, pra quem treina wacking outra musica e ai vai e depende

da musica é...pra você ir pra batalha você tem que conhecer várias musicas, por que você tem que encaixar os seus movimentos na musica que o DJ coloca, pra você entra no beat, pra você ganha com os jurados entendeu, então pra você treina é...você tem que te a musica certa e vendo, vem de dentro...você tem que deixar rolar, tem que ter um espelho, é legal te um espelho também de frente, pra você deixar rolar, vir de dentro a movimentação...fazer coisas diferente, assisti bastante vídeo, também pra você tira ideias, não fazer igual, tirar ideias das movimentações das pessoas, que nada é tipo...todo mundo fala que nada é criado tudo se copia né...nada se copia.

9. O hip hop, pra mim, eu defino como minha vida, não tenho nem o que falar.

10. Diferenças tem é...assim, eu acho que é um esporte, pra mim, é um esporte a, a dança em si, qualquer dança pra mim é um esporte...mas as pessoas tem, tem pessoas que fala que não que tem muita diferença de um esporte, como se fosse o, vamos supor, o futebol e a ginástica olímpica, ginástica olímpica é uma dança, eles falam que é uma dança e...total a diferença do futebol com a ginástica olímpica entendeu...e por que não a dança de rua.

11. É legal por que assim...fácil não é, fácil é...assim, não é fácil é que a gente treina, é igual chega um cara que nunca danço, assim que dança sim mas não treina, ele vai dança do jeito dele, do jeito que ele sabe...eu vou dançar geralmente o que eu treino, está entendendo...agora legal é por que você chega num lugar e começa a tocar uma musica você começa a dançar o que você treina, tipo começa a toca um house e você começa a dança um house, os cara vixi que o cara está fazendo? O cara está loco (risos)...entendeu, então os cara vixi que legal, tal...legal é vixi, pra mim, se eu não treinar assim, hoje em dia eu não consigo mais parar de treinar...mas se eu não treinar pelo menos umas cinco vezes por semana eu...eu já passo mal já. É...eu treino no meu serviço, eu to treinando, eu fico dançando, os caras o você é loco, você não para, nunca para, começa a toca uma musiquinha lá eu lembro de alguma coisa...trabalhando eu começo a balançar o corpo, os cara ow o que que você está fazendo, você é loco cara...então pra mim, onde eu tiver, não importa, serviço, qualquer lugar, eu sempre to balançando cara, eu sempre tem que está, pra quem gosta, quem gosta realmente da dança, não tem vergonha de mostrar que sabe dança.

12. **Beat Box Daniel** – isso, o beat Box ele está entre os quatro elementos do hip hop, por que geralmente...antigamente, bem antigamente, quando eles não tinham...o rádio né...eles levavam na rua, fazia aquela rodinha tal e começavam a dançar, quando eles não tinham o rádio...surgiu o cara que faz o beat Box que é som com a boca e aqui no projeto o único que geralmente treina beat Box, sou eu e eu comecei quando eu entrei aqui lá em 2004, comecei a assistir vídeo e comecei treina só que pra batalha no beat Box eu ainda não consegui achar nenhum festival. Isso é improvisado, você tem que treinar o beat Box, na hora que chega do vamo ver você faz o seu melhor, o que você sabe, só que no beat Box você tem que ter na mente é tipo de uma música, você tem várias músicas, você tem que ir jogando elas do tipo do mais lento...você tem que fazer um repertório né de música, você joga o seu melhor, você faz o que nem...quando eu, geralmente eu, abro bastante festival de dança, faço apresentação, então eu jogo as minhas melhores músicas pra eu fazer...ai quando é batalha, como eu nunca fui numa batalha mas eu já batalhei na rua mesmo ai você tem que jogar, você tem que intercala né, a que você sabe você tem que deixar pro cara, a hora que o cara joga uma melhor em cima você tem que jogar uma melhor em cima da dele entendeu...e tem normal (os estilos), da pra você fazer com a boca normal, qualquer estilo (risos).

CARLOS

1. Então eu comecei em Santos né...eu, eu [**ruído**] né por que também nasci num bairro carente, de Santos e a partir dali...na rua mesmo, fui tendo...conhecimento e contato com o...movimento hip hop, na verdade, conheci...alguns grupos e a partir dali me interessou em entrar...numa crew, na verdade né é o que eles chamam de gangue de break pra poder fazer parte de...uma...desse grupo né, foi aí que eu conheci...o grupo Black Cia que é uma das referências do hip hop hoje, aliás é não, foi uma das referências do hip hop e a gente chama de old school...são são, é um grupo da velha escola, é realmente da essência que...acabou trabalhando junto com os grandes mestres né...o seu Triunfo, entre outros, outros...profissionais da área e...eu tive a felicidade de participar deles né, do início, da essência disso no no no Brasil, que foi a partir da década de 80 né...é...e a partir dali eu fui conhecendo outros...outros grupos, acabei entrando no Dança de Rua do Brasil, é...que foi um dos...foi o grupo que acabou profissionalizando a dança de rua no, no, no Brasil e depois eu fui gostando da ideia, comecei a pesquisar sobre o assunto e ai hoje eu me acho no meio, não me vejo sem estar no movimento.

2. Sim, por que na verdade hoje, hoje isso é muito claro pra mim né...por que...realmente não é fácil hoje você conseguir ganhar a vida com...a dança, com o hip hop, então eu tive que fazer algumas escolhas né...é na minha vida, mas eu nunca deixei de lado a arte, então tanto que na realidade hoje eu dirijo uma companhia de dança, tenho o meu centro cultural...é...mas assim, pra mim é muito claro isso, hoje eu não deixo a dança por que na verdade é uma forma com que eu tenho de lazer né...pra mim, eu tenho meu trabalho, então também hoje eu trabalho é...não só diretamente por que na verdade eu ainda dou aula, ainda batalho, ainda faço os festivais, mas isso...justamente por que eu gosto muito né, pra mim é uma, não é uma profissão, pra mim é um hobby que eu tenho, então eu faço isso de maneira tão natural que pra mim...eu não, não me importo se eu ganho ou não dinheiro, então dinheiro ele é...ele vai ser um produto do que eu faço, por isso que eu faço com bastante amor...e eu tenho como profissão minha área de psicologia, de gestão de projetos e...a minha função hoje é fazer essa intermediação entre...é...o produtor cultural mesmo na dança, enfim...com os incentivos fiscais, os recursos né...que hoje é muito difícil, então na realidade hoje pra mim essa clareza...[isso] que eu faço no meu trabalho particular...com, a, a...o meu envolvimento na dança, ainda...é...é bem, é bem, é bem claro isso pra mim. Ah fiz bastante coisa (risos)...na verdade comecei com o teatro, música e depois que eu fui pra dança né...também tive numas escolinhas de futebol...passei por um monte de lugar...fiz capoeira...né...mas acho que...a dança foi o que me conquistou mais...foi o que mais me me me me motivou a continuar...por ser uma atividade coletiva, por trabalhar com as artes expressivas né então isso pra mim é bem é bem legal...eu gosto de de de de lidar com com essa arte corporal até por que envolve musica e os movimentos então eu acho que deve ser por isso que eu me envolvi tanto nessa área e agora to participando, to passando por um outro momento da minha vida que é trabalhar com a...que é trabalhar como DJ agora né, então na realidade eu to deixando [mais expressivas] como eu conhecia, conheço muito de música hoje e agora minha outra paixão esta sendo em tocar as musicas que eu danço então eu acho que isso também está me motivando bastante.

3. Bom, o hip hop ele é multi, assim eu sou um crítico muito grande, acho que se você procura alguns artigos meus na internet você vai ver o quanto que eu critico essa questão do hip hop, né hoje pra você conseguir achar materiais sobre o assunto é difícil até por que dentro do próprio movimento isso não está claro né...é...então na realidade você tinha aí, você tem uma divisão entre os old school que são a velha escola com o pessoal da nova escola, a

velha escola é uma escola super radical em que eles deixam bem claro qual que é o estilo que faz parte do hip hop né...o popping, o b.boy e o locking...então são três estilos completamente diferentes que vão trabalhar com músicas diferentes, se você for pegar a nova escola, na realidade a velha escola é muito radical e não deixa entrar mais ninguém, se você pega agora o pessoal da nova escola, há uma mistura muito grande, então hoje você tem abertura para o house dance, tem abertura wacking dance, vogue né...agora o que se está com o street jazz enfim...existe aí vários estilos que estão sendo mesclados aí você cria o hip hop Freestyle tal que também agora já tem novo estilo, então realmente é muito difícil você conseguir lidar com essa diversidade de movimentos que estão entrando aí dentro da cultura é...por incrível que pareça o que mais me agrada é o hip hop Freestyle que é o que o mais me identifico até por que te dá uma liberdade de criação e você pode utilizar diversos elementos da dança pra poder também incrementar os seus trabalhos e a questão da improvisação no hip hop Freestyle ela é muito interessante por que na realidade ela independe de técnicas de estilos apropriados, na realidade você precisa ter é um bom conhecimento do teu corpo e fazer os improvisos certos e desde que não sejam né...nem...é...ancorados no b.boy, isso é top rock entre outros, freezes tal, é...power moves né, não pode estar nessa linha, também não pode ter uma linha do locking né...que é...e nem também você não pode fazer a variação de popping né...é...e aí isso é legal por que na realidade você tem um universo de movimentações corporais enfim que você tem que trabalhar inclusive dentro do beat da música, eu acho que é uma...um estilo que me agrada, justamente por essa liberdade, dessa possibilidade de eu criar outros movimentos de eu incorporar outras...movimentações de outros estilos tal e trazer pra dentro da, de uma música, de uma batida né...que...faz parte do hip hop.

4. É...a batalha é legal por que na realidade assim...qual que é o intuito da batalha, é você conseguir fazer melhor do que o seu oponente...é...hoje é legal por que na realidade a gente está com uma...cultura muito legal né, dentro do hip hop que é a questão do estudo, então hoje se você quer ser um grande dançarino você precisa estudar, mas estudar o que? Tem que ficar lendo, não...você precisa estudar a música que você goste né, por que na música existem várias batidas, vários sons, cada som precisa ser utilizado né, então na realidade uma música, ele é...um, uma...uma...floresta a ser desbravada, por que realmente assim, existem muitos beats, existem muitos arranjos e cada arranjo que você utiliza nela, você também uma pontuação e o próprio hip hop Freestyle te dá essa possibilidade, segundo você precisa estudar movimento né isso é, você também precisa conhecer os diversos movimentos pra você

conseguir saber incrementar e estudar a sua linguagem corporal, o que você tem de repertório corporal, dentro das possibilidades e como você encaixa isso dentro do ritmo né...então aí você vê o universo grande que é. A preparação do hip hop Freestyle...ele é...cotidianamente, na realidade assim, você estuda a música, você ouve música, você dança né...é é é...diariamente, nossa preparação é pra uma festa, pra uma balada, dançar e a partir dali você vai criando, você vai vendo, interagindo com outro, você vai né, absorvendo outros movimentações e essa troca é interessante...mas ah pó tem uma batalha, vai ter pó, vamo correr? Vai fazer?! Aí também você tem que está com a sua preparação natural, que é uma preparação também básica, de qualquer grupo de dança, você tem que se concentrar, você tem q estudar, você tem que buscar outras movimentações que sejam muito mais fortes né...você tem que é é é...fazer o seu, os seus ensaios né...mas o bacana do improvisado é que na realidade assim é...se você criar muito ah eu vou, tinha pensado num movimento X, movimento Y ou colocar na marcação né jogar dentro da contagem...é...geralmente você não usa nem 60% dos movimentos né, na realidade o que que acontece é na hora, por que de repente teu oponente ele faz uma movimentação XY né...e acaba com a movimentação que você estudou, você precisa criar outra melhor, você precisa ter um repertório já muito bem, bem, bem...é...solidificado em você pra que você consiga superar esse teu oponente, então na realidade assim, o...quem batalha, tem que ter um conhecimento prévio e superior né...até mais do que quem participa de grupos né...por que grupos, eu sempre falo o seguinte, na realidade a preparação dos meus dançarinos é uma preparação pra liberdade, pra isso né então eu não faço, não trabalho muito com coreografia por que eu não gosto...mas que dê essa liberdade de criação né...por que na realidade, principalmente você que tem um repertório, você consegue elaborar esse repertório, você consegue é...fazer a produção desse repertório de...de dança e na batalha é muito isso, na realidade, se você é bom né, se você é bom no que faz você batalha, se você não se garante, se você não acha que você tem condições de batalha né, você tem um repertório limitado de movimentos que você fez dentro da academia, dentro da aula de dança, não vai batalhar por que não vai dar certo, por que não vai sair, não flui né...então na realidade o dançarino de batalha ele tem que ser uma pessoa que não pode ser ansiosa, ele tem que ter uma segurança né e tem que acreditar que ele vai dar conta de...fazer a batalha, se não ele não vai conseguir fazer e a preparação é uma preparação natural de todo né...você tem que fazer os alongamentos, você tem que realmente ter momentos de concentração e você tem que ter clareza que você tem um repertório adequado pra isso.

5. Bom, é...hoje a gente está passando por uma situação muito bacana no Brasil, a gente está passando por um momento de transição muito interessante, o Brasil ele está...é...produzindo muitos festivais, isso tem lá suas vantagens e desvantagens, a primeira vantagem é que na verdade você dá uma abertura e você dá uma possibilidade das pessoas exporem as suas produções né...então se você for é...visualizar enfim...e...vê no Brasil, eu acho que você tem mais são festivais de dança e batalhas também tem um monte né hoje, todo mundo está fazendo as suas batalhas né...por outro lado, quanto mais você tem oferta, você perde qualidade, na realidade você faz algo que é, é é,...naturalmente exercido pela cultura e você envolve os interesses comerciais, hoje eu só vou batalhar em lugar que dá premiação em dinheiro enfim, na realidade ninguém mais faz a...dança pela cultura, então ó eu vou batalhar, eu vou arregaçar né...então hoje a linguagem é eu vou acabar com aquele cara por que na realidade eu quero ganhar uma premiação X em dinheiro que hoje também não é difícil, então você deixa de fazer a dança pela própria dança e isso é um perigo muito grande e eu não sou muito a favor dessa questão, mas hoje sim você tem realmente vários é...hoje você perdeu aquela cultura de olha eu vou juntar um grupo, uma crew pra fazer uma batalha de bboys pra gente se divertir, hoje isso reduziu muito está...então né como nossos ancestrais, como nossos grandes precursores de hip hop isso hoje já não existe, hoje na realidade os dançarinos de batalha enfim, eles vem quais são os festivais que mais interessam, vê quem dá a melhor premiação em dinheiro e vai pro festival né ou então pros grandes festivais, hoje você tem os grandes festivais de bboy que é o BCONE, a Reb Bull também está fazendo alguns festivais, algumas batalhas, realmente hoje a gente tem bastante batalha mas hoje as batalhas de bboy são as que são mais...valorizadas né, por que sempre foram acho que as batalhas de Freestyle, locking dance...estão sendo é...divulgadas agora e...e os grandes festivais como o Mething Hip Hop School é...que é em Indaiatuba, é em Valinhos existe o festival internacional de dança que tão conseguindo propagar isso, é...então na realidade você tem esse diferencial né...então hoje as batalhas ocorrem muito mais em festivais que promovem, então nosso festival esse ano vai estar promovendo as batalhas de bboy...é...aqui assim também como no ano passado, vamos trazer grandes nomes como até o próprio bboy Aranha do Tsunami All Star que hoje é o representante do Brasil em todos os...as batalhas internacionais né...fora do Brasil, então o pessoal do Tsunami All Star que representa aí o Brasil...Pelézinho né...e outros grandes nomes aí, Bboy Neguim e essas coisas...é é...a grande diferença entre um grupo né que batalha e um grupo de de dança coreografado é que na realidade, o próprio nome já diz, então coreografado é essa padronização né, que na realidade eu sou totalmente contra você também não dar liberdade do dançarino criar, isso é, você tem o coreógrafo, muitas vezes que se julga

o dono do saber, de todo o conhecimento coreográfico, que vai te passar uma coreografia e vai padronizar as coreografias, então os dançarinos vão lá, sobem no palco e fazem aquilo que foi ditado pelo coreógrafo e não pode fazer nada a mais ou nada a menos né...é...os grupos de improviso não né...você tem essa liberdade de criar inclusive dentro do palco, eu acho que é essa a grande diferença do grupo né padronizado, que isso também está perdendo né com essa ascensão do próprio hip hop Freestyle hoje que dá essa liberdade de você fazer algo que é padronizado, dançado mas em algum dado momento você também tem a condição de improvisar então se você for fazer uma pesquisa no youtube você vai conseguir perceber o que eu to te falando você pega ali é...os grupos de dança de rua da década de 90 pra cá, Dança de Rua do Brasil enfim...você vai ver uma padronização de todos os movimentos com 30, 40 pessoas no palco e aí você vai pegar as danças de rua de 2000 pra cá você vai ver uma diferença, você vai ver que há padronização mas há uma movimentação maior no palco e também há momentos de improviso né então o próprio house dance te dá essa liberdade de você também improvisar e aí dentro da própria coreografia há os improvisos também, isso dá um tchan muito legal dentro do trabalho né. Então você tem essas grandes diferenciações aí.

6. Bom...é...na realidade o que que vence uma batalha? A qualidade. A qualidade e o teu repertório de movimentações, acho que isso vence qualquer batalha...é...realmente, então a segurança de que você tem um movimento, você guarda o repertório vasto de movimentos que você vai conseguir também superar o teu oponente...que que ele não pode fazer na batalha é...acho que tem assim, os principais focos, primeiro...tem que saber o que vai batalhar, primeira coisa né assim, onde eu vou batalha, qual estilo eu encaixo dentro da batalha, separar o repertório desse estilo em particular que na realidade o que há muito hoje é de repente eu chegar numa batalha de bboy e fazer uma variação de popping né, chegar numa batalha de...popping e fazer uma variação de bboy ou vice e versa então isso não pode, em cada estilo você tem uma técnica específica então pra cada batalha você tem que fazer a variação correta pra batalha é...o que a gente vê também muito que gera muita polêmica é a repetição de movimentações, então se eu faço uma movimentação numa primeira bateria eu não posso repetir nas baterias é...nas demais baterias né, isso aconteceu com a gente em...num festival em Conselheiro Lafaiete que um bboy ganhou porém todo mundo saiu insatisfeito né isso aí é dos jurados, julgaram né da maneira deles mas, todo mundo saiu insatisfeito por que viu que na realidade o dançarino que ganhou, em todas as baterias, mesmo a que...é que na realidade você tem baterias e ele vai batalha com pessoas diferentes e aí cada pessoa que foi eliminada

não participa mais e ele fez as mesma variações né...as mesma movimentações em todas as baterias, que eram variações fortes, isso é, ele estudou somente aquelas variações, fez em todas e ganhou né...então isso não existe, se fosse eu, já tinha eliminado na segunda bateria quando ele repetiu as movimentações né...é por que ai você percebe que é uma pessoa que só tem um tipo de repertório né, então ele pegou aquele repertório inteiro e pumba, batalhou por que na realidade era aquilo que ele fazia de melhor, então na realidade ele não pode, tem que variar bastante a questão do repertório e ter humildade sempre acima de tudo por que, na realidade, as batalhas são um estilo de contato mesmo mas o interessante que na realidade é um contato de amizade então sempre depois que você batalha, você tem o resultado, os dançarinos sempre se abraçam, sempre parabenizam quem venceu né, isso é uma prova de humildade muito grande, e uma prova de que a dança foi feita pra gente realmente curtir e valorizar, eu acho que isso é importante.

7. Tudo, é uma correlação entre todos os...quando você esta na batalha, tudo conspira a seu favor, mas a musica ela é muito importante por que quanto mais você consegue incorporar a musica essa movimentação ela sai naturalmente que a criação, nós chamamos de improviso ele é muito criação né, você tem que ter um repertório e ai em cima desse repertório você vai fazer tuas variações, você vai também criar em cima disso, então sim muita coisa é criada na batalha, na hora mas a partir de um repertório claro que você tem né então nunca você chega...despido, totalmente nu...em termos de conhecimento numa batalha por que de repente você não vai saber como você vai direcionar os movimentos, você precisa ter uma mola propulsora que vai te...é expeli esse movimento e a partir desse movimentos você vai criar outros dentro do que você tem de conhecimento do estilo das tuas pesquisas de movimento, de música e tal...é....o conhecimento da música também é importante por que você sabe o tempo que ela vai parar, as quebradas que ela vai fazer e a partir da li cada movimentação em cima dos beats você também um ponto grande assim....o improviso ele faz parte de toda a cultura hip hop né, na realidade a essência da cultura hip hop é a essência do improviso, seja o, na...no grafite, seja ele nas batalhas de bboy, seja ele no...próprio popping, seja ele nas batalhas de MC's, de DJ...enfim...na realidade ele criou é...o hip hop foi criado em cima disso, em cima das ...dos artistas né...que tinham conhecimento e a partir dali eles levaram pra rua, então na realidade eles não padronizaram nada, isso tudo foi passado de geração pra geração pelo...vontade de fazer com que o estilo ele...crescesse né, então na realidade a...o improviso ele é a essência da cultura hip hop em sua mais diversa dimensão.

8. Estudando, muito, a improvisação é estudo né...e ai vai depender muito de que estilo você vai trabalhar, se você vai fala ó eu quero improvisar bboy você vai ter que ralar muito né...por que na realidade o bboy você tem que ter um domínio né, corporal muito grande, então na realidade você tem no mínimo uns cinco anos [ruído] de b.boy pra você fala assim olha eu estou apto pra poder [ruído]...se você vai trabalhar com o locking, você precisa conhecer pelo menos o básico do locking né, quais são as técnicas que são primordiais né, então você tem é...vários...técnicas que você precisa incorporar, que são as bases, nós chamamos as bases, pra que você consiga fazer um bom improviso e a partir dali você vai criar outras movimentações, você vai trabalhar com house dance a mesma coisa e até mesmo o próprio hip hop Freestyle né, então na realidade eu vou ensaiar na medida em que eu tenho no mínimo incorporado as bases e a partir das bases eu vou fazer a variação em cima da musica né então né...a primeira questão é o estudo do movimento, o estudo do estilo que eu vou, que eu me identifico e que eu vou é...que eu vou estar investindo o meu tempo né...segundo eu conhecer quais são as músicas, fazer um estudo musical, quais são as musicas que fazem parte desse estilo por que pra cada estilo você tem uma musica totalmente diferente, você tem é...o bboy vai trabalhar com break beat, se você tem o locking que vai trabalhar com...soul music, funk music, você vai pegar o popping que vai trabalhar ai é...um rap ou uma musicalidade que é pode ser uma mistura de charme e de soul também, você tem o hip hop Freestyle que vai trabalhar muito mais com o hip hop dance, você tem o house que vai trabalhar com as musicas de house dance e assim por diante, pra cada estilo você tem uma musicalidade diferente e você precisa estudar essa musicalidade, então é...e ai tem que ver o que que tem de novidades dentro das movimentações, que que estão pesquisando, lançando no mercado...hoje o melhor lugar pra isso são os festivais, são os grandes festivais, então a gente vai ver festival de nível internacional, nacional que as pessoas se encontram pra poder fazer as trocas, o próprio youtube tem muitas coisas boas mas também tem coisas ruins né então tem que saber garimpar ai né...e a troca, essa troca de experiência que é muito importante.

9. Olha, difícil mas eu definiria é...o hip hop eu acho que em uma palavra, eu acho que é...conjunto, eu acho que o hip hop é um conjunto de coisas né, ele agrega um número vasto não só de pessoas mas de movimentos, de musica né...então eu vejo, eu faço uma definição de hip hop como esse conjunto de é...habilidade, de conhecimento né...em torno de uma ideologia né...que foi a essência da criação do próprio hip hop que é essa questão da valorização do povo negro, da valorização da periferia e mostrar que realmente é...as pessoas

que tem menos condições de fazer qualquer tipo de prática seja artística ou expressiva ela tem né...condição de mostrar algum trabalho ou as suas produções, então acho que hip hop pra mim hoje ele é a essência da minha vida e eu espero que ele cresça de maneira consciente e com inteligência que eu acho que o que falta hoje na cultura é inteligência, vocês da academia já estão dando um passo muito grande que é esse interesse pela pesquisa na área né, já orientei vários trabalhos em todo o Brasil é...e eu percebo esse interesse da comunidade acadêmica pela pesquisa no hip hop e o que falta no hip hop sim são trabalhos, são pesquisas, são materiais de leitura, materiais de pesquisa pra que a gente possa fundamentar e é...fazer com que o hip hop também tenha uma metodologia de aplicação, uma metodologia de ensino, metodologia de pesquisa e a partir daí a gente consegue colocar o hip hop dentro das grandes movimentações de dança assim como também o ballet.

10. Eu acho que eu não diferenciaria, eu misturaria a dança e a educação física e a partir dali eu colocaria o hip hop também...acho que o hip hop tem a mistura de tudo então...não só a dança, o...movimento o corporal, mas na realidade ele vai trabalha o movimento corporal dentro de uma perspectiva aeróbia né...por que na realidade a dança não deixa de ser também uma atividade aeróbia né...então você tem o hip hop que trabalha toda essa parte aeróbia, toda essa parte de condicionamento, pra você fazer bboy, não é fácil, precisa ter um condicionamento físico muito bem elaborado e ai você também incrementa outros **[ruído]** como a música, na realidade o hip hop é a **[ruído]** de várias linguagens tanto corporais como artísticas dentro de um único movimento, você vê a riqueza desse movimento né...e a importância dessa cultura pras pessoas é...agora se a gente for fazer uma diferenciação você tem né...acho que a educação física trabalha muito mais essas questões de condicionamento humano pra que o homem tenha maior qualidade de vida, a dança tem é...esse interesse de trabalhar essas artes expressivas né...é...a partir dos movimentos corporais de hip hop ele é esse movimento ideológico que agrega várias culturas, vários estilos, sejam musicais, artísticos enfim...pra poder realmente fazer um movimento de...ideologia por que na verdade o hip hop não é um estilo e dança, um estilo de musica ele é um movimentos ideológico que agrega tudo isso então isso é importante a gente deixar claro.

12. Apêndice 6 – Transcrições 2011

DOUGLAS

1. Danilo da Silva; 26 anos; origem? São Paulo; olha, eu falo que eu tenho várias casas, que eu moro cada semana em um lugar mas atualmente eu permaneço em São Paulo ainda mas faço trabalho pelo interior; ensino médio; solteiro; coreógrafo; lazer? Tai eu gosto de muitas coisas, humm...tem que especificar algum? O que eu faço no meu tempo livre?...assisto filme.

2. Nossa faz tempo heim, eu comecei quando eu tinha 10 anos eu comecei a praticar dança afro num centro cultural em São Mateus, chamava-se Condoma e lá eu conheci muitas pessoas da comunidade e entre elas tinha um moleque lá que eu esqueci o nome dele sabe, se eu não me engano era Ricardo enfim... ai a gente jogava bola, brincava tal e era da hora e ele fazia uns passinhos sabe meio doido assim do jeito dele mas ele fazia e eu comecei a imitar ele, foi ai que eu comecei a tomar gosto, ai meu irmão começou a me levar em festinhas, que naquela época o pessoal chamava de brincadeira, ai a gente ia, se juntava na casa de...colegas no final de semana, na varanda deles e eles colocavam um rádio lá, na época era toca fita e só tocava rap ai a gente ficava dançando, colocava a cabeça no chão ai falava...aquilo lá, na época pra nós que não tinha informação era, tinha o nome de movimento que eles não, não tinha título, enfim...quando eu fiz 12 anos a gente se mudou pra São Joaquim da Barra que é no interior de São Paulo, eu fui embora com a minha mãe, ai lá eu conheci um grupo de...de...amigos lá, eles já praticavam dança de rua, eles faziam a mesma coisa que a gente fazia só que assim eles colocavam o som na calçada da casa deles e ficava dançando naquele asfalto quente, fervendo, descalça (risos) sem nada no pé, sabe...e era bem interessante assim por que o pessoal, eles, não tinham malícia sabe, naquela época...a dança não era como hoje, o pessoal dançava pra se divertir mesmo. Com 15, com...com 15 não, com 14 anos eu me mudei pra Ribeirão Preto ai eu conheci o Alexandre Snoop, ele é coreógrafo da Cia Dança de Rua de Ribeirão Preto e eu entrei nesse grupo deles que ainda não era Cia, era um projeto social que era desenvolvido pelo PAQ, a instalação dele era no jardim Casa Grande, ai eu comecei a praticar com ele lá e através dele eu conheci o João Vitor, que é coreógrafo do... da Companhia de Performance Crazy Jam, uma das melhores no Brasil hoje, e ele me convidou

pra participar dessa Companhia né...eu fiz uma audição, passei...enfim...e através dele eu voltei pra São Paulo de novo onde eu conheci o Guiu, o Eliseu e eu fiz uma audição na Ritmos de Rua, passei também, entrei na Companhia, com 16 anos, o Guiu me levou com ele pra Vargem Grande do Sul, fui ser assistente dele, ele passava as sequencias em cima de um palanque e eu estava junto, com 18 anos eu fui pra Itajaí junto com Eliseu Correa e lá eu fui onde eu comecei, eu fui pra ser assistente dele, chegando lá ele falo que era eu que ia da aula, ai eu fiquei meio nervoso, tremi na base assim logo de começo claro, mas deu tudo certo, eu passei uma sequêncinha e o pessoal começou a me conhecer, ele me deu um apelido, Bourog, que é como o pessoal me chama hoje, ai hoje eu assino como Danilo Bourog...enfim, nesse tempo todo assim eu fui conhecendo várias pessoas, eu só citei aqui algumas aqui que foi as que tiveram grande parte no meu crescimento que fazem a diferença ainda pra mim e assim, desse tempo pra cá, dos meus 18 anos pra cá, eu só fui descobrindo coisa nova, eu comecei a aprender outras técnicas de dança, eu que já vim dá dança afro, eu pratiquei dança afro 4 anos...depois eu quis me especializar, quis entender o que era, o por que que a aquela dança existia aqui no Brasil e descobri que ela deu origem a outras danças, ai foi onde a minha paixão pelo hip hop cresceu mais ainda, por que eu sei que tudo que vem do hip hop tem a influencia do afro e assim...uma coisa que me marcou bastante foi, com 20 anos, eu tinha apenas 20 anos, o pessoal me chamou pra ministrar uma aula na Corpo e Movimento em São Paulo que era o maior estúdio de dança na época...e o pessoal que frequentava lá era o pessoal da elite, Henrique Bianchini, Tati Sanches... e eu estava no meio deles e eu curti muito por que assim foi um pessoal que eu sempre me espelhei, sempre quis está ali perto ali, pra ver como que era, pra conhecer como pessoa e hoje eles me tratam assim...de uma forma igual, eles tem o mesmo respeito que eu tenho por eles, não que eles não tenham pelas outras pessoas também, mas assim é que é diferente, a gente conversa, eles conversam de dança comigo, eles me tratam de uma forma diferente. Com...com...com 22 anos eu fiz um estágio na Argentina, fui pra Buenos Aires na Dance White, e lá eu ministrei aulas por 1 mês, eu, André Pires, Picolé e quem mais que estava com a gente, Cleber de Paula...enfim, tinha muitos nomes, a gente ficou um mês lá e fui júri também do Festival Nacional de Dança da Argentina, eu, Picolé, Marcelo Cirino e Ray Santos, assim, foi experiência única, desse tempo pra cá eu sempre tive trabalho, sempre continuei dançando, praticando, estudando né claro e hoje com 26 anos eu só trabalho com isso ainda, eu só me dedico a minha dança e explorando outras coisas né, outras técnicas de dança pra...pra...pra? pra que, fugiu a palavra...pra especializar e pra adquirir mais técnica ainda, pra trazer coisas nova pra minha dança, acho que é isso. *(Como jurado...)* Não, minha primeira vez foi na...ah esqueci de citar Portugal,

desculpa, ah Portugal foi uma coisa meio loca, eu estava em São Joaquim da Barra, interior de São Paulo, mundinho pequeno...estava em São Joaquim da Barra, eu conheci um, um cara lá que queria levar um CD pro Silvio Santos e na época a gente estava participando do concurso de coreógrafos lá e eu estava participando disso então ele falo eu quero ir junto será que não tem como eu ir, eu falei pode ser claro por que não, eu te dou uma força sim, o cara foi comigo, ele entregou o CD na mão do Silvio, que era um DVD, contendo...é...clipes dele né, que ele era...ele foi...acho que ele foi pra Índia e trabalhou como apresentador lá, enfim e...eu fiz um favor pra ele sem esperar em troca, depois de um mês, ele me encontrou de novo, a gente estava no, metrô no Sapopemba, ele pego e falo cara eu tenho um trabalho pra você tal, falei pra mim? Que que é? ai ele me falo meu ó eu to indo pra Portugal, tem uma banda lá que eu to dirigindo, quero te levar pra lá pra ser coreógrafo, falei ah demoro vambora né, quando é? Falou sim ó vai ser o mais rápido possível, me passa o contato, eu passei esperando assim nada né meo...esse cara deve está me xavecando, deve está me zuando, depois de um mês ele me liga, ó é o seguinte, me passa todos seus dados por e-mail que eu vou te levar pra lá...não, ai eu falei está bom beleza, eu passo sim, passei tudo pra ele, dentro de uma semana ele me ligo, falando que eu tinha uma entrevista na receita federal que era pra eu ir lá retirar o visto, eu fui, ai que a ficha caiu mesmo, falei ó o cara está me levando de verdade...no dia 22 de setembro eu estava em Portugal, eu fiquei do dia 22 até o dia 2 de dezembro, coreografando uma banda que chama NZI, infelizmente ela não fez muito sucesso mas pra minha experiência foi única, o...o nome do agente era Salboner e lá tinha um outro que era o Nuno Carvalho, ele é agente da Beyonce, da Sabira...é cantores famosos lá...pop, rock...enfim, foi uma experiência única, eu conheci diferente...como jurado a primeira vez foi na Argentina, já tinha julgado outros festivais aqui no Brasil mas assim...o...pra mim o ponto inicial, de partida assim, foi na Argentina, quando eu julguei ao lado de outros nomes e foi, foi quando...depois de lá eu tive vários convites, pessoas me convidando pra ir pra muitos lugares...fui pra muitos lugares assim, eu conheci várias pessoas, pessoas que só me fez crescer, Otavio Nassur, foi um deles, ele me ajudou muito com a sua inteligência, com a forma dele colocar as palavras, ele me ensinou muito, muita coisa. *(Participação como júri mais de uma vez...)* Ah várias vezes, eu julguei 2 vezes consecutiva o Dança Ourinhos, julguei o Campinas Street Dance 2 vezes consecutivas também, fui...eu fui indicado pro Festival Dança Ribeirão como jurado mas eu ãi pude ir, eu tinha um compromisso no mesmo dia, já tinha agendado e...entre esses teve outros assim é que eu não me recordo é que eu já participei de muitos. Na verdade eu to muito descontente com a dança no Brasil sabe, antigamente o pessoal tinha amor a ela, eles faziam o pessoal por questão...é...assim... eles participavam de batalha por questão de honra,

ou ia pra festivais assim, com amor ao que fazia, hoje você não vê isso, o pessoal se preocupa muito com o prêmio em dinheiro que eles vão dar e...hoje é tudo igual aqui, ninguém procura uma identidade, ninguém procura coisas novas, ninguém procura inovação, é muito raro você achar um grupo é diferente, entendeu, aqui no Brasil, tem 3 marcas eu falo, que é Ritmos de Rua, Aníbal Dance e Heart Beat, que são marcas assim, o pessoal se espelha neles, é tipo a Nike, a Nike a Rebook, eles lançam e o pessoal copia, é assim, que eu vejo hoje e em batalhas, sabe eu acho que a dança aqui ainda tem muito o que evolui, o pessoal sempre...pra começar por musicas, eles não procuram ouvir outros tipos de musica sendo que a...o que fez a dança evolui foi a musica e, existem várias outras musicas hoje, vários outros gêneros entendeu, e eles sempre ficam bitolado no hip hop underground, isso atrapalha muito, eles não tem outra visão, eles não pensam em outros gêneros, outras coisas, entendeu. **[como posso ser jurado?]** É você tem que ter uma trajetória, você tem que entender daquilo que você vai está avaliando, não entender simplesmente da dança, não apenas saber dançar, você tem que conhecer a história daquilo, tem que, você tem que saber sobre os fundamentos, criadores, você tem que saber...o que a pessoa está tentando te passar ali no palco...se bem que essa coisa de dança em palco é coisa de brasileiro sabe, competição de hip hop em palco de teatro, isso é coisa do Brasil, La fora o que pega é só batalha, geralmente quando você vai pra um teatro é espetáculo ou é mostra, é isso...só aqui que tem essa competição de grupo, lá é show case, você assistiu o mundial é 2 minutos de coreografia é show case, ou 1min e 30, tem o América's Best Dance Crew, o pessoal dança 1min e 10, é um show case, por que 5minutos acaba ficando aquela coisa meio maçante você acaba repetindo o que você faz dentro de, daquele 1 minuto que você fez na primeira musica, na segunda você faz a mesma coisa e na terceira também...única coisa que muda é as musicas e os desenhos em palco, é isso.

3. Como ela surgiu? Tai, sabe existem relatos assim é...eu falei do afro, antigamente os negros faziam essas rodas né, é...era chamada de, é...rachê, cachê, candomblé e o pessoal, eles se expressavam nessas rodas, individualmente...individualmente e ...em duplas ou em grupos, foi ai que surgiu a ideia das batalhas, que ela chegou em Nova Iorque em 1990, 1990...só que não era batalha, o pessoal chamava de roda né, quando eles entravam na roda pra é...fazer o teu individual, eles dançavam de tudo, todas as danças, só que então, conforme a dança foi evoluindo, teve a regra, tem que ter a roda de break, a roda de popping, a roda de locking, a roda de house, a roda de hip hop...enfim, foi onde eles começaram a dividir, em 1999 teve a primeira batalha de hip hop só que como a dança não era tão evoluída no tal eles dançavam

em break beat não tinha ainda hip hop, em 2000, não, 2000 não perdão, isso não não, minto, 95, 95 já tinha o rap, que deu origem ao hip hop underground, que pra mim é a mesma coisa que são as letras são todas iguais, não muda muito, o que diversificou foi os DJs...em 95 já existia a rap music, certo, só que assim o hip hop underground vem antes disso, só que foi divulgado mais tarde, por que ele era, ele era construído por DJs, eles faziam remix com a rap music, colocavam batidas instrumentais por baixo que tinham um tom árabe, então foi aí que começou a surgir o hip hop underground, quando surgiu na mídia em 1998, o pessoal deu outro nome, deu o nome de 'bronk' beat aí o DJ Hearn falou que aquilo era hip hop underground foi em mídia e tudo mais, em 2000 só que foi reconhecido como hip hop underground mas já existia que teve grandes nomes.....enfim e com isso, ajudou ainda mais na dança hip hop por que o pessoal começou a distinguir a rap music e o hip hop, que foi aí que começou aquela onda no Brasil de hip hop underground tudo mais né, antigamente o pessoal só dançava musica comercial que o pessoal hoje dá nomes a cantores Nelly, Usher...que são artistas da mídia, mas na verdade não existe musica pra você se dançar hip hop, quando você vai numa balada toca qualquer musica lá e você está lá dançando...sacou.

4. Geralmente é 50 segundos o cara tem pra improvisar e ele tem que se virar na musica, tipo, assim o, depende, varia muito de cada jurado, tem jurado que gosta é...de o quanto que o cara é diferente, como ele se empolga, tem outros que gostam de técnica né, técnica quando eu digo é fundamentos, eles gostam de ver todos os fundamentos...tipo do, se for uma batalha de hip hop, você tem que fazer os fundamentos e criar em cima deles, você tem que variar, você faz um hap fit, que é o nome de um fundamento em cima dele você tem criar outro só que usando a mesma base mas de formas diferentes e assim e...as outras são a mesma coisa, tem jurado...tem...é igual...tipo o que eu falei aqui, jurados avaliam assim de várias formas, tem aquele mais técnico, tem aquele que gosta mais da...desenvoltura do cara na batalha enfim...é isso.

5. É o dançarino né...é o dançarino, olha, mas a música ajuda muito, quando a musica empolga o cara faz mil e umas coisas e assim, a plateia não manda muito...o júri não vai por isso, é o que o cara faz ali, ele vai entrar na roda, ele tem que entrar consciente, ele tem que passar, ele, ele, não pode estar tenso, ele tem que entrar calmo, ele tem que dançar...não pro jurado, ele tem que dançar pro adversário, ele tem que fazer ele se sentir intimidado é como se

fosse numa luta...você tem que intimidar ele mas com a sua dança pra que ele fique nervoso e entre não tão consciente como você, deu pra entende?

6. Ah, no Brasil é técnica...olha você assiste [ruídos] igual agora, teve um debate muito curioso nesse ano né por que o [ruídos] aquela dupla de gêmeos que ganhou esse ano, os caras, eles são muito diferente, as forma que ele se movimentam, as formas que eles dançam, tipo...é uma dança que é deles, eles tem aquela identidade sabe, aquilo parece que nasceu com eles, você não vê ninguém dançando que nem eles, agora aqui, é igual eu estava falando no começo, todo mundo dança igual a todo mundo o pessoal aqui é muito técnico, eles só dançam bases de hip hop sem criar nada em cima, sem ter uma diversificação, é a base nua e crua. Tocar no adversário, você nunca toca.

7. Você nunca pode ouvir uma música, sempre tem que ouvir várias, de preferência musicas que você não conhece e se deixar levar, praticar as suas técnicas né...em cima da, em cima dessas musicas, se possível você baixa um álbum diferente por dia pra sempre está treinando com músicas diferente.

8. Não, é tudo improvisado mas assim na programação você fala a técnica? De...eventos...aaaa sim...não é tudo previsto, tudo eles, eles tem que montar uma programação. Olha é muito normal, tipo assim eles montam assim, por grades, um versus um, você participa contra um versus um, se for aquele, tem um termo, sevent2smooth, é assim, fica um na ponta e faz uma fila, entendeu, esse um que está na ponta ele tem que vencer todos, vamos supor que tem 10, 9 disputa contra ele, então ele tem que ter um repertório muito bom, ele tem que ter uma didática enorme, por que ele tem que trabalhar com é...assim de várias formas seguidas por que a musica não para, é como se fosse uma balada, a musica toca o tempo todo e ele tem que diversifica, tem que dança contra os 9, se ele vence os 9, ele é o vencedor, se ele perde, ele vai até o final da fila, aquele que ganhou fica na ponta, **[a ordem da fila...?]** é feita por sorteio, é feita por sorteio, quando o pessoal monta a grade, eles fazem o sorteio, quando é dois versus dois é bem mais fácil mas assim é muito difícil você trabalhar em batalha em dois versus dois, o pessoal sempre trabalha um versus um ou três versus três que são números impares , pares é bem difícil.

9. Acho que não existe, acho assim, todo mundo pode batalhar, num existe um perfil, acho que é o perfil dele do dia a dia de como ele dança, do...do dançarino mesmo. É qualquer pessoa apta, geralmente eles fazem uma seleção antes de começar a batalha, meia hora antes eles começam a tocar musicas lá, fica o júri, o cara que está se propondo a batalha, ele entre na roda, faz o improviso dele e o jurado anota e depois eles fazem uma seleção com aqueles que tem a maior nota. Só por estilo, por gênero não, **[homem e mulher]** tanto faz, só se for específico.

10. Não, são festivais, assim não existe uma coordenação, no Brasil existe 3 festivais famosos, assim que, não 4 minto perdão, que tem esse tipo de batalha, que é o meething hip hop Valinhos, Indaiatuba, o internacional de hip hop que é em Curitiba e o encontro das ruas que é em Joinville, que é um encontro paralelo ao festival de dança de Joinville geralmente quem participa, eles postam no facebook, Orkut ou no site do festival você sempre encontra, mas as maiores informações rodam assim com o pessoal que participa mesmo, que eles divulgam bastante.

11. Considero uma arte...por que...eu não sei definir o esporte sabe mas a dança ela é ela...ela é uma coisa que você não se aprende você, você nasce com aquilo e tem pessoas que aprendem a gostar mas já sabe dançar, só falta descobrir aquilo, o esporte não, o esporte você tem que praticar ele, você não nasce sabendo que quer jogar bola, ou quer jogar vôlei, a dança é natural, você escuta a musica o seu corpo se movimenta, é uma coisa automática, mesmo quando você não sabe ou você pensa que não sabe, você ah não tenho nem noção, a musica toca, tem sempre aquela musica que te chama então, ali que você descobre, entendeu, eu falo que pra você se descobrir é indo em festas, nas festas que tocam as coisas legais, as coisas divertidas e lá que você se descobre, você se identifica com o tipo de dança que você quer aprender.

TALES

1. Eu tenho 22 anos, sou de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, é....então, sou de Ribeirão Preto interior, sou solteiro estado civil mas sou, to junto com a minha mulher um tempo já, é...pode falar quando eu comecei a dança tal? Meu nome é Thiago Antonio Alvez, meu nome...

2. É...tipo assim, a dança veio numa hora boa que eu não tinha muito lazer tipo...ai ela foi cada vez mais assim entrando na vida assim, conhecia, viajava por minha conta mesmo, conhecia várias pessoas em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás...tipo, se eu não tivesse dançando, eu nunca teria conhecido esses lugares assim tal, ai aconteceu agora né, uma eliminatória da, dum campeonato que tem muito importante lá na Holanda que se chama IBE, que é uma seleção de todos os Bboys melhores do mundo que participa lá...ai eu mais ele aqui a gente vai está no time da América Latina, que é uma batalha de continentes, continente versus continente, uma seleção de continente, a gente vai está junto com Chileno, Argentino, Venezuelano...e lá a gente vai representa o Brasil...nessa competição, ai a gente vai está indo em setembro já tudo pago, foi tipo uma conquista assim, de quase...é seis anos que eu danço já, nunca tinha acontecido isso comigo, e pra mim foi uma conquista grande, valeu a pena até hoje, o tanto que eu ralei pra vim, pra está aqui, por que a vida não é fácil aqui no Brasil tipo, a estrutura aqui pro Bboy ainda não é tão respeitada ainda como é lá na Coréia, na Holanda mesmo, nos Estados Unidos, lá na Coréia é um dançarino bboy é tratado como um jogador de futebol lá, tem uma mega estrutura, os cara faz comercial, é conhecido aonde passa, é celebridade lá os cara, mas aqui está começando, está começando reconhecimento, graças a vários bboys também que já saíram pra fora, que abriram as porta pra pra tatata está tendo acontecendo isso aqui e os organizadores também do evento que fazem as eliminatórias mete a cara pra fazer os evento e isso é muito legal por que abre as porta que nem abriu pra gente, fizeram a eliminatória lá, a gente foi, meteu a cara, conseguiu passar e a gente vai está lá agora em outubro. **[início da dança]** Ah eu comecei tipo...tinha um espaço lá dá...no NAPS né, que é CAPS hoje...tipo de drogado só que tipo eu nunca fui dessas coisa mas a gente ia lá por que os caras já tinham o espaço lá, ai eu fui lá pra conhecer, vi...olhei, comecei, de pouquinho em pouquinho, nem pegava muito firme, ai eu fui conhecendo a história, como é que começou o break, como que foi os fundamento, tipo é tudo um, tem tipo tudo uma história por trás, uma cultura, veio do gueto, foi criada pra não ter briga, a gente chama batalha por que em vez da gente briga na mão, no soco, outras coisas, a gente briga na dança, pra tirar as diferenças na dança e foi desse jeito ai, eu fui chegando chegando de repente já estava no meio já, fui devagarzinho assim, eu tenho uma crew, meu grupo né, chama Funk Fockers crew , já dois dos integrantes da nossa crew já foi lá pra suíça, conseguiu um bom lugar lá, só perdemos pros Estados Unidos mas foi bom a experiência lá. **[Jurado]** Já fui, fui jurado em várias batalhas lá na região né, nas cidadezinhas lá perto, Sertãozinho, Mococa, Barrinha...tudo esses lugar assim eu já, já fui ser jurado já. Num evento então, nunca fui mas vou ser por que [] em Mococa né ai e agora me convidaram hoje de novo pra ser jurado esse

ano novamente, eu fui ano passado e fui convidado esse ano de novo ai eu vou está indo. Ah...é tipo assim, você vai nos eventos, vai se destacando ai as pessoas vai te olhando ai eles... você cria um certo conceito ai as pessoas vai te chamar, que nem aquele ali tem conceito assim é bom a gente chama que atrai mais público e tal, ai a gente vai e acaba atraindo um poço mais de público pro evento também.

3. Ah...batalha...é tipo assim, o cara mostrou o que sabe e eu mostro o que eu sei, simples. Já participei ano passado [**batalha na vila**] a gente perdeu na semifinal, nosso grupo, foi muito massa, um dos evento melhor que eu já fui foi aqui e no que e ganhei lá, que eu e ele ganhou lá, a eliminatório, sendo que a gente está voltando né, por que quando é bom a gente volta.

4. É...agora não pode...antigamente tinha tipo, gesto obsceno, mais ai não é muito legal por que vem outras pessoas prestigia o evento que não conhece e agora já não pode ter gesto obsceno, não pode relar um no outro, não pode ter toque, não pode xingar, palavrões assim, só na dança mesmo que se resolve e...sobre questão de julgar, cada jurado tem um critério de julgar.

5. Fundamento, fundamento que é a dança primeiro lugar vem o top rock, foot work, que é a dança no alto, depois vem a dança no baixo que são passos com a mão no chão e tem os complementos que são os Power moves, os freezes, as coisas incrível que vocês vê fazendo, é os complementos da dança, mas também faz muita diferença esse complemento, que cada um faz de um jeito que impressiona diferente, entendeu, só que os fundamentos bem fundamental, e tem jurado que julga mais fundamento e tem jurado que julga mais movimento.

6. É um conjunto por que se você fez alguma coisa que a plateia inteira gostou, ela vibrar, ai o jurado vai por em consideração o que a plateia está sentindo por que se ele não leva em consideração, o pessoal não vai gostar também por que a voz do povo é a voz de Deus né se for vê. Ah...eu acho que tipo assim, humildade, tipo tem um gesto bonito que você

racha, parece que você vai brigar mas não é nada disso mas no final você vai, dá um abraço, cumprimenta o cara, tipo, fica ali, o que você fez no palco, seja na roda, fica na roda.

7. Treina tipo assim, eu treino três vezes por semana, só que quando assim é pra uma competição que você tem que se esforçar, aí a gente já dá mais uma esticada nos finais de semana, quando dá, por que todo bboy trabalha também né, aí as vezes impede né de estar indo nos eventos também, de treinar também, mas a gente se vira, todo bboy trabalha sabe que é difícil.

8. É...geralmente, tipo, jurado começa dando workshop tipo uma palestra falando como é que está o conceito, como está sendo no Brasil, como está sendo lá fora, tem uns jurados que são vindos que eles representam muito bem o Brasil também que é o Negoim que participou da BCOne que é um... Red Bull BCOne que é um campeonato super famoso no mundo e ele ganhou primeiro lugar ano passado, fez tipo, foi no programa da Ana Maria, mostrou o que ele fez, tipo assim, já abriu uma super porta também, é...aí é desse jeito, a gente vai indo, vai indo, vai indo e vai conquistando de pouquinho em pouquinho. Não, geralmente é tudo previsto, primeiro tem workshop, depois tem palestra, tem as batalhas, costuma ser primeiro das bgirls, depois individual e depois de grupo.

9. Tem vários estilos, tem cara que usa...parece punk, usa moicano, tem uns que parece mais já rapper, tem uns que já parece que nem dança mas, dança pra caramba, cada um tem um...o bom, da hora, do bboy, é isso aí tipo, cada um tem um estilo de se vestir, é uma identidade diferente que você vê também e tipo assim, tem gente que usa já um lençinho, um grupo já usa um estilo de roupa todo mundo igual ou um uniforme ou cada um usa tipo o mesmo cadarço, aí isso aí caracteriza, por que isso aí também vem da, vem da história, por que né, nas gangues de Nova Iorque quem usava lenço e esses cadarços assim era uma gangue, a outra gangue não podia usar esse cadarço assim, é tipo uma identidade, cada um tem...cada grupo, cada um, tem um estilo. É...tipo assim, é raro ter por que, tem moleque aí que eu vejo de sete oito anos que já dá pau em muito marmanjo de vinte trinta aí já que já está aí há muito tempo por que quando começa cedo, evolui muito rápido, mas geralmente tem sim pra iniciante é...pra tal idade, tal.

10. Tipo, a divulgação é mais pela internet mesmo, facebook, Orkut, MSN, aí você já tem, já tem tipo uma cadeia de rede já que tem vários bboys, se comunica com bboy de fora já, é tipo super fácil já hoje em dia, você é convidado pelo facebook, coloca lá pá sobre os eventos e a divulgação aí você fica sabendo mais pela internet mesmo assim...é então, mas geralmente quem fica sabendo mesmo assim é o pessoal que está no meio mesmo da cena assim que já conhece também, por que todo ano tem esse evento, todo ano tem...cada, tipo assim, tem uma série de eventos por ano, então já está, o pessoal já sabe que vai ter tal evento, tal data, entendeu.

11. Tipo assim, o bboy e o hip hop é uma forma de educação também né, por que você cria uma disciplina, você aprende a ter mais compreensão das coisas e é um esporte e uma dança ainda, pelo sentimento é a dança e o esporte é os movimentos que a gente faz que a gente tem que ter muito preparo por que senão não dá, tem que aprender a comer direito também, como um atleta, cuidar do corpo e tal, por que senão você não consegue ter um ritmo bom de treino, um ritmo bom de campeonato pra participar. **[batalha]** É um campeonato de dança primeiramente e depois é outros critérios que são julgados mas o bboy é dança, é um campeonato de dança.

HUGO

1. Então, meu nome é V, eu tenho 16 anos, moro na Zona Norte de São Paulo.

2. Na verdade eu comecei dança com seis anos de idade lá na zona leste, eu não morava na zona norte, morava na zona leste e foi meu irmão que começou me incentivar dançar ele, foi de um dia pro outro assim ele começou a fazer aula na escola dele e ele perguntou se quer começar aprender também e sem interesse nenhum, só queria por lazer mesmo assim aí eu aceitei e cada dia break parece ser uma febre na pessoa, a pessoa começa, parece um vício, cada dia que você treina, cada dia que você mostra a sua vontade você vai ficando com muita muita cada dia com mais vontade e isso eu eu trato pra mim assim como uma parte da minha vida o break já e eu treino muito, treino todo dia menos de segunda-feira, lá no centro cultural cachoeirinha e break pra mim já é tudo e to dançando até hoje e pretendo nunca parar. **[jurado]** Eu já fui jurado de vários campeonatos, em várias cidades e isso pra mim é uma honra por que, o break né, faz parte da minha vida e eu tenho muito orgulho disso.

3. Ah...eu defino assim, cada um tem seu estilo de dança, ninguém pode julgar ninguém, só na verdade os jurados, isso pra mim cada um ali na hora tem que fazer seu estilo de dança, tem uns que é power move, tem uns que é style, tem os tricks, tem os flecks e isso os jurados que vão decidir, por isso que na verdade existe o grupo, pra cada um fazer o seu papel, tipo assim, se tem uma, o grupo tem o style, tem o tricks, tem o Power, tem as vezes aquela pessoa que dança completo, que é completo e por isso que existe o grupo, se está tendo um campeonato de dança e entre o grupo e o outro um faz um Power move, ai tem que entra o Power move pra cobrir o movimento dele, por isso que existe na verdade o grupo, por que, se fosse só uma, tipo um movimento só, uma coisa ali, não teria motivo pra nada, por que...por isso que existe o grupo, entendeu. Não, são estilos, cada coisa é um estilo, Power move, Power move é mais os negócios de roda, essas coisas assim, de movimentos com as mãos, é tricks é mais travas, pulinhos, essas coisas assim, não se vocês já viram e style é top rock, footwork, como ele disse, é mais dança mesmo, mais movimentos com o corpo assim dançando. **[batalha na vila]** Já, já participei já, não foi ano passado, foi, se eu não me engano, foi ano retrasado que eu participei, ano passado não teve como eu comparecer e esse ano eu estarei participando de novo. Ah sempre esse evento foi muito legal né, foi o máximo, ele assim é, bastante divulgado, é...vem gente de todos os lugares e ele é um evento muito divulgado, ele é bastante grande assim né.

4. Ah, como ele disse, as regras é...você não tocar no seu adversário, antes na verdade né, poderia fazer gesto essas coisas mas agora está, a maioria dos campeonatos não está permitindo nem gesto, nem nada, é apenas você esperar o seu adversário terminar a entrada dele, você entra, faz a sua entrada, tentando cobrir a entrada dele e isso, só dançar mesmo. Ah isso depende dos campeonatos, tem campeonato que eles colocam derconflex, tem campeonato que é chão de madeira, mas o melhor pra um bboy é um chão liso apropriado pra dança mesmo né. Ah o objetivo é você é, cumprir com, é, você ser melhor que o seu adversário, você fazer o que ele faz e melhor, pra isso comover a plateia e o jurados, pra você conseguir levar esse campeonato até o final. **[premiação]** Ah cada campeonato é um jeito né, tem campeonato que é só troféu, tem campeonato que vale um dinheiro bom, tem campeonato que não vale nada, mas sempre é bom está participando de tudo né, pra você cada vez pega mais conhecimento, é...na verdade a pessoa tem que dança não pensando mais pelo dinheiro, por

essas coisas assim, a pessoa tem que dança por vontade mesmo de está ali e mostrando o que ela consegue e o que ela pode fazer e não só pelo dinheiro e por essas coisas assim.

5. Ah na verdade o jurado ele, ele quer ver tudo né, ele não quer ver você entrar e fazer só uma coisa ali, ele quer na verdade um bboy que sabe...é faça tudo, tenha um estilo próprio, que isso conta muito, ritmo da musica que também, é...eu acho que na verdade eu acho que é as duas coisas que conta mais, você ter um estilo próprio e ritmo da musica que é as coisas que conta mais num campeonato de dança por isso que você, não só basta você chegar, treinar, ir no campeonato e dançar, você tem que chegar e estudar as musicas de break pra quando você chega no campeonato pega bastante o ritmo da musica e o que os jurados contam isso bastante.

6. Ah, pra você conseguir vencer é isso que eu falei, você tem que saber fazer de tudo, tem que treina um pouco de tudo, um pouco de dança, um pouco de Power move, um pouco de tricks e chega lá e saber dividir passo a passo, por que se você chega num campeonato e você vai e faz um movimento e depois em outra hora você vai e faz ele de novo, isso já não vai contar mais, você não pode ficar repetindo entradas, sempre tem que ser bem diferenciado uma entrada da outra.

7. Ah o treino você...meu treino, eu treino muito assim, com o meu grupo né, o meu grupo é The King, não faz tanto tempo que eu comecei com esse grupo, eu era de outro grupo é...esse grupo meu começou em 2008 e eu treino de é...domingo a domingo, menos segunda-feira e...eu treino de tudo assim, não tem tipo especialidade pra campeonato e apresentações essa coisa, eu treino tudo...treino, meu treino é pesado, eu começo duas horas da tarde e termino nove e meia da noite meu treino.

8. É então, depende do campeonato, tem campeonato que as inscrições são antecipadas e tem campeonato que as inscrições são na hora, tem campeonato que precisa de paga, tem campeonato que não...é tudo bem variado os campeonatos é... e as batalhas são bem divididas entre bboys, bgirls e tudo assim.

9. Não...isso vai de cada bboy mesmo é...cada um...não não, é tudo...vai de cada bboy mesmo. **[batalha]** é...é dividido, tem de crew, tem de Power move, de style, tem de footwork, de tricks, é dividido em partes a partes.

10. Então, eu na verdade vejo pela internet como eu acho que todos bboys vê né, é facebook, Orkut, é divulgado nesses lugar assim, pra pegar bastante conhecimento dos campeonatos por que é o lugar que mais tem polêmica é a internet né, então você procura saber sempre dos campeonatos na internet. **[histórico]** É então, na verdade o break foi surgido no Bronx, isso é...com uma gangue de rua e como ele disse é...foi na verdade assim, ia ter uma briga entre gangues de ruas ai os cara tiveram essa ideia não, ao invés de brigar vamo resolver na dança né, ai eles decidiram resolver na dança e foi assim que o break começou e foi, começou se espalhar pelo mundo inteiro e hoje o break é uma febre no mundo inteiro. Eu estudei na internet, eu procuro saber bem sobre o break cada vez mais e sempre ando estudando bastante pra ser, eu pretendo que o break seja não só uma curtição pra mim mas como um emprego, um trabalho na minha vida, então eu procuro estudar cada vez mais sobre o break.

11. Ah na verdade o break antigamente não era, tinha muita diferença por que o povo, as pessoas só tratavam o break mesmo como dança, agora já tem, agora não tem mais essa, tem gente que fala que break é um esporte, tem gente que fala que é dança, não tem mais a especialidade certa, em cada pessoa pensa de um jeito, na minha opinião o break é um esporte, já é tratado como esporte no mundo inteiro. Ah eu...ai é uma mostra de dança né, na verdade o break é um esporte mas...em um sentido, quando você está ali dançando em um campeonato já é mais uma batalha, um campeonato de dança, mas para as pessoas assim que não conhece o break essas coisas, eu acho que é conhecido como o esporte.

[break no Brasil] Na verdade, no Brasil acho que ainda o break não, não esta tão conhecido, não tão polêmico igual nos outros países mas eu acho que ainda vai ter essa oportunidade no Brasil do break pra você viver com o break por que nos outros países da até pra você trabalhar com o break, viver sua vida com o break, acho que ainda no Brasil não tem essa oportunidade por que está muito pouco conhecido o break e nós temos que mostrar muito mais sobre o que o Brasil é capaz de fazer essa febre no break aqui.

ALINE

1. Meu nome é A. A. S., eu sou conhecida como bgirl Danda, sou de Cascavel, Paraná, é...minha data de nascimento é dia 5 do 3 de 92.

2. É...eu comecei tinha 14 anos e vi uns meninos, como lá nossa cidade é muito pequena, é...quatro amigos, começaram já, eles eram capoeiristas e daí eles viram uma fita, daí eles começaram a treinar então...só que era assim, achava que era só moinho, só Power move né e eles colocavam muito movimento de capoeira no meio, ninguém tinha muito conhecimento na minha cidade e eu vi aquilo numa festa, falei nossa que legal, aí um dos meninos pegaram e chegaram pra mim o Danda por que que você não, não vai fazer junto com nós, ah será que eu tenho jeito, aí eu fui, aí eu comecei me apaixonar cada vez mais, é...achei duas paixões no break, meu ex namorado agora e né e a minha dança e isso foi fazendo eu crescer, evolui e um dos melhores do mundo saiu da minha cidade, então ele é como um pai que sempre me ensinou muito né e eu comecei, eu quando tinha 14 anos, ainda aquilo lá era um hoby, era uma brincadeira pra mim, aí aos poucos que eu fui é...gostando da musica, eu não podia ficar sem treinar por que se eu ficasse sem treinar eu ia ficar louca assim aí eu vi que, que eu estava apaixonada já por aquilo que eu precisava, não precisa ser, eu não preciso está numa competição, como eu to aqui agora, na batalha na vila, é eu posso está dentro de casa com minhas amigas, é pra curtir por que eu gosto muito de dança, só que também o break ajudou a fazer várias amizades, tanto que no mundo todo né, vê a Ângela e a Lou e a gente, assim, é gostoso, a gente se encontra, vai pra outros lugares, a gente troca informação entendeu, e a gente encontra até outras mulheres fazendo o mesmo...tanto que mulher é um pouco mais difícil mas a gente encontra outras mulheres, pra mim, na minha cidade só sou eu né, então é interessante eu ver outras meninas dançarem também, me ajudarem né...e foi assim que eu comecei a dançar e to até hoje, agora faz 6 anos, tenho 19 anos, já faz um tempo que eu to aí na atividade e amo muito. **[jurada]** Ah, eu quando fui jurada, não foram muitos, tanto que eu sou nova na dança, então foi uma experiência nova, eles me deram assim mais uma oportunidade pra ir aprendendo né...e é exatamente isso, você está ali e você já conhecer as pessoas é ruim pra você julgar e eu não gosto muito de julgar a dança dos outros por que eu acho que cada um tem o seu estilo, eu acho que...se ele está dançando ali é...passando sentimento, igual a gente disse que aqui cada um tem o seu sentimento, o tímido vai dança

curtinho...eu não posso fazer um padrão e falar assim esse padrão né, igual a Lou falou, se gosta de alguma coisa e você vai fazer pelo seu gosto, você vai julgar pelo seu gosto né, mas...negócio de julgar é realmente muito difícil, eu prefiro dançar do que julgar.

3. É a batalha ela pra mim é...é mais assim mente e corpo né, psicológico tem que está bem, o corpo tem que está bem, é o treino, é tudo bem no treino tem já...por que a gente vive em constante treino, aonde a gente pára a gente dança, está com fone a gente a dança então é...o corpo tem algumas coisas que já está acostumado, pode ser que está tocando qualquer outro estilo de musica a gente está fazendo um top rock por que não tem mais outro ritmo dentro né, então é mais assim, acreditar também por que se você está com o psicológico e o corpo relaxado, se está bem, você já está automaticamente acreditando em você mesmo por que dá aquele friozinho na barriga por está aquelas pessoas te olhando, alguém que vai te julgar, os DJs que você não sabe a musica que vem, é gostoso saber disso assim, pra mim, é uma emoção você está em cima de um palco ou num tablado ou no chão, já fui em batalhas de vários estilos assim, de vários modos de decoração assim, interessante é...eu fico na expectativa de sempre que musica que vem, o que ele vai me fala e eu tenho aquele negócio assim, o jurado vai me apontar e tal ou não vai e tanto faz, vou perder ou vou ganhar, eu não ligo pra isso, o que eu quero é me divertir então eu vou, depois as pessoas vem e falam assim mas Amanda por que que você não...ah eu fiz o que eu estava sentindo na hora, não, mas por que que você não fez aquilo, mas a musica pediu aquilo pra mim então é automaticamente, eu não fico fazendo uma session numa batalha, vai no Freestyle, se eu olhei pra alguém e brinquei é por que eu sou assim, minha vida é assim, então a batalha pra mim é como se fosse uma diversão, a minha mente e o meu corpo tando bom eu vou me divertir, se eu não tiver eu vou ficar lá encolhidinha esperando, melhor nem batalha, pra mim é isso.

4. [julgamento da batalha] Ah depende, cada campeonato tem o seu, o julgamento geralmente é musicalidade, a técnica né, a criatividade, o seu próprio estilo, originalidade...É não pode encostar, não pode se bater né.

5. (6)Pra mim uma coisa importante é dançar, aí uma coisa importante no raxa é dançar, não pode faltar isso aí e de jeito nenhum é você fala que vai e não vai por que vai está todo

mundo esperando você, você fala ah eu vou, vo ta, vo cola, vo causa e não vai, pra mim não pode acontecer isso aí, que é importante.

6. (7)Então, o meu treino é...como, é que Cascavel é uma cidade pequena então e o meu grupo tem oito meninos né, tem os novinhos e uns que vivem viajando então quase é pouco tempo de treino né, três vezes por semana agora a gente tem pelo lugar, por que como lá ninguém conhece nada de hip hop então todo mundo fala assim iii esses vida loca, esses maloqueiros, não vo bota aí não né, não querem dar espaço pra gente, então a gente vai, as vezes a gente vai pra praça, aí a gente dá um treino lá, aí vai pra balada e pega só o começo né por que como a balada é sertaneja RISOS a gente pega o começo do house, que ele toca um house zuado lá que ele acha que é house e a gente sai fora sabe, esse é o treino que a gente pode ter então, treina treina, foca, eu não bebo e não fumo, então é uma coisa que é importante pro bboy e pra bgirl e assim, treino assim, quando a pessoa vem pra mim quando a gente tá treinando eu sempre, eu tenho muita vontade de pergunta pra todo mundo assim e aí, vamo me ajuda a fazer isso que eu não sei, que que você acha disso aqui, eu pergunto pra todo mundo, eu tenho muita vontade assim né, não é vontade que fala é, toda vez que eu to junto das pessoas que dançam e até daquelas que não dançam, que dançam outros estilos por que eu gosto dos outros estilos também, faço, se me botar eu vou fazer, tenho vontade de perguntar tudo, eu sou muito de sugar as pessoas sabe, vai e aí, o brinco, pode ser, o brinco desse jeito, posso por, entendeu, eu sou assim, o que você acha, tá achando da hora, é eu tenho sede de aprender tudo, tenho muita vontade, não sei se, algumas pessoas tiveram no começo e agora não tem mais, por que tanto ontem eu tava falando com o Neguin, Neguin qual a musica que você vai dar na sua aula, Neguin você vai passar ritmo, Neguin... perguntando toda hora, ele falo poxa Danda, calma meu, que ansiedade é essa, eu não tenho mais essa ansiedade, mas eu preciso saber, então eu to treinando assim se me deixa num espaço a toa, nem que eu, visualmente eu to treinando, eu fico imaginando, até as vezes, não sei se vocês já sonharam já treino, mas eu já sonhei sequência que depois eu fiz, eu sou assim, ah sonhei isso vou tentar, mesmo que eu não saiba a base, mas eu tento e é assim meu treino, não tenho um treino tão certo de atleta né, deveria, eu acho que é importante, sou capoeirista também agora a pouco tempo, que tá me ajudando muito, por que o treino de capoeira é mais rígido que o de break que é com um monte de [risada] né, agora com o mestre falando você faz isso, faz aquilo, é muito melhor, então to pegando mais resistência, to deixando de ser preguiçosa, to me tacando mesmo, perdendo o medo das coisas.

7. (8) Eu acho que é você aceitar teu objetivo, realmente você precisa ter objetivo por que se você tá ali com... tá ali vai, primeira batalha, tem mais, se for uma chave de dezesseis, tem mais quatro pra você ir, então, se você não tem objetivo você vai lá só por que você dançar, aparecer só em um racha entendeu, então é isso, eu acho que é objetivo, é aceitação e ranço, tem que ter vontade, tem que tá querendo aquilo, o que precisa pra batalha? Você precisa querer, se não quer, não tem por que mesmo, é isso.

8. (9) É, é quase tudo pela internet ou senão vem pro campeonato, pega informação...por que eu que sou de Cascavel, Paraná, não conheço ninguém do Paraná, conheço mais de São Paulo, tenho mais contato com o povo de São Paulo, as vezes nem sei o que tá acontecendo no Paraná e por causa de ah vem aqui, passa o MSN, vem aqui que tá tendo tal tal tal, ah não tem como ir eu mando um convite, já manda pra prefeitura e a gente faz um movimento entre nós assim, aqueles que estão no meio, que tá se comunicando, que tá interessado que tá ali e aí Lou vai ter [ruídos] das meninas aí, ah vai ter vem, entendeu.

9. (10)(11) É, pra mim também não é esporte, é arte e não pode ser confundido por que a raiz da dança não é esporte, não se relaciona a nenhum esporte, por mais que tenham as coisas difíceis, acrobacias... como circo, não é um esporte, então a gente tem muita coisa dele, ginástica, por mais que seja agora ginástica rítmica... artística seja um esporte mas eu não considero esporte, eu acho que é uma arte, a raiz tem que ser cultivada da dança e eu, até ruim fala mas alguns no meio do hip hop, não generalizando, mas eles tão fazendo comercial, querendo ganhar muito dinheiro em cima disso e antigamente era apenas um... igual a capoeira, era só pra se divertir, por que não tinha o que fazer, só pra se divertir, se aliviar, eu acho que a dança é isso, é uma arte, não é um esporte e sobre a batalha, uma mostra cultural. A questão de ganhar dinheiro com hip hop, eu acho que a gente pode ganhar, é o nosso trabalho, nosso estilo de vida, mas é que a gente não tá só pra ganhar dinheiro, a gente tá... achar um talento e criar outras pessoas por que igual ela falou, tem as pessoas treinadas e as pessoas com talento, tem o capoeirista e tem aqueles que praticam capoeira, é a mesma coisa no hip hop, tem aqueles que praticam, treinam, treinam e fica foda e aqueles que tem talento que é... você passa um negócio e já pego mas foda que você, então a gente além de passa aquilo que a gente sabe, a gente tá treinando alguns e achando outros talentos e ao mesmo tempo se beneficiando.

LUANE

1. É...meu nome é L. L. O., eu tenho 28 anos, eu nasci em 15 do 12 de 82.

2. Eu danço break a sete anos mas a minha história começou...com o hip hop, começou quando eu tinha 15 anos de idade, eu comecei a dançar num grupo de Freestyle, na realidade meu sonho sempre foi fazer acrobacia, pirueta, desde criança queria ter feito ginástica olímpica por que meu sonho era voar, mas como eu não tenho asa, então acrobacias serviria pra alguma coisa né...pra me dar essa sensação de...de liberdade, e ai minha mãe sempre teve muito medo por que eu sempre fui muito audaciosa e na realidade quando eu encontrei...que ela nunca me colocou nessas coisas, quando eu, eu comecei a dançar break, eu acabei me encontrando assim, eu dançava Freestyle e outros tipos de dança assim mas não me satisfazia tanto e eu sempre quis aprender break e nunca encontrei ninguém pra me ensinar até conhecer a líder do meu grupo que é a Fabiana, Fabigirl, e ela topou me ensinar e a gente começou uma relação de... amor [risos] no grupo assim, então eu devo muito a ela tudo que eu sei hoje em dia e aonde eu cheguei, eu cheguei por que ela conseguiu me orientar da maneira correta, hoje eu caminho com as minhas próprias pernas, eu tenho as minhas referências, as minhas coisas mas se não fosse ela no inicio, eu não seria o que eu sou hoje, eu não estaria aonde eu estou, eu amo dançar, é...minha segunda paixão, primeiro sou eu, depois vem a dança e eu acho que não sei, a dança é o meu espírito, se eu não danço eu não vivo, fico depressiva e o break expressa muita coisa da minha personalidade mesmo, não só o break, que hoje em dia eu tenho outras danças que eu me identifico também e que talvez na minha velhice é seja o mais é...mais presentes assim, por conta da dificuldade fisica que com o passar do tempo querendo ou não a gente vai acabar adquirindo, ninguém é jovem pra sempre, ninguém faz loucura né pra sempre, e o break tem essa dificuldade pela quantidade de movimentos de alto grau de dificuldade, é isso. **[jurada]** Pra mim, foi muito difícil, por que...é...você ta julgando na realidade a dança do outro e querendo ou não existe uma subjetividade, a gente tenta colocar uma regra mas, no fim das contas é o meu gosto que eu considero como prioridade ou não, certo ou não e...as vezes não agrada e na realidade, o que acontece é que...eu acho que em qualquer dança, você precisa ser egoísta, você precisa dança pra você primeiro e ai você vai conseguir brilhar pros outros, mas se você dança pros outros é complicado por que você vai viver se decepcionando e se ofendendo, por que nem todo mundo vai gosta da sua dança, nem

todo mundo vai...é...achar que é bom, nem todo mundo vai ter o mesmo perfil, compartilha do mesma opinião que a sua e isso é frustrante quando você busca isso é muito frustrante por que, as vezes no campeonato ai seu orgulho cresce, você começa a fala eu não perdi eu não perdi não sei o que e tal e é complicado, então na realidade, quando você é jurado, você se expõe muito, por que quem vai batalha é...primeiro tem que aceitar, ele não entende, tem que aceitar, que você é superior a ele, não só em conhecimento de dança mas na dança em si, ele quer ver, você tem que provar que você é melhor do que ele, entendeu, e segundo, você fica num mato sem cachorro assim, por que as vezes um amigo seu vai batalha e você sabe, por exemplo, eu sei o potencial o dela e se ela faz menos...você querendo ou não, você busca na sua memória, pó ela faz mais, por que ela não fez, e ao mesmo tempo fica a história da batalha, eu tenho que analisar o que aconteceu aqui na hora, mas é complicado por que você já conhece a pessoa então é muito difícil você ser jurado, as vezes é...é melhor você ta competindo assim, as pessoas vem te cobrar, as pessoas vão te xingar depois...enfim...eu...na realidade prefiro só dançar, nem a nem b, dinheiro é bom, a glória é maravilhoso mas...é um caminho assim...assim como trabalha em projetos sociais, você precisa ter um perfil, eu acho que pra você ser jurado e pra você ser competidor você também precisa ter um perfil, um estomago, uma cabeça assim legal por que nenhum dos dois lados é fácil.

3. Hoje em dia eu defino a batalha como...na realidade ganha quem acredita que vai vencer, se você não...se você entra numa batalha achando que perdeu, você já perdeu mesmo por que...seu movimento não vai fluir, o seu jeito de agir vai demonstrar que você ta com medo e...é muita energia, muito sensetivo, as pessoas ao seu redor sentem, é engraçado por que eu batalhei a...umas 3 semanas atrás e eu não me preparei pra batalha e eu falei que eu ia vencer, mas eu não acreditava que eu ia vencer mas mesmo assim eu...falei pra todo mundo que eu ia vencer e eu acabei convencendo todo mundo (RISADAS) por que eu venci e na realidade, olhando os vídeos depois, quer dizer eu to na boca de geral, ta todo mundo falando da minha dança, ta todo mundo esperando na realidade me ver pra dança ali mas vendo os vídeos eu e a minha parceira, ela danço muito mais do que eu sabe, tecnicamente...tudo, ela dançou muito mais do que, mas a minha postura, a minha energia no dia, dito a regra do jogo, tem até uma situação interessante que na...e nós não tínhamos muitos movimentos na realidade, tinha menina que tinha mortal, que tinha vários [] e giro de mão, moinho que entra na cabeça que faz e acontece, e a gente não tinha nada, a gente venceu no berro, ganhei, sai e o povo saiu (RISOS) e na final tem uma história engraçada por que era pra ser só três entradas

por bgirl e eu entrei quatro e ninguém me parou e eu ia entrar cinco e ninguém ia me parar, eu falei acabou, fui lá, abraçar as meninas e tal e aí o cara parou a música, mas ninguém percebeu, ninguém parou e eu podia até ter perdido por que não foi uma boa entrada a minha última entrada, entrei pra sacanear esperando que o cara que fosse para a música e quando eu vi ele não parou e tava todo mundo dança dança e eu não gente, acabou (RISOS) então, eu acho que hoje em dia é...batalha, você precisa de técnica, você precisa de conhecimento por que, querendo ou não, dança é estética, é a sua alma mas também é uma estética, se um bebê ele pode dançar break né e eu vou me emocionar pela emoção que ele tá passando mas eu vou achar bonito pela estética do que ele tá fazendo, nem sempre a emoção vai vencer no racha né então a gente precisa da técnica mas a gente precisa também acreditar que é possível, hoje em dia é muito, alias, hoje em dia não, sempre foi o princípio era originalidade, é você ser original, não importa o que você faça, não é o que você tem, é como você utiliza o que você tem, isso vai dizer se você é um bom bboy ou uma boa bgirl ou não, então assim, na realidade as pessoas que se destacam elas tem coisas incríveis mas não só as coisas incríveis que eles fazem que destacam eles, é a forma como eles colocam, por que é...beleza por beleza e coisas difíceis, você um bocado, a cada esquina tem um monte fazendo e as vezes você olha e fala assim cara por que você não estora, por que o que você tá fazendo todo mundo faz e não é o que você faz, apesar de ser muito difícil, não é o que você faz, é a maneira como você faz, é a maneira como você se impõe, se coloca e...a veracidade daquilo que você faz, por que se você não acredita no que você tá fazendo, você transpira falsidade na sua dança, eu consigo ver que não é você, não é verdadeiro, você não tá sentindo o que você tá fazendo, você tá fazendo pra arrancar um aplauso meu, pra arrancar um UAU sabe...e num...isso não emociona, isso não emociona ninguém...então as vezes é preferível pra mim você ficar no feijão com arroz, top rock, um footwork, um freeze sem muita coisa mas, vir de dentro mesmo, daquilo que você tá sentindo, do que você fazer mil giros aqui e coisa e tal e para, quem vai me aplaudir agora, eu acho que isso, hoje em dia tá fora de moda.(RISOS)

4. [julgamento da batalha] Geralmente todo mundo põe isso como regra mas a gente acaba vendo alguns perfis em cada campeonato, as vezes o campeonato impõe esse perfil e as vezes a característica de cada jurado também impõe um perfil pra aquele campeonato então é...por exemplo, existe um campeonato nos Estados Unidos, Out Break, e lá é uma, é o lugar onde você precisa ser um bboy “fodacion” você precisa mostrar fundamento mesmo, técnica de dança, top rock, footwork, freeze é...trabalhar bem os powers que você colocar na sua

dança por que eles priorizam isso, a dança, a BOTY, Better Of The Year, ou a Red Bull também, eles já priorizam o show, independente do jurado que esteja lá é...eles querem ver show, você precisa mostrar show, que são as coisas incríveis, eles pegam todas as, os pré requisitos que a gente já citou mas eles querem ver coisas incríveis assim e outros campeonatos ai vai do perfil de cada jurado, aqui mesmo eu tenho certeza que os jurados devem cobrar muita limpeza, precisão nos movimentos por que isso é uma característica de cada um deles, todos eles tem isso, eles são muito limpos, eles tem muito fundamento e é muita técnica assim, então provavelmente eles devem cobrar isso hoje, da gente, além das outras coisas isso deve ta em pauta, que é uma característica deles também. Por que a dança em si já é muito agressiva e...dependendo...e há pessoas mais agressivas ou não mas acredito que como todos que dançam break, eles são guerreiros de alguma forma, por que é uma dança muito difícil, é um perfil do estilo de dança, então se você toca, ultrapassa alguns limites assim, nem todo mundo tem cabeça, nem todo mundo vai esfriar e dependendo do seu histórico fora da dança, é...como dizem treta então...é importante mesmo assim, todo muito respeita e isso é muito legal dentro do break, você resolver suas diferenças sempre dançando.

5. Pra mim, o mais importante é eu consegui representar bem a minha crew por que eu não me importo das pessoas me julgarem, atualmente eu não me importo, eu sou bem egoísta com relação a isso, é minha dança e é a minha dança e a minha dança você não tem o direito de julga ou qualquer coisa assim então na realidade eu não me importo com campeonato, não me importo com uma classificação ou qualquer coisa assim, acho que a premiação todo mundo quer, é muito bom você ganhar, claro, mas assim eu não me importo, hoje em dia não mais, eu consegui abrir mão disso, só que sempre que eu vou batalhar, pelo fato de pertencer a uma crew, eu me importo com a imagem que eu vo ta passando da minha crew, por que eu acho que não é justo denegrir a imagem delas por minha causa, então apesar de, eu sou muito brincalhona, faço, falo muito besteira e coisa e tal mas eu procuro sempre dixa muito claro que isso sou eu, não me confunda com a minha crew, minha crew é uma coisa e eu sou outra, eu acho que seria muito injusto, então quando eu entro no raxa a minha prioridade é conseguir representar bem a minha crew, se eu faço alguma coisa que não é legal, eu saio muito mal da roda mas não é por mim é por saber que, que o pessoal vai ta falando da minha crew, assim pra mim isso é o mais importante....o que eu condeno, quando eu danço, que eu falo assim, você não pode, não podia ter feito é...dá um passo maior do que a perna, é arriscar além do meu limite, é eu querer crescer com uma coisa que eu não domino, que é sem propósito, é eu

querer fazer uma parada pra arranca coisa do resto, eu saio mal, saio mal da roda com isso, por que geralmente, dá errado, então e ai entra também na questão do grupo de novo...e ah calcinha também não pode aparecer de jeito nenhum, isso também me deixa péssima, peito, é...não é bonito, não é legal. É...uma coisa que assim, eu falei de uma coisa que eu acho inadmissível eu fazer, mas uma coisa que eu não admito na roda é o desrespeito pelo outro de uma maneira covarde isso me deixa...me transformo num bicho assim, então eu não tenho ingrisia com ninguém, eu não brigo com ninguém mas assim, eu não gosto quando desrespeitam o meu grupo dentro de uma roda, eu realmente... aaaii eu me torno uma bgirl, aaii você mexeu com a pessoa errada, eu não me importo se tiverem me sacaneando sabe, é como se fosse mãe com filho, você, se você ta sendo humilhado, não tem problema, mas se humilha o seu filho, é inadmissível, aí eu viro bicho, eu guardo, mesmo que por exemplo, como já aconteceu, é... não foi comigo, a gente tava numa batalha, agiram de uma maneira extremamente desrespeitosa com as meninas do meu grupo e eu fiquei louca do outro lado assim, eu guardei no coração e passou um ano até que eu pudesse ter a chance de batalha com uma das meninas que agiu dessa maneira com o meu grupo nossa, você tem algum problema com ela, eu falei não, não tenho problema nenhum com ela, mas eu não admito esse tipo de coisa e eu entrei tão loca no racha, tão loca e eu não ganhei mas eu comi ela com os olhos, sabe, foi muito, foi muito tenso, muito muito muito tenso por que é uma coisa que eu não admito e na realidade isso é uma coisa que eu e a Fabi a gente tem muito assim, é como se não sei, é tipo mãezona assim sabe, é inadmissível, em Brasília também já aconteceram várias situações assim, mexeram com a Kely uma vez, que é a menina do meu grupo, nossa, o grupo inteiro já colou na roda assim tipo, eu quero que você entra, entra por que eu quero te pegar e...o bom, é que a gente resolve na dança sabe, mas assim, desrespeito é inadmissível, enquanto você ta no raxa, que nem eu fiz, na ultima batalha eu fiz muito, sacaneei, brinquei, fiz ginástica olímpica, coisa e tal, assim, eu tenho muito respeito e na realidade, isso é uma inveja que eu tenho por que eu queria ter feito ginástica olímpica, eu queria poder dar mortal e fazer várias paradas que eu não tenho, então...quem não tem cão caça com gato, usa as armas que tem, agora você ficar xingando, você ficar vai errar vai errar, não sei o que não sei o que, ah você só tem isso, ah pera ai agora você vai quicar ah não sei o que sabe e você não tem repertório, pra ta, é...você não tem cacife, gabarito pra ta exigindo isso de mim, pra ta falando isso pra mim, ai eu não admito, acho que respeito acima de tudo, então...é uma coisa assim que não pode, não pode mesmo, por que é complicado, dá briga.

6. (7) Eu treinava...risos, eu tinha [ruído] atleta e eu fiz educação física então a gente treinava, eu treinava, eu não vou falar pelo meu grupo vou falar por mim, eu treinava como um atleta, eu comecei a regular meu sono, a dormir bem, a me alimentar bem e ter uma rotina de pratica, tudo que pudesse beneficiar minha dança eu fazia e eu costumava treinar, pelo menos, duas a três vezes por semana, então era duas a três vezes de break mas além do break eu, por exemplo, fazia capoeira, fazia circo que são coisas que complementava, complementam o break e tal, atualmente...eu não treino, é...eu vivo a dança, então é uma coisa que hoje em dia me domina na realidade, por que eu tenho duas hérnias, eu descobri que eu tenho duas hérnias de disco no final do ano passado e isso pra mim representou um divisor de águas, então, na minha cabeça agora, funciona como se eu fosse um paciente em estado terminal assim, eu quero viver a dança até o ultimo sopro e o ultimo suspiro, quero prolongar isso o máximo que eu puder na minha vida, é...como eu trabalhava com educação física e trabalhava com dança, eu acabei forçando demais o meu corpo e acabou surgindo essas hérnias então, hoje em dia eu não quero ter esse treino militar por que o meu objetivo hoje em dia não é mais ganhar campeonato, não é receber reconhecimento de ninguém nem nada, é simplesmente continuar dançando e por isso me tornei acho que tão egoísta atualmente com a minha dança e tal e viver a dança então eu acordo sentindo fome de dança, eu vou dormi sentindo fome de dança e eu não tenho uma regra do que treinar, eu treino aquilo que eu quero aprender, aquilo que me dá vontade, eu nem sempre to escutando break beat, eu gosto de ragga, eu gosto de house e...muitas vezes durante a semana eu treino mais ragga do que house, do que break...mas eu procuro viver a dança e por incrível que pareça, ta funcionando, funciona e tem funcionado muito mais do que antigamente assim, por que agora faz parte de mim, eu acho que eu consigo deixar a cabeça livre pra poder realmente dançar, é claro que de vez em quando a gente comete alguns excessos que nem esses últimos três dias que eu fiquei na vida RISOS, que eu sai, é...sai pra curti com meus amigos e dança e na realidade assim até de uma maneira meio imprudente e irresponsável por que eu sabia que eu ia vir pra cá e que eu ia competir e...mas na realidade eu não me importo, eu não me importei, então eu quis sair, eu quis dançar, eu quis ficar até de madrugada compartilhando com os meus amigos a felicidade de ta aqui no evento e eu queria muito ta aqui, queria muito ta curtindo com os meus amigos,é...na realidade eu to ansiosíssima pela festa de mais tarde, por que lá eu vou poder simplesmente dançar é, eu sou tímida, não parece mas eu sou, eu tenho muita vergonha de dançar em rodas por que parece que não sei, que eu to querendo me expor, que eu to querendo receber elogio e me deixa muito envergonhada assim, eu prefiro as vezes dançar no cantinho quando eu vejo que ta ficando muita gente ao meu redor eu saio, eu vou ali pro outro

canto, vou ali pro outro lado, se fosse só aqui, eu me sinto só irmãs vamos dançar e tal e é diferente assim, eu não treino, hoje em dia eu treino dançando.

7. (8) Existe. Pra mim, existe. Eu acho assim, break é uma dança que é muito agressiva é...e na realidade você precisa é...como eu já falei anteriormente, você precisa ter uma...boa personalidade assim, uma personalidade mais forte, nem todos tem na realidade mas...você precisa ter essa agressividade, esse objetivo, ela gosta de desafios, você tem que ser uma pessoa que goste de desafios, pelo menos, por que se não você vai batalhar e vai ser mais sofrimento do que prazer e todo mundo dança é...pelo mesmo motivo, é pra se divertir, é pra se completar por que, ali é a sua cara metade entendeu, é sua...é o que te completa mesmo, te realiza, então se você vai fazer alguma coisa e aquilo não te faz bem, qual o propósito de você ta fazendo né e...só que batalha é difícil por que vai ta todo mundo te olhando e vai todo mundo te julgar e você só tem aquela chance de mostrar toda sua sabe...agora ou nunca, é como se fosse isso, então se você não tem essa força de vontade dentro de você pra encarar isso é... você não, você nem entra, você não faz sabe, é muito difícil por que ninguém gosta de ser julgado e é uma exposição muito violenta nesse momento, nessa hora então se você não tem essa agressividade dentro de você ou então esse ser exibido né de gostar de se mostrar e querer e ter essa segurança, você não participa, e se você participa, geralmente você perde por que isso fica muito nítido assim, muito nítido sabe, é até maldade deixar você passar pelas outras fases assim, por que a gente, você vê a pessoa se martirizando mesmo e dá uma agonia, você não por favor, pára, vai pra casa, toma uma coca, bebe uma água, por que é inevitável ficar nervoso, todas ficamos e assim eu queria muito, é um sonho, poder chegar numa batalha e na hora de entra assim não tremer, não dá vontade de fazer xixi sabe, não dá uma tonteira, uma ziguizira...é uma vontade muito grande por que vai acontecer sabe assim, acontece sempre se você não ta preparado, é muito ruim, é muito ruim, assim, você ser forçado também a fazer uma coisa, é muito ruim...por que muitas vezes você faz parte de uma crew e você não batalha por que você quer, você batalha por que você tem que representar, você tem isso, é um...é um martírio muito grande, machuca muito assim, por que não é saudável, a pessoa sai chorando, sai se julgando, sai querendo parar de dançar, sai envergonhada e acho que esse não é o propósito da dança, o propósito da dança é você carregar isso pra sua vida, é o estilo de vida né e também nem oito nem oitenta assim... cada um tem o seu objetivo dentro da dança, mas nem oito nem oitenta, eu acho que cada um precisa ver... vi já vários bboys com um estilo de vida nem um pouco saudável, muito muito muito muito ruim e eu penso assim você

não vai durar muito tempo e tem outros também que tem uma coisa tão assim... que eu também falo, você não vai durar muito tempo por que você se cobra tanto, você se pressiona tanto que tem uma hora que você vai cansar disso e você vai começar a se perguntar qual o propósito, qual o propósito... e aí você vai perceber que não é amor pela dança e se você não tá nessa pelo amor pela dança... você não dura, você não fica, é isso, viajei.

8. (9)É...eu acho que existe um calendário internacional, um circuito internacional é... os grandes eventos eles nunca acontecem ao mesmo tempo, sempre em meses específicos e isso acontece durante o ano inteiro é...e existe os campeonatos internos, os nacionais que também seguem um calendário e não necessariamente esse calendário compartilha do calendário internacional, é... é difícil você ter informação de todos, na realidade é preciso você entrar no circuito, você começa a fazer contatos pra você ter noção da quantidade de campeonatos que tem e valores e o que beneficia, o que é melhor ou deixa de ser e tal, existem os mais famosos, esses a maioria sabe, é... pelo menos sabe que evento que é, as vezes você não sabe mês, não sabe aonde mas você sabe que existe aquele evento, mas na realidade você precisa entrar no meio, então é... o fato de estar aqui é uma forma de estar pegando contato pra outros eventos, pra outras batalhas, por que geralmente os promoters vão pros eventos também atrás de bons dançarinos, atrás de divulgação pro seu próprio evento, funciona mais ou menos dessa maneira, hoje em dia muita coisa acontece através do facebook, é... muita, muita, muita coisa acontece através mesmo do facebook e através dele de certa maneira você acaba expandindo pra outros sites de divulgação, então geralmente cada evento cria um site mas você tem acesso a esse site ou pelo Google né internet ou pelo sites de relacionamento, aqui no Brasil a gente usava muito o Orkut mas o facebook vai dominar o mundo e na realidade a informação por ele chega muito mais fácil, você acaba tendo contato, um contato mundial e que te beneficia por que acaba que você começa a ter noção do calendário internacional também sem necessariamente você precisar estar lá, estar no meio, é isso. É através dos movimentos locais né, é pela internet e os movimentos locais, em Brasília, acontece todo primeiro sábado do mês um encontro de break, de bboys e bgirls, e lá também é um ponto, um centro de informações, de troca de informação, do que tá acontecendo, do que deixa de acontecer, do que vai acontecer, o pessoal faz essa troca lá também.

9. (10)(11) Eu acho que quando surgiu, era só dança, só que é uma dança que exige muito do corpo mas não deixou de ser dança por conta disso, é... é uma atividade física, mas

eu não posso considerar como esporte ao mesmo tempo, exige algumas coisas que o esporte exige, mas isso também vai de perfil, por exemplo, ela tem essa rotina e eu já não tenho mais e a gente tá no mesmo meio e na mesma... no mesmo movimento, então é... e é complicado falar disso por que no início de tudo era uma dança, se as pessoas hoje em dia querem transformar num esporte é... já é uma deturpação do que veio e acho que assim como a capoeira, a capoeira é difícil, a capoeira é uma dança luta, uma arte luta e você não pode muda isso, você não pode, você pode fazer da capoeira só uma luta, se você quiser e você pode fazer da capoeira só uma dança, eu acredito que o break, o hip hop, o break na realidade né, não é nem o hip hop, o break, você pode fazer disso um esporte e ter uma vida de atleta, se você quiser, e você traçar o seu circuito, internacional e nacional e viver praquilo e tal e você pode também viver a vida da dança, daquilo ali, então eu acho que pode ser tudo, dependendo do é um esporte, não é, veio como dança, se você quer encarar como esporte, você encara, assim como sei lá, o xadrez, o xadrez você só meche o dedo aqui assim e tal e é considerado um esporte ou eu posso considerar como uma atividade intelectual...entendeu, eu acho que isso é muito relativo e vai da cabeça de cada um, particularmente eu considero com dança, como arte, é... mas que exige de mim, um esforço físico. [BATALHA] Como uma amostra de dança, definitivamente e... é isso, eu acho. Na realidade não é ruim querer ganhar dinheiro com isso, é ótimo, desde que você faz aquilo que você gosta é... eu acho errado você se aproveitar de um movimento e querer estereotipa e querer vender uma coisa que não é verdadeira, assim como a capoeira, você querer vender ela lá fora, só salto, como se todo mundo fosse um bando é saudável, por que existe toda uma cultura, toda uma filosofia por trás de todos esses movimentos e não é só isso, eu acho que o hip hop da mesma maneira, não só o break, o break representa as danças dentro do hip hop mas o hip hop no geral é um estilo de vida, você não pode querer é...e aí eu quero fazer parte do hip hop, não, eu sou o hip hop, eu carrego comigo, eu acordo, eu janto, e durmo, eu sou isso, entendeu, é um estilo de vida, você agrega, não tem... por mais que de repente por exemplo, seja uma advogada, trabalho toda linda, maravilhosa [troca de fita] O hip hop pra mim é isso, é um estilo de vida, você acordar aquilo e durmi aquilo, não preciso tá com boné pra ser hip hop, não preciso tá com tênis pra ser hip hop, ou uma blusa mais assim ou cuspi de ladinho por que... etendeu, eu não preciso, eu não preciso, não é isso que vai dizer se eu sou ou deixo de ser, mas é uma conduta na minha vida, eu fazer as coisas pra ser, por que também de deturpa muito, tem muita gente do rap, tem muita gente que vive da dança e do grafiti enfim que vive esse lado das drogas e muitas pessoas associam e você não precisa fazer e não precisa ser e na realidade tem muitos incríveis e que são mestres hoje em dia e que carregam a grande maioria e que compartilham

do outro lado, o lado saudável da dança, do lado que te, te retirou mesmo desse mundo, não foi minha realidade, não vim de uma comunidade pobre, eu não chupei pedra a vida inteira, não, eu vim da classe média, medial alta, eu sempre tive tudo, eu não aprendi a dança com bboy, eu não sofri preconceito por isso, eu aprendi a dança com uma bgirl e eu já cheguei chegando por que ela era muito cabulosa e todo mundo achava que eu era cabulosa também, só na cara, eu não dançava nada e... eu não vivi esse tipo de coisa, eu não precisei viver isso pra poder ta aqui e na realidade... me trouxe... uma vida mais saudável mas por conta das exigências que essa dança requer, que nem ela falou, eu jamais vou conseguir girar vinte vezes de mão, quica pra um lado e pro outro e tal se eu tiver uma vida extremamente desregrada, se eu conseguir, não vai durar muito, não vai durar muito assim, vai acabar fácil entendeu. Eu acho que como tudo na vida na realidade é... o dinheiro é importante hoje em dia pra nossa sobrevivência mas você não pode colocar esse dinheiro como objetivo, principalmente na arte se não tudo que você fizer vai ser um gesto morto, não vai causar emoção e a arte ela ta ela existe pra isso, pra causar, causar emoção, algum tipo de reação, boa ou ruim, pra te toca, te emocionar, e se você faz isso só pelo dinheiro, só pela fama... não tem objetivo, nem a estética fica bonita aos seus olhos, então é muito bom, olha realmente é fantástico, ganha dinheiro, viajar, foto e todas as experiências e oportunidades que a gente tem dentro da dança é maravilhoso mas assim... é muito difícil e é essencial não colocar isso como prioridade por que as pessoas elas começam a dançar muitas vezes por conta disso, pela fama, pelo status, por isso e por aquilo outro mas não são esses que chegam lá, quem chega lá chegou por alguma dança por que aí você pode treina o dia inteiro e você vai treinar por que você gosta do que você ta fazendo e não por que você tem que ser bom, acaba que se torna uma consequência, você fica bom por que você gosta de praticar aquilo e não por que você tem que fazer aquilo.

CAUÊ

1. C. E. F. S., 33 anos, Santos, Zona Noroeste (Santos), segundo grau completo, solteiro, é... comércio exterior, dança.
2. Certo... bem eu fui ver os primeiros dançarinos na década de 80 né que eu fui ver os caras dançando mesmo na rua lá perto de casa que foi os caras que me inspiraram né que era gangue de rua, um deles era o Criminal D, era uma família praticamente, Criminal D, o irmão

dele o Jorge que era LorDj, o Paulinho e outros né... Tijolo, tijolinho, que era... eles faziam apresentações em circo, rua e eu sempre tava acompanhando mais nunca... dei aquele primeiro passo pra começar a treinar né, começar pegar firme na dança, ai depois com o tempo comecei a ir pra bailinho de matinê, onde eu conheci um pessoal que já dançava também, outras... outros rapazes da minha idade que já dançavam e treinavam só que em outro bairro e eu não... assim na época já tava começando a trabalhar, estudar... isso ai foi em 92 mais ou menos e eu não tava podendo... não tinha tempo pra treinar, o treino do pessoal era a noite, e eu não tinha tempo pra, saia da escola tarde e trabalhava durante o dia né, fazia curso no final de semana e não tinha um tempo, ai por volta de 93, finalzinho de 93... 93, 94, eu comecei a ter tempo pra ir treinar com o pessoal, que eles pegaram e começaram a treinar final de semana, dai final de semana domingo eu tinha tempo, comecei a surgir os passos lá, que o pessoal da dynamics breakers que era o Raul, o Japones, o Laerte, o Bigu, pessoal que eu comecei a dar os primeiros passos, começaram a me ensinar as primeiras coisas né... comecei a engatinhar com eles, ai então depois né desse tempo, de 93 pra cá ai comecei a pegar mais forte é...treinando cada vez mais, melhorando mais, ai...começava... a gente adaptou uns horários de treino, que era depois da escola, e era meu, era muito forçado por que trabalhava, ia estudar, saia da escola a noite, 11 horas da noite e ia treinar, ai treinava até umas 2 horas da manhã, ai no outro dia acordava de novo, trabalho, escola, saia da escola treino, ai tipo, era puxado mas pra gente valia e pena por que a gente queria e aquela febre toda, aquela loucura, todo mundo dançando e a gente meu, vamo lá e meu, tamo até hoje e... de 2007 pra cá, 2006, 2007, comecei a fazer trabalho voluntário, escola da família, comecei a dar aula, por que antigamente era um grupo fechado e a gente era como uma família né, dynamic breakers não era qualquer um que entrava e a gente era bem restrito mesmo, até locais de treino era na casa de um de outro, na cadeia velha também, ai depois desse período, de 2006 pra cá, o grupo deu uma caída, muitos pararam, é... foram trabalhar, ai mudaram, cada um pego um caminho e ai fico praticamente eu mais dois três caras dançando, dai eu resolvi começar a dar essas aulas voluntárias, dai começou a surgir mais bboys, tipo, começou voltar ao nível né de, vários adeptos dançando, o pessoal curtindo a dança, por que antigamente a galera gostava mas não sabia onde tinha os bboys né, não tinha onde treina e como a gente era um grupo muito fechado, a gente também não abria espaço pra galera treinar, ai depois com essa conscientização de meu o bagulho não pode acabar, vamo te que... meu dexa os frutos ai pro futuro também, por que também a gente não vai dança a vida toda, ai abrimos as portas ai a gente começo... surgiram alguns grupos aqui né que é o BRStyle, o MHN, que é do mercado, tudo essas oficinas que a gente começou a fazer e graças a Deus

assim tipo dá até orgulho de ver a molecada dançar, por que tipo caralho a gente viu essa molecada começar e tal e a gente vê que a gente ta deixando tipo posso sei lá, parar tranquilo que a Baixada Santista ta sendo bem representada, com essa geração nova que ta aí que gosta da dança né tipo, a gente marca alguma coisa, a molecada vai, cai pa dentro, po ta disponível vambora, que nem essa hora que a gente ta fazendo no Gonzaga aqui a molecada, meu gosta... podia ta em casa, descansando, todo mundo trabalho, podia ta descansando, fazendo outra coisa, namorando e aí não, vamo lá dança, vamo tira onda, vamo curti e é isso aí, a gente ta na, to praticamente com 18 anos mais ou menos de break já envolvido nisso até o pescoço, não consigo parar, já tentei, já fui casado, durante seis anos, não conseguia até...eu acho que não deu certo por causa disso né da dança, muito viciado, muito psicopata, era em casa ouvindo som direto, acho que não tem mulher que aguenta isso né, por mais que ame (risos) é uma loucura e aí, é isso aí, vários campeonatos que eu já participei né desde 98, 98 eu ganhei meu primeiro troféu aqui na baixada santista né, individual que foi um campeonato feito por uma rádio, meu, nem lembro o nome da rádio mais, sei que eu tenho troféu lá ta todo quebrado lá em casa, esse troféu já tem mais de... 98 po uns 14 anos, 12 anos...aí de lá pra cá já vem vindo aí vários campeonatos, batalha final em São Paulo, é... 2005 eu ganhei o campeonato brasileiro individual também, 2006 eliminatória da BC One da Red Bull esse campeonato que tem mundial, rolo a primeira eliminatória do Brasil, onde foram selecionadas varias batalhas, em vários estados, Rio de Janeiro, é... no interior aí é Amapá, Mato Grosso, Brasília e de São Paulo eu consegui me classificar entre os oito e foram oito em cada estado aí teve uma eliminatória final em São Paulo que eu consegui chegar nas quartas de finais, fiquei em terceiro lugar, aí mais uma que eu passasse podia ter ganhado e participado da BC One né, na primeira que teve aqui no Brasil mas infelizmente não deu, foi uma peneira muito grande, muito cansativo também, muitos bboys, uma eliminatória pesada, dois dias e ainda que pelo menos consegui me destacar naquela época que tava treinando bastante né, me dedicando, hoje já não to tão assim né me dedicando tanto quanto me dedicava naquela época é... muita criatividade, força...hoje já to com uma idade mais né de tiozinho que já... mas to dentro tipo não é qualquer um que vai chegar e também tira uma onda, tamo aí ainda brincando bastante e pra mim acho que até quando eu puder assim ta dançando, até quando o corpo permitir né até quando tive dando eu vo ta dançando e não pretendo para tão cedo, e é aquilo, termina bboy, não da pra ir pro chão, vamo pro alto, começa treina no alto e vamo levando aí até os 80 anos quem sabe, mas é isso aí, tamo aí na correria.**(JURADO)** Bem é...ser jurado em batalha, assim, é...é difícil, por que a dança não tem como julgar, é uma arte e daí arte não tem como você julgar, a gente vai por critérios de cada um, é gostos né praticamente, o cara que gosta de

mais é... o cara que dança top rock, tem cara de gosta de footwork, tem cara que gosta de power move, tem cara que gosta de freezes, aí o cara que consegue emendar tudo isso, ele já pode se considerar um bboy completo e participa de campeonato e vai ter bom voto, o cara consegue ser completo, mas até então é...é difícil julgar, por que as vezes o cara tipo assim, ele é bom no tricks né que são aqueles freezes tudo e o outro cara é bom na musicalidade, top rock, footwork, mas não é tão, tão forte, no freeze, mas ele tá dançando né, tá sentindo a música e a gente tem... como já diz break dance né, é uma dança, a gente tem que julgar a dança, mas não desconsiderando também os outros caras que treinam também tricks, combo, power move, que também é uma coisa pesada, é difícil treinar isso e é gosto de cada um, cada um escolhe um caminho pra seguir, aí por isso que quando eu falo ah batalha de bboy, quem vai ser os jurados aí os caras pra poder participar tem que saber quem vai ser o jurado por que aí já sabe mais ou menos os gostos de cada jurado, por que os caras sabem que eu vou tá lá, bboy cachorrão vai tá jogando, ele vai julgar mais a dança, por que o que eu passo mais pra galera é a dança, o feeling, a descontração, a essência mesmo de tira uma onda na roda tipo não dança tão sério mas também se divertir, tipo, encher os olhos de quem tá assistindo e eu levo em consideração isso, o cara que consegue interpretar a música, dançando e também fazendo movimentos por que também só a dança não vale a pena o cara tem também que trabalhar o grau de dificuldade e eu gosto disso e é legal pra caramba e as vezes tu tá lá, tu julga cara e tu... só que você não pode demonstrar, você quer pular, você quer torcer, só que você tem que ficar sério e isso é complicado, você tá julgando aí o cara faz um negócio loco tu caraco e segura pra poder num grita e tal mais, por que fica meio antiético né os cara por não tá torcendo pra ele não, não, não tô torcendo, é emoção que vem quando você é bboy, você é um dançarino você vê uma coisa diferente, você quer né quer demonstrar isso, o sentimento aflora e é isso, sempre julga a dança e como eu falei é complicado, é difícil, não se julga a arte né, a gente vai por critérios.

3. Bem, a batalha é uma explosão de... vários sentimentos né, dependendo da música você... ou da entrada, depende de quem vai entrar, aí o cara sente a música, ham... e aflora várias coisas que você vai mostrar isso com o top rock né, o top rock é o cartão de visita do bboy, que é a dança em cima, aí o cara que consegue transmitir mais energia, mais é... vamos dizer, se inteirar mais na música, mostrar que conhece a música, cada batida, cada toquinho da caixa, consegue pegar, esse cara vai ser é... beneficiado mais, por isso que o bboy vive com fone de ouvido, ouvindo música o dia inteiro, pra saber, conhecer a música, pra na hora da

batalha interagir na musica, se integrar na musica e fazer uma fusão, bboy e som, ai vira uma coisa só, ai o cara que consegue fazer isso meu, tipo assim é... vai ser, ele ta chegando num nível já superior, tipo ele ta sendo um grande bboy de batalha né, ai batalha, vamo lá to fugindo um poquinho do assunto a definição de batalha é...batalha, quando a gente fala batalha tem que sair um vencedor e um perdedor e nem todo mundo que perde ele é pior do que o cara que ganhou, as vezes ele não ta no dia dele, as vezes tipo o cara não acorda bem, ta mal, dormiu mal e chega la na hora não consegue desenvolver, segurar seus movimentos, seu freeze, então a gente não define o... a batalha também, quem é melhor na batalha no dia, ou rola aquela coisa dos jurados também que eu falei né tipo tem, cada jurado vai julgar uma coisa, de repente o cara é bom numa coisa mas não é bom em outra e acaba perdendo e batalha na, pra finalizar, batalha na real é essa coisa, essa roda de rua né que a gente chama de Cyphers, que é meu... a galera, o publico que vai decidir, que aplaudi, que grita, que torce e o bboy que consegue ser o melhor das rodas sem jurados, ai esse é o melhor bboy de batalha que tem, e batalha é isso, batalha é nas ruas e sem jurados, tipo o cara perde hoje mas treina e amanhã volta melhor ainda e tipo um dia após o outro né e não tem aquela de ah é o melhor do bboy, não vai do dia e vai da Cyphers também, da energia que ele ta tendo na roda também.

4. Bem, as regras é... é simples né, muito simples, é musicalidade, ritmo, criatividade, o cara tem que ter power move, tem que ter freeze, se pular também vale saltos mortais, vale tudo, mas os pontos maiores da batalha é a musicalidade e o feeling que ele tem de conseguir entrar na musica né, esse é o ponto alto do bboy de batalha.

5. Bem, as batalhas ele tem que ter o respeito né, o respeito é essencial na hora da batalha, independente de na hora ta, que começa, que piso o pé na arena, na roda de batalha, tem que ter o respeito antes, tem que ter o cumprimento, o aperto de mão, é... não pode ter toques né tipo agressivo, toca o oponente né, sempre...toda batalha a gente sempre dita as regras, pode fazer o que for, gesto que for, agora só não pode tocar, dar um toque no cara, seja um toque leve, isso é proibido, por que pode ser interpretado de várias formas e o cara pode ser desclassificado.

6. É treino de batalha tem que ser um treino concentrado né, por que as vezes a gente vai treina e não é... fica muita festinha né, fica muita conversa, muita brincadeira e quando a gente vai participa de uma batalha, tem que focar, pega e centraliza, treina suas sessions, uma por uma, sempre ta bem lembrada, deixa tudo limpinho sua sequencia, pra poder chegar lá e não dar branco na hora, não erra, não consegui fazer, ai tem que ter aquele treino de um mês, é focado todos os dias, pra poder fazer um... mostrar um bom trabalho, independente se você vai ganhar ou não, você tem que chegar la e mostrar um bom trabalho, fazer uma boa batalha né que pra todo mundo bater palma nas suas entradas pra ficar bonito.

7. A programação é, pelo que eu vejo, pelos campeonatos que eu organizo também é...bem, começa...não tem horário pra começa, normalmente começa 11 horas e termina as 7, 8 da noite, ai 11 horas começa as rodas livres, aquecimentos, você vai, você fica... se concentra, dança um pouco, pra não cansa muito por que sabe que assim, dependendo do campeonato vai ser pedreira, você não pode, tem que ta preparado, ai por volta das 11 até meio dia, você da uma aquecida, ai almoça, come, ai volta, normalmente as batalhas começam 2, 3 horas, ai você tem que se preparar pra isso, alonga e fica esperando, quando começa a batalha, passou a primeira fase, não cai nas rodas, se guarda mais pra próxima batalha e sempre assim, pensando na próxima batalha, se você perde, ai você pode ficar a vontade, po vamo lá, agora eu vo enche a barriga, vamo comer, vamo fica em todas as rodas, aproveita bastante assim a vibe que tem da batalha também, agora se você ta concentrado e quer ganhar o campeonato, você tem que ta concentrado a cada batalha que você ta passando, passou a primeira etapa, beleza concentra, segunda etapa beleza, dança um poquinho pra não ficar parado, pra relembrar algum movimento né, até a final, se perder, beleza, vamo pega na roda, vamo dança bastante, em todas as rodas, aproveita as musicas, os Djs que tão tocando e curti a vibe, torcer para os nossos amigos e tal, é mais ou menos por ai.

8. O perfil, bem, ele, a gente fala que bboy tem uma rança né, tipo...a rança do bboy é o cara meio marrento e normalmente esse cara que é mais marrento ele sempre se destaca mais né por que ele tem um flow melhor, um flavor, ele tem uma energia que ao mesmo tempo que ele ta sendo meio marrento, ele acaba cativando né o publico e esse eu acho que é o perfil do bboy de batalha né, tem o Neguim ai, uns caras que já tão se destacando, os brasileiros la fora né, tão dançando bem pra caramba, ele tem esse... esse negócio né, ser, ele é meio marrento, mesmo tando com... batalhando com um cara bom, ele não vai ficar abaixo do cara, ele vai

fica, olha no olho e vai né...ele tem a rança do bboy, ele vai saber se comportar na batalha e esse é o melhor perfil do bboy.

9. Bem, as batalhas é...são praticamente quinzenais, quinzenais, não passa de um mês, assim o intervalo de uma batalha pra outra e meu é Orkut, facebook é...roda nas redes sociais todas, galera divulga geral, passa um pra outro e vai assim, vai espalhando e a galera vai sabendo das batalhas, as datas e se programando né, fazendo seu calendário de batalhas, pelo... pelas redes sociais né, que é o mais fácil hoje em dia de você até ta divulgando a sua batalha pra a galera ta se programando pra poder ir participar das batalhas...Isso, mais o pessoal que participa né que tipo é...o pessoal que, é bboy pra bboy né, tipo acaba não atingindo outro público por que a maioria, vamos dizer que é mais é restrito né, só os bboys mesmo e quem gosta né, é difícil também o cara perder o domingo inteiro pra ficar assistindo campeonato de bboy, o cara que não dança né, ele vai uma vez ou outra, agora ele não vai em todos, acompanhar, pô todas as batalhas pra perder o domingo dele lá, mais é quem gosta, quem dança, quem pra participar, quem vai pra curtir um som, quem vai pra dança um poquinho, é isso aí.

10. Ah que, fica...tem, tem diferenças, assim é... quando a gente fala vai dança, aí depende da dança né tipo, dança clássica, dança contemporânea... e o hip hop assim é, é um título mas, o hip hop é um título onde engloba tudo que é o bboy, que é o break, o DJ, o MC, o grafiteiro, certo, aí no meio do hip hop tem o bboy, hoje em dia agregaram mais estilos de dança diferente que é o house, o freestyle dance, é... o wacking, locking, popping, já acompanho bboy a muitos anos, mas hoje em dia adicionaram né tipo, o cara ta fazendo qualquer coisa e fala que é hip hop né e tem uma diferença né, bboy original, bboy que é onde surgiu a essência do hip hop foi com o bboy, aí nisso veio o popping, veio o locking, aí hoje em dia o pessoal classifica qualquer tipo de dança como hip hop né e não é bem assim né o cara dança e... aquele negócio, cada macaco no seu galho, né tipo eu sou, eu gosto de defender essa parte da dança, do original bboy e esportes é... hoje em dia no Brasil ele tem, a diferença que eu acho é o que, que o esporte ele tem o patrocínio, então ele tem todo um, uma base pro cara poder treinar, poder praticar o esporte, ser um bom esportista, hoje na dança não tem isso né, não tem muito apoio, a cultura aqui não tem forças pra poder é... caminhar com as próprias pernas né, o cara tem que trabalha, aí ele perde tempo trabalhando, onde ele podia ta treinando e evoluindo mais a sua dança, melhorando mais, aí é desperdício de muitos talentos que a

gente tem ai de cara que tem que parar de dança pra poder trabalha, ai tem essa diferença toda ai, de... entre o dançarino e o esportista né tipo...o esportista ele tem condições aqui no Brasil, poucas também, não são muitas e o dançarino nenhuma, é tipo, 3, 4% que conseguem viver da dança. Bem hoje em dia ele ta sendo um campeonato esportivo né por que é...perdeu aquela coisa de dançar é...por amor né, o cara hoje ele treina pensando em participa dos campeonatos, dos melhores campeonatos que tem por ai é...da Red Bull, Freestyle Session, o cara pensa e treina com o intuito de campeonato, de ganha campeonato, não tem mais aquela coisa de pô, vo treina por que eu vo dança na roda ali e vo tipo curti, quero dança na balada, quero dança na rua, é ta perdendo isso né, muitos bboys tão treinando hoje em dia com o intuito de ganha alguma coisa, um campeonato, alguma coisa, não tem mais aquele amor, aquela paixão que tinha antigamente de onde não tinha nem campeonato, era só dançar por dançar mesmo né e por amor né.

DIEGO

1. D. L. A., 22 anos, é... Santos, São Vicente, aaata é... segundo ano, solteiro, arte educador, dança.

2. É...eu comecei, eu sempre joguei capoeira, desde pequeno, ai a gente sempre treinava mortal na grama né e ai a gente tinha uma colega nossa que uma vez chamo a gente pra entra num grupo de dança, só que não era de break era um grupo de freestyle ai a gente começo a participa com ela ai e depois de um tempo o professor Cachorrão, Bboy Cachorrão né, apelido dele, do Cristiano, ele começo dar aula voluntaria na escola e foi ai que a gente começou a fazer com ele e ai como a nova geração que vai aparecendo né tem mais facilidade de ta aprendendo as coisas pelo, pela informação que tem o pessoal da antiga que vem e ensina, tem uma técnica diferente toda de passa, a gente acaba adquirindo melhor essa informação e acaba aprendendo um poco mais rápido né, então tenho poco tempo de dança, tenho só 5 anos, a gente começou em 2006 e quando a gente começou assim foi uma febre também, foi uma coisa bem legal por que entrou de vez no nosso coração ai e até hoje tenho certeza que vai ficar, nosso primeiro campeonato que a gente participou, foi de dupla em 2007, a gente não tinha nem um ano ainda de treino e a gente ficou em segundo lugar lá em Itanhaem no campeonato que teve, eu e meu parceiro Jadiel e isso foi legal né, nosso primeiro campeonato a gente já representando alguma coisa ai, é...ai já viu o nosso nome, já viu que a gente tinha

jeito pro negócio e ai começamo a investi nisso, começamo a treina, ai até hoje tamo dançando ai já, vai pra 5 anos de treino e é bem legal e graças ai também a dança, ao professor ai que ensinou a gente, o Cachorrão, eu adquiri uma coisa muito legal que foi ser professor também de dança né, trabalha dentro da fundação CASA, dentro de um projeto CEDAP que fica localizado la em Campinas, mas tem esse projeto ai dentro do CEDAP que é o Arteiros e ai eu trabalho com isso, tento ensina um pouco de... da dança, um pouco da informação né, do que é, da cultura, de onde vem, o por que que surgiu e ai eu passo, a gente tem um grupo lá dentro, penso ai em expandi aqui pra fora o grupo, pra da continuidade, pra tirar os meninos de lá pra uma vida melhor, pra alguma coisa melhor ai e acho que é como o Cristiano disse, a gente pretende dança ainda muito tempo então é isso acho que até os 80 anos ai a gente vai ta dançando ai também, pouca história, a gente não conhece muita coisa mas o que a gente conhece do passado é super legal assim, é super benéfico né pra gente, então é isso.

3. É, da visão de participante, uma batalha é definida as vezes como um pouco de sorte de também mas acho que habilidade conta muito mas depende da musica que a gente pega, a execução do movimento, se a gente ta bem de corpo, se a gente treino praquilo, é define bastante né isso e se for ver na visão de jurado, participei, fui jurado uma vez num campeonato só que teve é, bom eu acho que eu julguei certinho, ninguém reclamou nada depois por que o que eu conto acho que é a essência da dança né é o que surge, é a movimentação, é top rock, droping, footwork, freeze, é o complemento todo do bboy e não só por que aquele cara já foi pra um tricks direto, já fez alguma coisa direto, ele vai ganha por que foi impressionante, acho que tem que ter energia, tem que sentir a vibe da musica, é uma batalha acho que é definida assim, ao meu ver acho que é isso.

4. É... bom, cada bboy acho que tem um estilo, tem uma coisa que goste ou que não goste, ao meu ver, é uma dança que foi criada entre gangues né, quando uma gangue se encontrava com a outra no Brooklin eles batalhavam por aquele território e ai deixava os grafiti dele, então não é uma coisa que não tenha muita regra mas como hoje a gente vê pela paz né é a única que eu não gosto é de simular muita arma apensar de já existiram danças simulando isso que é o brooklin rock, o up rock, que simula batalhas de arma, de escudo, mas tudo na paz, então é uma coisa que não tem muita definição assim pra regras né, é acho que não encostar no oponente é importante, não atrapalha o oponente quando ele tive dentro da

roda, por que isso pode atrapalha muito né, o cara ta entrando, que nem já aconteceu muitas vezes, a gente ta dançando e ai você manda um mortal na sua entrada, só por que o cara faz o mortal também ele já entra chutando, já entra fazendo em cima do que você ta fazendo né, acho que essa é uma regra muito importante que não pode, é respeitar o oponente e uma outra coisa assim que as vezes o pessoal acha que é desumildade mas não, quando toca a musica, você ta contra o seu oponente ali, ta um de frente pro outro, quando toca a musica, o cara vem tocar na sua mão tudo, não, a partir do momento que começou a musica os dois são oponentes, são rivais um do outro e ta ali e depois que acabou sim, toca na mão, abraça, da boa sorte, é isso, ai sim, depois tem humildade mas no momento ali é isso mesmo, é encarar mesmo, é fechar a cara, dança com alegria, independente do estilo de cada um ai, mas é batalha.

5. É... bom, o que a gente tem que fazer na batalha, o principal é respeitar o oponente né, é e fazer o seu melhor, dar o seu melhor ali, a sua energia, na batalha acho que o interessado em ganhar, o cara que ta ali de coração mesmo, acho que o importante é isso e o não fazer na batalha é desrespeitar, é o contrário, é encostar no cara, é... as vezes xinga, fala né, gestos eu acho que vale a pena, por que tira um pouco a concentração mas jamais entra no meio da roda, é... encostar no cara, atrapalha, tenta machucar, eu acho que isso é o mais proibido dai de ta se fazendo por que acima de tudo é o respeito né que eu acho que a dança conta ai.

6. Treina pra uma batalha...é, é focar né, naquilo que você quer fazer, boa alimentação, exercício diário, aquecimento, alongamento por que isso é muito importante pra não dar nenhuma distensão, pra não se machuca e ai machucado pra batalha acho que não vai adiantar nada e é, treinar, eu acho importante treinar bastante num certo período, quando tiver chegando uma semana antes da batalha você da uma descansada no corpo pra da tempo de volta a energia, da tempo de volta a força ai e ta tranquilo, lembra de todas as sessions que você montou, tenta não repeti movimento, treina pra session é isso, você aprende um movimento, você aprende um flair e aprende um moinho, depois você aprende a emendar os dois e freeza no final ai você montou uma session, na segunda entrada você não pode entrar e fazer a mesma coisa que você vai ta repetindo, então treina pra uma batalha é treina originalidade, treina movimentação, treina bastante exercício também, flexão, abdominal, pra ta preparado, ta o corpo bem, pra aguenta né a pressão, por que meche muito com o psicológico também numa batalha, você fica nervoso, a adrenalina sobe então não é a mesma

coisa você treina e dança, você treina, as vezes você cansa menos, fazendo alguma movimentação, mas quando você tá dançando, você cansa o dobro, pela... pelo psicológico né que tá ali, pela energia que você tá botando a mais ali.

7. A organização de uma batalha deve ser bem difícil pra quem tá montando a estrutura né, deve começar bem cedo e pros bboys quando eles chegam que já veem tudo aquilo montado, acha que é mais fácil, ou até... ou até acha que foi fácil monta aquilo mas não né, ao contrário, deve ter sido muito difícil, aí a gente chega e tem que tá bem organizado o negócio, horário que vai começar é, as batalhas tem que ser um pouco mais rápidas, por que, se por exemplo, a gente batalhou uma vez e aí demora muito pra gente batalha a segunda, o corpo vai esfriando e aí quando você for batalha a segunda já tá com o corpo frio e aí fica mais difícil de acertar a movimentação, você fazer os seus movimentos certos, com toda a energia, com toda a vibe, então uma organização numa batalha acho que tem que ser feita de modo rápido, bem organizado com as estruturas de chão pra não escorregar, por que atrapalha muito quando o chão escorrega que o bboy tá dançando e ele não tem firmeza quando vai pisa no chão nem nada, também não pode tá travando muito né, tem que ser aquele chão liso, mas que não escorregue o tênis, é... som, som é muito importante por que as músicas né, quando toca que o bboy sente a energia, sente aquela... a música, ele acaba dançando melhor, do que se soltasse uma música que não tivesse nada a ver com aquilo, então o cara tem que saber escolher muito bem as músicas, o Dj que vai toca o som, se vai deixar rolando aí num mp3, num CD, é muito importante a decisão de uma boa música.

8. É...perfil, bom, bboy, acho que existe vários jeitos né, várias formas de se vestir tanto que em cada região, quando surgiu aí o hip hop, cada um se vestia de um jeito, as vezes ele deixa uma perna da calça esticada e a outra perna dobrada, é tem bboy que prefere usar bermuda, tem bboy que prefere camiseta regata, ou aquele que dança de casaco, boné, bandana, acho que existem vários jeitos então, um perfil pra um bboy assim, se for estilo visual, de roupa, acho que não tem, é bem difícil você classificar um bboy pelo perfil visual, agora... tem vários bboys aí que tem o mesmo perfil né, o mesmo jeito, o mesmo feeling aí de tá dançando, de tá praticando e é aquele feeling da postura do bboy, quando ele já pisa no palco você já vê que ele tem uma postura realmente de dança e que ele não é aquele cara que tá com medo, não, ele vai pra cima, ele encara mesmo é... o perfil de um bboy, eu acho que é esse.

9. É, circula as informações, acho que o circular delas... então, as batalhas hoje, elas circulam mais pra quem é do mundo da dança, não só os bboys mas as vezes o pessoal que dança um krump, que dança um popping, que dança um locking, é muito fácil a gente se conhecer, por que existem vários meios de ta ai um conversando com o outro, as vezes eu conheço um amigo em comum de um outro cara que dança, as vezes a gente ta num baile e ai toca uma musica legal, a gente acaba abrindo uma roda ali e dançando e do nada surge um cara ali que dança mas que você não conhecia, você acaba fazendo amizade com ele ai e ai pega contato, facebbok, msn, Orkut, acaba divulgando as batalhas que tem em outra região por que ele é de outro lugar, ele divulga uma batalha que vai ter aqui e ai você acaba sabendo dessa batalha, divulgando pro seus amigos e só quem gosta mesmo, só quem conhece, quem entende um pouco ai que, que vai ta dentro, que vai ta participando dos campeonatos, ou vai ta indo assisti também né por que pra quem é fora do mundo do hip hop é difícil chegar as informações.

10. Bom é, o esporte...e o hip hop é a cultura né, o hip hop é dividido ai nos quatro elementos da cultura hip hop que é o DJ, o grafite, o break, que é a parte do bboy e o MC, cada um na sua importância ai dentro da cultura e ai nessa diferença entre o esporte, apesar de ter alguns movimentos que a gente usa no break e também são de ginastica olímpica né que é vista como esporte também, é tem bastante diferença, a gente não usa... existe a técnica, o jeito de se passar mas as vezes um bboy ele acaba aprendendo na raça né, pela estrutura que falta pra gente ai, então a gente acaba treinando no chão, muitas vezes a gente não encontra lugar certo pra ta dançando e eles mostram isso em vários filmes que mistura ballet com hip hop, tentando mistura tipo um lado e o outro, o lado dos burgueses e o lado da rua né, eles tentam misturar aquilo que é técnica, tudo bonitinho e a rua não né, a rua é...é a dança mesmo, é senti a musica, é a vibe, é a pegada, então é eu acho que tem bastante diferença entre o esporte e entre o hip hop e a cultura hip hop no geral ai né. Uma batalha eu acho que não devia visar tanto esse lado esportivo né mas como os caras que dançam eles também precisam de dinheiro né, eles também que correr atrás da bola ai, acaba tendo uma visão um pouco mais pro esporte, por que acho que perdeu um pouco daquilo dos bboys dançarem na rua, nos lugares, por curtição, pela energia dos amigos ali de ta todo mundo junto e ai legal que independente de te essa parte do dinheiro e de te voltado um pouco pro esporte, uma batalha, é que aquele cara que treina, que ama a dança, que gosta da dança, ele vai pra batalha por consequência, mas ele também não vai foca em ganha, ou num vai, não eu vo pra arregaça

todo mundo lá, vo pra... ele vai pra dança, ele vai pra curti por que ele gosta daquilo de ta batalhando com outro cara já que surgiu assim, surgiu como batalha, é eu acho que o legal é isso apesar de ta virando um pouco pro lado mais esportivo ai eu acho que tem bastante gente que acredita na essência, que gosta da dança e que vai pra dança, independente do resultado.

JONAS

1. Meu nome é J. C. F., 22 anos, de Araruna Paraná, Santos São Paulo, segundo ano cursando, solteiro, sindicato, meu lazer... futebol.

2. Ai eu... o meu foi tipo assim, a gente, ai eu zuava ele igual ele falando eu zuava ele ai eles pegaram... ai eu peguei um dia, eu queria, eu chamava, eu zuava mas eu queria aprende, sabe quando tu que aprender, tu fica assim caraca eu to zuando mas eu quero aprende, dai eu peguei e falei com esse amigo nosso, o Adão, ai peguei, ai ele pô to sem lugar pra treinar e tal não sei o que, ai conheci uma mulher que fazia parte da escola da família, que eu jogava bola lá né, até hoje eu sou vidrado em futebol, ai ele pego eu peguei falei pra ele assim, pô então, eu falei com a mulher lá, então, ai ela arrumou espaço pra você treinar, ai eu fiz uma chantagem, contei até uma mentira até pra ele, só que ela falou assim o seguinte, ela só deixa você treinar lá se você me ensinar a dançar tendeu, fiz uma chantagem pra ele, ai ele falo não demoro demoro, te ensino, ai dai eu comecei a pega com ele, fui aprendendo, pegando várias coisas e hoje eu to ai, apaixonado pela dança mais que nunca, deixei o futebol um pouco de lado e hoje eu sou mais a dança. (JURI) E também assim, eu acho que não veio convite também por que a gente é um pouco novo ainda né, começamo agora e tal e tipo, igual eles sempre falam pra gente, o pessoal mais velho, eles falam meu, curti esse momento de vocês, dança, deixa isso dai pro pessoal mais velho e tal entendeu, a gente dexa mais pra eles, que eles entendem um poquinho mais, eles que souberam um poquinho mais dança, do... que conheceram um pouco mais, entendeu.

3. Quanto mais você é tipo, quanto mais você consegue zuar teu adversário, humilhar ele entendeu, a plateia vai vibrar contigo e vai gostar, não tem tipo... vai vamos supor assim, tem a crew, tem a sua crew, tem... crew é o grupo, ai você ta ali com teu grupo e teu grupo ta torcendo por ti, mas tipo, a plateia em si, ta torcendo pros dois lados entendeu, aquele que fizer um movimento mais vibrante, a plateia vai gritar mais, então tu tem, além de

impressionar os jurados, tu tem que impressiona a plateia entendeu, é isso que é a mentalidade, tu pensa assim.

4. A regra também é igual ele falo, não ter contato por que a dança já foi feita pra isso né, igual ele falo pra não ter contato físico, você não pode agredir seu adversário, se você agride, você já ta errado, por que vocês dois tão batalhando mas tão batalhando na dança e o que ele falo também, o que conta também, é o que você faz, os jurados vão olhar tudo, não importa se você é só power move, se você faz só movimento, movimentos de power move, movimentos de giro, não importa se você só dança na musica, aquele que flui mais, que cativa mais o jurado, você... o jurado e a plateia no geral, é aquele que com certeza acho que vai ganha.

5. É acho que praticamente ele já falo tudo né, praticamente isso dai, ai você sempre tem que ir na naquela, você sempre tem que surpreende o seu adversário, tipo você pensa caramba se eu entra primeiro eu tenho que entra, eu tenho que fazer minha session pra arregaçá já pra entendeu, pra mim torce pra ele erra, por que se ele não erra e fizer melhor que eu, ele vai ganhar entendeu, são umas regras tipo assim.

6. Ai a gente também faz assim tipo, campeonatos individuais, ai tipo por que tem vários estilos de campeonato, tem individual, de dupla, trio e crew, então a gente faz assim, quando é campeonato ai aquele que vai participa, os outros da crew se focam mais nele e tipo vai dando uns toque, muda isso, alguma coisa aqui, ai se for outro da crew também participa, ah você também muda isso e tal, ai quando é campeonato de dupla ai tipo... vai tem 3, 4 duplas ai já treina coreografia, ai já começa treina coreografia, todos da crew indicando ó faz isso aqui, coloca isso daqui entendeu, ai de crew já junta todo mundo que dai vai treinando a coreografia todo mundo junto e já se preparando todo mundo junto.

7. Dá um aquecimento antes ai faz uma oração, ai entro na roda, esqueceu de tudo, ali não tem amizade, (Rafael) os únicos amigos é o que é do teu grupo), é o que é do teu grupo, então ali não tem mais amizade naquele momento ali que a gente entro pra batalha, que entro no centro de batalha que os jurados falo ah é tal versus tal, ai já era, ali não tem amizade certa.

8. E as vezes também pelo... é... cada dançarino que se inscreve numa batalha, inscreve seu estilo pelo jeito dele dança, pelo jeito dele cativa o publico e tal, tipo... eu e o... eu e ele, a gente já tem uma diferença, o ultimo campeonato que a gente participo, que a gente fico até em segundo lugar, é... foi de dupla e tal, a gente cativava muito o publico entendeu, a gente brincava muito com o publico, fazia caretas, tipo... fizemos coreografia engraçada entendeu, se você consegue fazer isso, é isso que vai diferenciando tipo, caraca aquele ali já tem um jeito que é totalmente diferente, (Rafael- enquanto os outros, eles entravam, faziam um negócio sério, só fazia um movimento e saia, não mostrava nada sabe...) e, é cada um tem o seu jeito de mostrar a teu flow, o teu jeito de flui na musica entendeu e a gente tem esse jeito que foi igual tipo eu vendo e passando pra eles, o jeito, o feeling e pá, ai a gente pego isso, foi do grupo todo, a gente pego isso e conseguiu esse estilo nosso mas é um estilo próprio mesmo da, dessa crew, Mad Felling Crew.

9. Acho que ele já falo tudo, tipo, tem alguns campeonatos que tem já o campeonato já certo ai a gente já se foca naquele, a gente fala é... eu chego e falo pra eles, vamo se foca em tal campeonato, ah vamo, vamo, demoro, a gente pega se foca só naquele, ai tem outros, ai já tem já vamo se foca naquele, demoro, é só naquele.

10. As vezes os cara nem tinha o telefone um do outro ai via fulano, vai os cara da baixada aqui não tinha telefone ai um dos cara da baixada ia pra são Paulo e chegava lá encontrava os bboy lá po então vai ter uma batalha lá ó semana que vem aqui se vocês quise, demoro, antigamente, mas agora, hoje em dia...Até hoje em dia ainda rola um poquinho isso ai tu informa assim. Eles vem dormem na nossa casa, a gente divide um pouco pra cada casa e assim vai indo.

11. Eu vejo bastante... eu vejo bastante, eu acho que a dança é...principalmente a dança hip hop, que ela já pego, ela já pego do... várias coisas da capoeira, capoeira é um esporte, pra mim eu acho que já deveria ter virado esporte já (Rafael – já devia...) o hip hop mas não é comigo né, não fui eu que criei, não fui que inventei pra da esse palavrado né, mas pra mim já devia ter virado esporte já. Mas eu vejo muita semelhança entre a dança...Deveria ser um esporte sim mas não sai da formação da dança entendeu, eu acho assim. As vezes lota ginásio que cabe 20 mil, você vê lotando ai, ultima que teve agora, a Batalha Of the year, que é a

seletiva pra um campeonato que é a Battle of the year, na Alemanha ou na França, só os melhores do mundo, só os melhores grupos do mundo entendeu, aqui no Brasil tá rolando e é da América Latina agora entendeu e não é divulgado, você entendeu. Ah igual eu falei agora que a gente é foi que eles criaram lá, nos Estados Unidos eles criaram a dança tal, todos os fundamentos, que a gente fala tudo na língua deles que é top rock, footwork, freeze, aqui a gente já incremento mortal entendeu, a gente já foi incrementando coisas da capoeira, a malandragem brasileira entendeu, já colocamos samba, tem cara que coloca o samba, tá dançando o hip hop lá mete o samba lá, os gringos viajam entendeu, aí aqui eu acho que deveria virar um esporte sim que tá... vem vindo bastante coisa por aí que os europeus incrementaram bastante coisa também entendeu, roubaram de alguns esportes e incrementaram e assim vai indo. [batalha] Eu acho que os dois, os dois tipo por que é uma mostra e um campeonato mas o que me dá tipo é, campeonato, eu gosto pra caramba de batalha, amo, mas o que me dá prazer mesmo é...o meu prazer mesmo tipo, amo batalha igual eu tava falando, amo mesmo, mas o que eu gosto mesmo é assim ó, tu reuni a galera, tu coloca a pilha no box e traz o mp3, chama a molecada no final de semana e vim dança assim ó, não tem coisa melhor do que você fazer isso cara, você chega aqui, você tá com seus problemas em casa, você chega aqui, você esquece do mundo, você esquece, parece que...nossa, você entra em outro mundo, completamente diferente nossa...

RODRIGO

1. Rafael Kevin, tenho 18, Ponta Grossa Paraná, Santos, segundo ano cursando ainda, solteiro, trabalho numa farmácia de um centro cirúrgico, dança, risos, a dança.

2. Na verdade começou assim é... um outro amigo nosso que sempre gostou dessa parte de hip hop e tal, eu gostava mas eu não era tanto... tão fascinado assim e ele... passando por aqui, tava tendo essa roda de dança aqui com eles mesmo e ele se informou e pergunto pro Cachorrão onde eles treinavam, como ele fazia pra aprender, eles falaram que tinha o projeto lá na Cadeia Velha e ele foi lá aprender e aí como eu andava com ele, ele primeiro ensinou os irmãos dele, eu estudava com um irmão dele e o irmão dele me ensinou, a gente treinava... a gente começo treinando na rua, num papelão, eu, ele, os outros irmãos dele, depois veio o Julio, ele, o Julio, não gostava, ele gostava mais de futebol, ele até, no começo, ele até crítico ali, falo ah essa dança aí de viadinho risos, então, mas uma vez a gente dançou no colégio e ele

gosto, não sei o que que foi que aconteceu e quis aprende, fala ai Julio. (JURI) Foi um amigo nosso por que a gente prefere não fica pra esse lado pro pessoal não fica falando... já teve é o convite mas a gente prefere batalha, prefere ta ali na hora que pega tudo mesmo.

3. Guerra (risos) por que na verdade foi, a dança foi criada para eles já pararem de se matar né na antiga, por que antes era briga entre gangue, eles quiseram forma alguma coisa pra humilha o adversário mas sem machucar e sem se machucar e tem vários estilos...esse é particularmente do bboy, dessa nossa dança, mas ai tem outro estilo que é mais sensual que é o wacking, tem o estilo que é mais travado e é mais feliz assim, que quer mostrar, esbanjar alegria, que é o locking e tem vários assim, esse é particularmente pra via, humilhar seu adversário, mostrar que você é melhor que ele em tudo. Dentro dos fundamentos da dança e você colocando a sua criatividade na dança, cada vez inventando uma coisa nova.

4. A regra é não encostar, o resto vale tudo, é... você pode fazer qualquer movimento mas dentro do fundamento da dança por que tem, é isso que é...tem os jurados, que eles vão escolher quem, na opinião deles, dança melhor e tem, tem vários estilos de bboy, tem bboy que só gosta de movimento que é, ele entra na roda e não dança na musica, ele vai la e só manda os movimento difícil tal, mas o jurado ele não quer ver isso, ele quer ver a dança né, com começo, meio e fim, ai o...eu acho que os fundamentos assim é isso começo, meio e fim.

5. É assim, ele... é por que assim, é meio difícil até por que é um... a batalha é uma vez de cada, duas entradas de cada e você tem que fazer tipo melhor que o outro, ele manda um movimento, por exemplo, vou dar um exemplo assim fácil vai, ele danço na musica tal, giro de cabeça e caiu, ai ele erro o final, a finalização, já vem o outro, já vem cativando o publico, danço na musica, fez tudo certinho tal, finalizo, levanto, acabo, ai ele fez mais certinho, o jurado ele vai olha isso, quem fez a session mais completa e quem erro, quem deixo a desejar alguma coisa, ele tira a conclusão por isso.

6. É... na verdade a gente gosta de treina só o nosso grupo, por que os outros grupos por mais que tenha amizade fora da batalha, chego ali na roda não tem... ali é sem humildade ali na roda, como todo mundo diz, você entrou, fez uma coisa ai outro é... ele pensa ou sabe que faz melhor que você, se ele quiser ele vai la e vai fazer melhor que você, então você tem que

ficar... e você tem que sempre treina mais...voce olha vê vídeo no youtube, vê e... e persiste no treino, por que é difícil, é difícil. E o bom do bboy é que não tem um estilo certo, você pode pega uma coisa da dança de salão, você pode pegar uma coisa do...vai do funk, vamo dizer assim e... incrementar na dança e isso treinando fica melhor.

7. Então, no dia da batalha primeiro a gente treina muito, antes da batalha, chega um dia antes a gente descansa e dorme cedo, a gente já foi muito em balada e foi virado em batalha, umas vez a gente até ganhou uma batalha bêbado mas isso não pode, isso não faz, mas a gente descansa, acorda cedo no outro dia, se reúne, todo mundo e vai pra batalha, todos juntos, isso que é a crew, chega lá a gente faz uma oração e mostra o que a gente treino, a gente ta lá pra isso.

8. Tem, ah é assim por que bboy, quando vê outro cara que é bboy ele já sabe, não tem...não tem como, não sei, acho que é uma coisa que vem de dentro, a gente olha assim um pro outro ó, é bboy, independente, ta na rua, eu to no trabalho, eu vejo alguém passando, é bboy, mesmo que eu não conheço, pelo jeito, não sei, pelo estilo, pelo jeito de andar.

9. Então é... a gente assim, não tem um calendário certo sabe, a gente... nós treinamos por nós mesmos, não tem coreógrafo, não tem nada e por exemplo, hoje eu não to bem... amanhã vai te uma batalha, amanhã... tipo hoje eu não to bem assim ah eu não vo batalha não, deixa pra lá, eu vo la só pra assisti pra ver o que os outros tão fazendo, pra treina mais, então... ai sempre ta tendo campeonato pra fora e...ai vai tipo a pessoa, nós assim, quando um vai, vai os dois, sempre todo mundo junto pra...pra passa força pro grupo.

10. A maioria assim é tudo por internet, via internet, hoje ta mais fácil né, por que antigamente era de boca em boca e os caras não sabia nada, antigamente os cara era até mais...Encontrava nesse estilo né, ta passando, olha assim, o outro olha, ah é bboy, e ai beleza, é bboy e tal...Mas hoje ta bem mais fácil, internet, celular, a gente conhece o pessoal de outra cidade, por que nas batalha que vai em outra cidade, a gente sempre acaba conhecendo algum, na roda, tipo assim, eu batalho com o cara na roda, por que ele fez alguma coisa pra mim, só que fora da roda eu chego pô legal e ai você é de onde, é assim e vai trocando as informações,

quando tem campeonato aqui a gente passa pra lá, quando tem campeonato lá eles passa pra cá.

11. Ah, poderia ser um esporte, poderia mas... por que hoje, é por que no Brasil a dança não é muito, não é muito tipo...é assim, o pessoal, não acha... acha a dança difícil, não sei, sempre tem uma distancia, dos dançarinos... por que, tipo, amizade, é dançarino com dançarino e vai esportista com esportista, vamos dizer assim, mas acho que não deveria ter isso e hip hop na verdade é um todo né, o hip hop são os quatro elementos, são é... o MC, que é o rapper que canta e tal, o DJ que faz os scrash, coloca a musica, o Grafite que é a parede e o break que é todo tipo de dança, voltado no hip hop e eu acho que deveria ser né, um esporte. Na verdade tem muito campeonato, só que não é bem divulgado, os campeonato com umas estrutura muito assim... boa sabe, só que não é tão... vai na mídia, a mídia eles não costumam, não costuma vê nada de hip hop, de dança, que eu vejo é só dança dos famosos, só e quando tem esses eventos grande de dança break, vai mais de 10 mil pessoas, 15 mil pessoas. Eu acho que como esporte ia ser mais divulgado e mais pessoas ia querer entra nesse mundo da dança, é tipo, por que a gente conhece a dança assim, do nada, a gente ta andando assim na rua e vê uns loco dançando ali de cabeça pra baixo e se tu gosta tu vai la e aprende, (Julio- se o cara for loco mesmo e gosta mesmo ele vai querer aprende) [batalha] É a maior adrenalina batalha, tu fica... tu fica em choque sabe no começo, tipo quando... uns 10 segundos antes de você entra é... o DJ solta a musica e ta um frente a frente ou dois frente a frente e...voce fica naquela adrenalina, ai quem vai entra primeiro, que que eu vou fazer, o que ele vai fazer, eu não conheço ele, será que ele é bom e... ai sempre vem alguém e gira a garrafinha ai tu pensa, ai tem a sorte, se a garrafinha vim pra você, você entra ai você manda o seu melhor ali, (Julio- as vezes não é garrafinha, é quem tem coragem mesmo, quem tem coragem vai...) E a gente nem... na verdade a gente ta dançando pra nós né então, não é pra mostrar, não é pra impressionar ninguém...(julio- é por que a gente ama mesmo, gosta de fazer isso mesmo por que dexa... tem muitos ali, igual o Cristiano, tem o filho e tal, deixa o menino, tinha o momento de passa com o filho dele entendeu, leva o filho no cinema, tem o cara vim...entendeu, a gente da muito valor nisso, isso é prazeroso pra acho que pra todo bboy isso é prazeroso, você vim... tem cara que dexa a família em casa, ou traz a familia, vamo lá, a familia muitas vezes tem familia que não gosta e tal, ai não gosto, mas vai la por que gosta de incentivar entendeu.